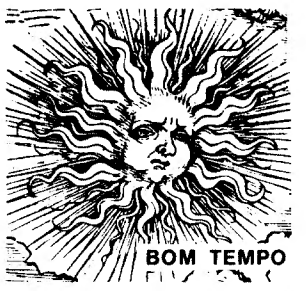
Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 7 DE JULHO DE 1972-N.º 17794-ANO 52.º PREÇO 1$50



PORTUGAL-MERCADO COMUM:

PROSSEGUEM AS NEGOCIAÇÕES

O Embaixador Teixeira Guerra lamentou que o Euromercado não esteja disposto a negociar problemas agrícolas, numa declaração proferida no decorrer de uma conferência de imprensa realizada ontem em Bruxelas, depois da reunião entre a Delegação Portuguesa, a que preside, e a Comissão Europeia da C.E.E. Fontes ligadas às Comunidades esperam que as negociações cheguem a um resultado positivo no princípio da próxima semana. «Não sou péssimista nem impaciente», afirmou o embaixador, que pela sua actividade diplomática foi recentemente condecorado pelo Chefe do Estado. Ontem, realizaram-se também conversações entre os Representantes da Comunidade e as Delegações dos países da EFTA que não aderem ao Mercado Comum.

RESUMO

FAURE

A inclusão de Edgar Faure, primeiro-ministro durante a IV República e ministro da Educação do general De Gaulle, no Governo de Messmer deve apelar, segundo se espera, para o eleitorado liberal Ao anunciar ontem à noite a composição do novo Governo, Messmer afirmou: «Espero coesão e eficiência. Aguarda-nos uma missão longa e grandiosa que tudo faremos para cumprir». (ANI/FP/R e «DL»).

SCHMIDT

O ministro da Defesa da Alemanha Federal, Helmut Schmidt acaba de suceder ao prof. Karl Schiller no cargo de ministro da Economia e Finanças, numa pequena remodelação ministerial decidida pelo chanceler Willy Brandt a noite passada. A demissão de Schiller ficou a dever-se ao facto de os seus colegas de gabinete terem decidido impor medidas de «controle» dos câmbios contra a sua vontade. (R. e «DL»).

FESTIVAL

Algumas alterações nos primeiros lugares vieram trazer maior emoção à votação para a escolha de um intérprete para o Festival do Rio. Embora José Cid se mantenha bem firme no primeiro lugar, Duarte Mendes, prémio de interpretação no último Festival da Canção, não arreda do segundo e José Afonso subiu, sensacionalmente, para terceiro, ultrapassando largamente Paco Bandeira (Pág. 6).

O "DL" NA MINI COPA

Foi o nosso pior jogo

A selecção portuguesa fez ontem à noite no «Mineirão» de Belo Horizonte, contra os soviéticos, o seu pior jogo na mini-copa. O onze nacional ressentiu-se da violência dos uruguaios no encontro anterior, e alguns dos nossos melhores jogadores, como Eusébio, actuaram em precárias condições físicas. Ficaram dúvidas de que Eusébio possa actuar no próximo domingo na grande final do Maracanã contra o Brasil. (Neves de Sousa fala do jogo em «Desportos»).

Eusébio entre dois russos. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL).

Lopez Rodó espera

Fim das barreiras Portugal-Espanha

A Imprensa madrilena da tarde de ontem deu eco importante à afirmação do ministro espanhol Laureano Lopez Rodó, de que «um dia desaparecerão as artificiais barreiras aduaneiras entre a Espanha e Portugal». Lopez Rodó falava, na quarta-feira, em Badajoz, no encerramento do Conselho Económico Sindical das províncias de Badajoz, Cáceres e Huelva, e passando em revista os investimentos e as perspectivas para estas províncias, manifestou a esperança de que ao desenvolvimento simultâneo das mesmas corresponda harmònicamente o do vizinho Portugal. «Abrigo a esperança», precisou, «de que um dia, não demasiado longe, graças ao espírito de colaboração e à inteligência politica dos seus respectivos governos, se reduzam gradualmente, até, ao total desaparecimento, as artificiais barreiras aduaneiras que separam as duas nações irmãs peninsulares». (F.P./D.L.)

Quer uma cabeça nova?

FIUGGI (ITALIA), 7 (ANI) — «Quer uma nova cabeça?» O professor norte-americano R. J. White, de Cleveland (Ohio), declarou em Fiuggi que esta pergunta não é impossível.

E que, em caso afirmativo,

Continua na pág. 11

Mesa Redonda

SUMÁRIO DE HOJE

QUE TURISMO PARA PORTUGAL? — entrevista com o arquitecto Conceição Silva.

E OS VELHOS? — resultados de um inquérito a 2500 pessoas sobre a ajuda a dar às pessoas idosas no nosso País.

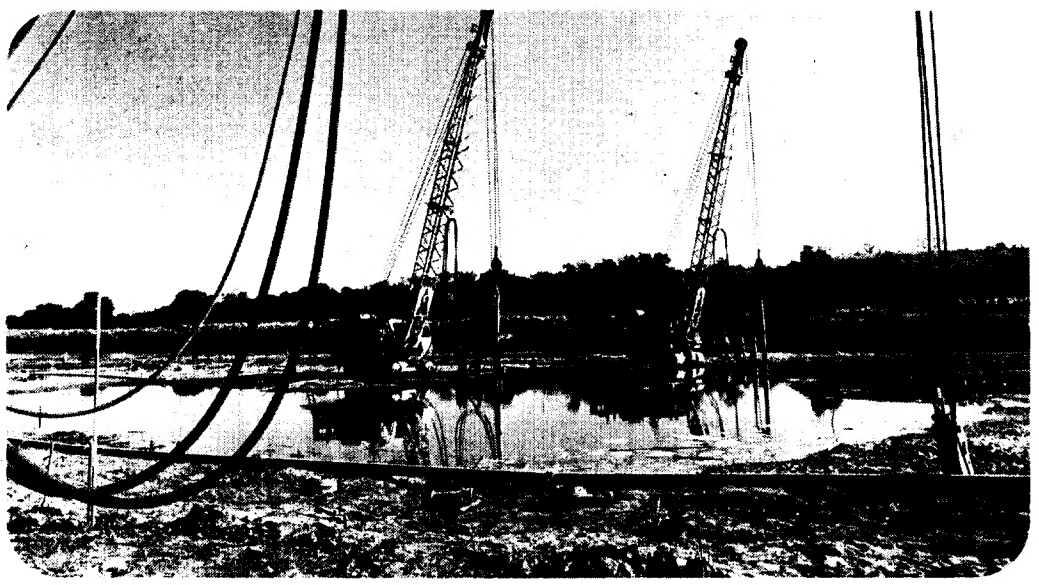
QUANTO PAGA DE RENDA DE CASA? — inquérito ao acaso da rua.

Artigos de SÉRGIO RIBEIRO («Encontros e Reconstros»), CALVET DE MAGALHÃES («O Futuro dos Jovens»), TORQUATO DA LUZ («Novo Mandato»), A. PEREIRA DA SILVA («Vocação Europeia»), AVELINO RODRIGUES («Rendas Limitadas, por que não?»), MANUEL DE AZEVEDO («Falemos de Hospitais»), etc.

E ainda as habituajs secções «Assim vai o mundo — Assim vamos nós», «Espelho da Imprensa»,

AQUI NASCE A BARRAGEM DO MASSINGIR

Integrada no plano de aproveitamento do Vale do Limpopo, em Moçambique, a Barragem de Massingir começou já a ser construída. Pensada já em 1924, a obra — destinada essencialmente ao aproveitamento agrícola da região e com possibilidades de produzir igualmente energia eléctrica — será implantada no Rio dos Elefantes, regularizando os seus caudais. (Pág. 13)



HOJE: 36 PÁGINAS

NO PLENÁRIO DO PORTO

Está marcada para o dia 21, às 14 e 30, no Tribunal Plenário, ao qual preside o desembargador dr. Morais Campilho, a leitura do acordão do processo dos cinco réus, que ali vêm sendo julgados, arguidos de tomarem parte numa manifestação efectuada em 1 de Maio do ano passado.

Na audiência de ontem, o dr. Armando Bacelar ditou para a acta um requerimento reclamando a formulação de alguns quesitos, que diziam respeito a todos os arguidos (srs. António Joaquim de Azevedo, dr. José Fernando Coelho Cardoso, eng. Manuel Magalhães Gomes Mota, António Jorge Mendes Carvalho e Francisco Tibúrcio Ribeiro).

Após outras intervenções dos drs. Lino Lima e Raúl de Castro, advogados de defesa, de alguns dos arguidos, o ajudante do procurador da República pediu o indeferimento da matéria ditada pelo dr. Armando Bacelar.

Depois de reunido, o tribunal indeferiu parte das reclamações e foram lidos os quesitos com novas formas, que mereceram reparos do dr. Armando Bacelar.

Esta tarde, o tribunal apresentará a redacção definitiva dos quesitos.

Novos Doutores em Ciências

As provas de doutoramento em Ciências que há dias vinham a ser prestadas na Reitoria da Universidade de Lisboa, e em que eram candidatos os licenciados D. Maria Helena Silva Canilho e Miguel Marques de Magalhães Ramalho, terminaram ontem, com a apreciação das dissertações apresentadas pelos mesmos.

A primeira a prestar prova foi a dr.ª Maria Helena Silva Canilho, cuja dissertação se intitulava «Estudo geológico petrográfico do maciço eruptivo de Sines», que foi argumentado pelos profs. Carlos Teixeira e Montenegro de Andrade. O júri a que presidia o vice-reitor da Universidade, prof. Pinto Peixoto, após encerramento da discussão, deliberou aprovar a candidatura com distinção.

Seguiu-se prova idêntica com o dr. Magalhães Ramalho, cuja dissertação versava o tema «Contribuição para o estudo micropaleontológico e estratigráfico do Jurássico superior dos arredores de Lisboa», e foi argumentado pela prof.ª Madeleine Neumann, de Paris, e pelo prof. Torre de Assunção. O júri, também presidido pelo prof. Pinto Peixoto, resolveu atribuir ao candidato a alta classificação de aprovado com distinção e louvor.

TOIROS em VILA FRANCA

GRUPO A 6 ANOS

COLETE ENCARNADO

DOMINGO, 9 DE JULHO DE 1972

— às 6 da tarde —

CORRIDA PALHA

AO USO DE ESPANHA

JAIME OSTOS
JOSÉ JÚLIO
JOSÉ FALCÃO

6 PALHAS 6

A GANADARIA COM MAIS HISTORIAL

BILHETES DESDE 50$00

HAVERÁ ESPERA DE TOIROS ÀS 10.30 HORAS DA MANHÃ

ESCOLA LUSITANA FEMININA

RUA DE D. ESTEFÂNIA, 126 (à Av. Duque de Ávila)
Telefones 44730 e 553575

Curso de Instrução Prática

OFICIALIZADO POR DESPACHO DE 27-5-1971
PREPARAÇÃO PARA

Secretárias

E

correspondentes estenodactilógrafas

EM

português, francês e inglês

A frequência dos dois primeiros anos constitui forma oficial do cumprimento da escolaridade obrigatória com economia de um ano para a conclusão do curso

A duração do curso, os planos de estudo e os métodos de ensino usados nas diferentes classes e turmas dependem das habilitações das alunas que nelas ingressam, que podem variar desde a 4.ª classe até ao 5.º ou 7.º anos liceais

Enviam-se brochuras elucidativas

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis, para a boa conservação das redes, obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

3.º Sector — **Concelho de Lisboa**: Rua de Alcântara de 1-A a 21-A, Rua das Fontainhas 2 a 38 (Das 8 às 12 horas). 3.º Sector — Rua Saraiva de Carvalho de 332 a 392, Cemitério dos Prazeres, Parada dos Prazeres de 1 a 19, Trav. do Baúto de 40 a 42. (Das 8 às 12 horas). 6.º Sector — Rua da Vitória de 82 a 96. (Das 8 às 12 h.). 9.º Sector — P.ª Manuel Cerveira Pereira (toda). (Das 8 às 12 horas). Rua das Pedras Negras de 10 a 16-A e 1 a 33, Cd.ª do Correio Velho de 1 a 19 e 8 a 16, L.º de Santo António da Sé de 1 a 23 e Igreja, Rua Santo António da Sé de 2 a 20, Trav. de Santo António da Sé de 1 a 21, Rua da Padaria de 39 a 51 e 2 a 52, Rua dos Bacalhoeiros de 28 a 30-B, Rua Augusto Rosa de 44 a 70, Pátio do Aljube (todo), Rua S. João da Praça de 97 a 103, Cruzes da Sé de 5 a 31-A, Rua das Canastras de 26 a 46, Arco Escuro de 2 a 14, Beco do Arco Escuro de 1 a 5. (Das 8 às 12 horas). 9.º Sector — Cd.ª da Picheleira, Rua João Nascimento Costa, Rua Capitão Roby, P.ª Silveira Peixoto, Quinta do Machado, Cd.ª do Carrascal, Rua Dr. Faria de Vasconcelos, Rua Professor Mira Fernandes e imediações. (Das 8 às 12 horas). 10.º Sector — L.º Defensores da República à Charneca, Campo das Amoreiras à Charneca, Est.ª Forte da Ameixoeira até à Az.ª dos Milagres, Est.ª de S. Bartolomeu (parte), L.º do Médico e imediações. (Das 8 às 12 horas). 10.º Sector — Campo das Amoreiras à Charneca, Quinta do Louro (parte) e alimentação para a Câmara Municipal de Loures. (Das 8 às 12 horas). 10.º Sector — Est.ª da Torre de 1 a 17, Rua Particular (toda), Rua do Lumiar de 2 a 10-A (Das 8 às 12 horas). 10.º Sector — Campo Grande de 191 a 247, Av. Marechal Carmona, junto ao Campo Grande, Az.ª dos Ameixiais (toda), Az.ª do Loureiro (toda), Est.ª de Telheiras (toda). (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras**: Murganhal e Barracas da Pedreira Italiana. (Das 8 às 14 horas). 2.ª Zona — Queijas. (Das 8 às 14 horas).

3.ª Zona — **Concelho de Sintra**: RIO DE MOURO (Alto do Forte e imediações); CASAIS DE MEM MARTINS (Rua da Tomadilha, Av.ª da Bela Vista, Rua das Fontainhas, Largo dos Casais, Az.ª da Tapada, Az.ª das Caneiras, L.º do Brejo, Az.ª do Rio Novo, Rua João XXIII e imediações); MERCÊS (Rua Abade Baçal, Rua Abade Faria, Rua Nuno Gonçalves, Rua do Rio, Rua João de Barros, Rua Sá de Miranda, Rua Damião de Góis, Rua Ribeira das Lajes e imediações); MEM MARTINS (Rua de Fanares, Rua de Moçambique, Rua de Angola, Rua de Macau, Rua da Azenha, Rua das Hortas de Fanares, Pracetas de Goa, de Damão e de Diu, Rua da Índia Portuguesa, Av.ª da Bela Vista e imediações). (Das 8 às 14 horas). 4.ª Zona — Lameiras, Base Aérea da Granja do Marquês. (Das 8 às 14 horas). 5.ª Zona — Monte Santos, Est.ª de Monte Santos, Rua Barão de Almeida Santos, Av.ª Combatentes da Grande Guerra e imediações. (Das 8 às 14 horas).

6.ª Zona — **Concelho de Cascais**: Alvide, Bairro dos Pobres, Bairro Irene, Cobre, Bairro Santana (parte). (Das 8 às 11 horas).

7.ª Zona — **Concelho de Cascais**: MONTE ESTORIL: Rua Conde Mozer, Rua de Nice, Rua Alegre, Rua de Espinho, Rua do Lido, Rua do Lago, Av.ª dos Estrangeiros e imediações. (Das 8 às 14 horas).

8.ª Zona — CASCAIS: Av.ª Valbom, Rua Dr.ª Iracy Doyle, Rua Sebastião José de Carvalho e Melo, Alameda Duquesa de Palmela, R. Frederico Arouca e imediações. (Das 8 às 14 horas).

9.ª Zona — **Concelho de Mafra**: VENDA DO PINHEIRO e ASSEICEIRA PEQUENA: R. Manuel Valente Duarte, Bairro da Varzea, Alto do Urseiro, Asseiceira Pequena. (Das 7 às 15 horas). 10.ª Zona — Lapa da Serra, Foz do Lizandro e imediações. (Das 7 às 15 horas).

11.ª Zona — **Concelho de Alenquer**: ALENQUER: Rua António Maria Jalles e imediações. (Das 8 às 14 horas).

12.ª Zona — **Concelho de Vila Franca**: Póvoa de Santa Iria, Caniços, Santa Eulália, Granja, Quintanilho, Alpriate, Vialonga, Verdelha do Ruivo. (das 8 às 14 horas).

13.ª Zona — ALVERCA: Quinta do Forno e imediações, Rua José António do Carmo, Rua de Diu, Rua Boca Larga (parte), Rua Damão, Rua João Mantas (parte) e imediações. (Das 8 às 14 horas). 14.ª Zona — Toda a rede de B. T. de Vialonga. (Das 8 às 14 horas).

PARA REPRESENTAR PORTUGAL

NO

VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO POPULAR

DO RIO DE JANEIRO

Indico o intérprete:

.....

Envie por correio ou entregue pessoalmente no «Diário de Lisboa», Rua Castilho, 185-1.º — LISBOA
Veja as páginas de espectáculos

2.500 ANOS DA MONARQUIA PERSA CELEBRAM-SE EM PORTUGAL

O Chefe de Estado presidirá ao acto inaugural da Exposição «Portugal e Pérsia», que terá lugar no próximo dia 30 do corrente, pelas 17 horas, nas Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian. Para o acto foram convidados membros do Governo e altas personalidades nacionais e estrangeiras, entre as quais o embaixador da Pérsia em Paris e Portugal, dr. Pakravan, que se fará acompanhar pelos drs. Badie e Naderzad, seus conselheiros. A exposição faz parte das Comemorações em Portugal dos 2.500 anos da Monarquia Persa, cujo programa foi estudado pela Fundação Calouste Gulbenkian, a pedido do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Foi constituída, para o efeito, uma comissão que, sob a presidência do dr. Azeredo Perdigão, acordou em que se fizesse uma exposição de objectos artísticos e de documentos antigos e respectivo catálogo, um album de obras de arte persa pertencentes à Fundação, um catálogo da documentação existente nas nossas bibliotecas e arquivos respeitante às relações entre Portugal e a Pérsia nos séculos XVI e XVIII, a publicação de trabalhos inéditos tendo por tema aquelas relações e uma série de conferências.

Da elaboração do inventário de documentos existentes nas nossas bibliotecas e arquivos encarregou-se o director da Biblioteca Geral da Fundação, prof. Luis de Matos, que contou com a colaboração dos directores dos respectivos estabelecimentos.

mini JORNAL

Foram ontem condecorados na embaixada da Itália em Lisboa diversas personalidades ligadas ao sector da educação.

O Dia Nacional da Venezuela foi ontem comemorado em Lisboa com várias solenidades a que se associaram as missões diplomáticas acreditadas em Portugal.

O eng.º Jorge Emílio Vieira foi reconduzido no cargo de administrador por parte do Estado da Sociedade Nacional de Estudos a Financiamento de Empreendimentos Ultramarinos.

Os beirões residentes em Lisboa reuniram-se ontem na Casa das Beiras para homenagear dois beneméritos recentemente condecorados.

Foram apresentadas ontem na Academia das Ciências duas comunicações: uma do dr. António Rosa Damásio sobre «Perturbações da linguagem e funções simbólicas por lesões focais» e outra «Sobre as prioridades de Pedro Nunes contestáveis?» pelo dr. Luis de Albuquerque

Realiza-se amanhã, na Sociedade «Voz do Operário», pelas 19 horas, a Assembleia Geral dos sócios do Sindicato Nacional dos Profissionais de Tráfego dos Distritos do Porto e de Lisboa.

Comemora-se amanhã o Dia da Marinha. Todos os Comandos Navais do Continente, Ilhas e Ultramar preparam diversas cerimónias para assinalar a efeméride.

Opinião

EXPORTEMOS, SIM, MAS NÃO TUDO

Ao aprovar uma lei que controla a venda e exportação de documentos de valor histórico e artístico, as Cortes espanholas decidiram estancar uma sangria que, segundo as informações divulgadas, causara já gravíssimos prejuízos de ordem cultural. Chegara-se ao absurdo de terem de deslocar-se ao estrangeiro os historiadores espanhóis para realizarem estudos sobre a história do seu país, e, no domínio da arte, afirma-se que não foram poucos os casos em que os sacerdotes venderam autênticas preciosidades, com o fito (na hipótese ainda assim mais aceitável) de sustentarem as suas paróquias.

Esta situação tem para nós alguma coisa de familiar. Também por cá o desbarato das espécies bibliográficas e dos manuscritos atingiu extremos de muita gravidade. E se o recheio artístico das igrejas não veio a ser sèriamente afectado, deve-se isso apenas ao facto de, salvas algumas excepções, não atingir ele um valor que particularmente suscitasse as cobiças estrangeiras. O que não quer dizer que não se tivesse verificado um movimento de «circulação interna» que fez mudar de dono algumas peças de qualidade...

Como aliás acontece noutros sectores, só muito raramente é que os casos vindos a público ganham dimensões espectaculares, o que, supomos, se deve, principalmente, ao pouco caso que os portugueses fazem do seu património cultural. Se amanhã se souber que o quadro X, a escultura Y ou o manuscrito Z foram vendidos a museus ou universidades do estrangeiro, a notícia não tirará o sono a ninguém, mesmo que a imprensa procure agitar o acontecimento e reclamar a atenção das entidades oficiais. Após um pequeno remoinho de quarenta e oito horas, o assunto começará a afundar-se no meio das mil e uma banalidades do quotidiano. Daí ao esquecimento total não medeia mais do que um passo, que fàcilmente é dado...

O hábito dos pequenos atropelos suportados com resignação vai preparando a indiferença perante os atropelos grandes, tudo isto ajudado por uma parcimónia financeira oficial não poucas vezes responsável pela final exportação de espécies que, com um pouco mais de generosidade, permaneceriam entre nós, enriquecendo as bibliotecas e os museus. Por outro lado, o arrolamento cultural do país está muito longe de se encontrar concluído, para não falar já do exame minucioso dos arquivos, porventura capaz de dar resposta a perguntas que a história ainda mantém em suspenso.

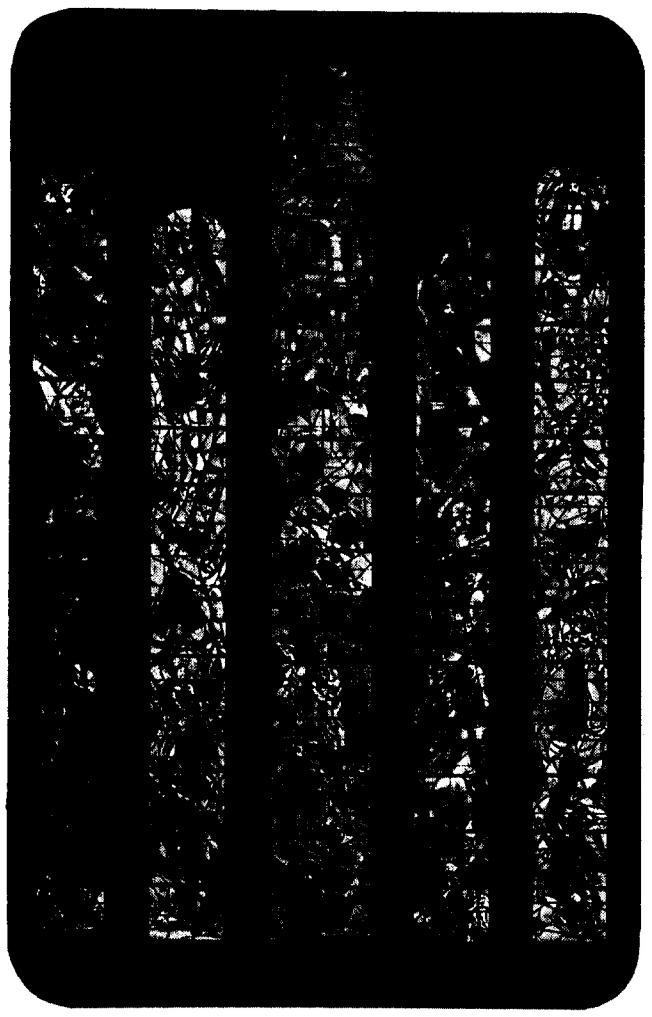
O exemplo espanhol, e sobretudo a energia com que parecem ter sido tomadas as providências a que nos referimos, deveriam ser objecto de atenção por parte das entidades que deste lado da fronteira se ocupam de matérias afins. A reverificação dos textos legais que, melhor ou pior, protegem o nosso acervo cultural impõe-se como antídoto contra a rotina que sempre corrói as melhores intenções.

Feito tudo isto, se se chegar à conclusão provável de que também nós deveremos aprontar novos instrumentos legais de protecção, ressalvem-se os interesses particulares legítimos, mas use-se da maior severidade nas exigências e na aplicação de sanções, quando houver motivo, sem olhar à qualidade das pessoas ou entidades que venham a ser alvo delas. O património português não pode estar sujeito ao arbítrio e a qualquer jogo comercial onde a oferta e a procura sejam os únicos factores importantes.

URBANO TAVARES RODRIGUES — NA SUÍÇA - 1

DE BASILEIA A ZURIQUE

O Reno, a lua cheia, os automóveis de luzes apagadas, os cães que passeiam os donos (e os caniches as donas), a água sem adormecer, o recorte palaciano da Zum Kirschgarten, rosas autênticas com falsas esmeraldas e até a carícia húmida da noite no recanto gótico da Catedral: primeiras imagens e sensações de Basileia.



Chagall, mito e transparência

No dia seguinte visito a Feira Internacional de Arte, onde as galerias de inúmeros países expõem o melhor (e às vezes também o menos bom) da produção mundial no campo das artes visuais. É uma frenética babel: gentes e idiomas desencontrados num imenso pavilhão circular, espécie de bolo-rei dos **marchands** todo compartimentado e recheado de surpresas. Ao meio, aberta ao céu azul-metálico, satisfação, uma esplanada com mesas de café-repouso e várias esculturas em liberdade, onde as crianças se encavalitam.

Vou de uma a outra galeria, numa ansiedade de tudo ver. Depois, fixo-me apenas no que mais me interessa, pela corrente de beleza, pela novidade construída, pela significação. Há óleos, litografias, serigrafias, esculturas, arte cinética, arte cibernética. Há Matisse, Picasso, Dali, Max Ernst, Vasarely, Kandinsky. Há papéis de forrar paredes assinados por grandes pintores. Galerias de Nova Iorque, de Paris, de Londres, Roma, Florença, Barcelona, Berlim, Hamburgo, Hanôver, Colónia, Zurich, Caracas, Haifa, Amsterdão, Palm Beach, Bruxelas, Québec. Viena de Áustria, Genebra, Milão, Ilbiza, Nápoles, Estocolmo, Lugano, Berna, Montréal, Washington... Nem uma só galeria portuguesa, é pena, temos, apesar de tudo, coisas para mostrar. Aqui se descobrem influências (ou parentescos?) que, de repente, deitam por terra castelos de reputações. E há também o encantamento, e o prazer de jogar com o objecto de arte, e o amor de chofre, ou pouco a pouco.

Vou lentamente prosseguindo, tornando atrás. O expressionismo alemão. A **modern art**. Schreib. Matta. Alechinsky. Man Ray, Ahl, agora o Minho, mas através de Sónia Delaunay. E continuo: Chagall, Ema Stern, Tur Costa, Michel Senphor, Tinguely, Niki de Saint-Phalle (as multiplicações pop), a «paisagem secreta?» de Magritte, a tensa e exasperada «Alegria de Viver» de Farbradierungen, a metralhadora na tela: Ferroni (lembramo-nos de Bertolucie de «**La Clina é civina**») as decomposições de Velasquez, a ironia de Saura, o erótico e o horrífico no surrealismo de Horst Janssen, a presença mágica e a qualidade da matéria de Vieira da Silva, um Duboffet insólito.

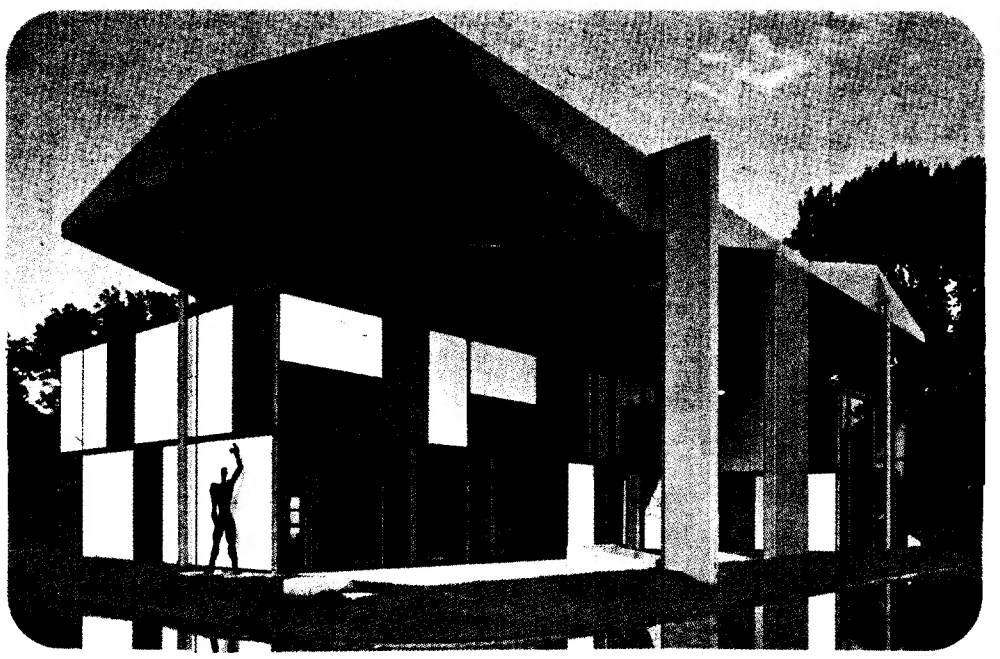
Noutra galeria da cidade só Kandinsky: pintura mental e, ao mesmo tempo, deflagrante. Faz-me pensar que Leonardo teria de ser assim no século XX.

Viro o dia, no caderno da lembrança a acontecer.

É em Zurique, em Ascona ou em Genebra? Viajei tão depressa: vinte vezes, em cada instante, o aço novo da impressão. O furor oculto das verdades estáticas. A Suíça ultra-verde, tão suave em Junho!... Estavam os italianos comendo um jantar japonês (não, não sei dizer o nome dos pratos, mas eram, de facto, deliciosos, ainda mais leves do que os **chineses**) e havia também portugueses e até suiços e falou-se (eu ouvia e, por vezes, concordava) da necessidade absoluta da auto gestão para salvar (salvar?) a Itália da crise (e não serão as crises explosões de crescimento?). A extrema politização dos trabalhadores e a manifesta incúria (ou incapacidade) governamental podem levar a um confronto violento: à paralisação do trabalho. De momento, há a registar que o rendimento nacional apenas aumentou 0,5 por cento em 1971, o que equivale a dizer **estagnação**. Além disso, a produção industrial desceu (menos 3,3 por cento), o desemprego aumentou, a inflação subiu (mais de 5 por cento) e na pequena e na média indústria houve numerosas falências (consequências da política monopolista). Falou-se também muito da França e não faltava quem se entusiasmasse com a aliança Mitterrand-Marchais, com a hipótese (ainda remota, é certo) de uma vitória eleitoral das esquerdas, e sobretudo com a excelente elaboração do programa de governo: as nacionalizações, a participação, a democratização das instituições, a contribuição para a paz, a tentativa de construir a felecidade na terra, em suma (sejamos modestos) de «viver melhor»...

Mas estamos na Suíça, que, às vezes, até se esquece um pouco do mundo que a rodeia, da Suíça que pratica nos seus cantões um tipo de democracia directa consideràvelmente vivo e autêntico. Não me parece, de facto, ocioso, que as pessoas — os cidadãos — sejam chamados a votar sobre questões como a da recolha do lixo ou da hora de encerramento dos restaurantes e bares. É a partir das células menores de uma sociedade que ela se politiza, se civiliza. Admitamos que uma inflexão subtil na formulação dos próprios questionários, na publicidade que lhes é dada (ou não) na imprensa veicula já o ponto de vista do município, dos governos cantonais, ou do governo federal, ergue um ponto em debate até à tribuna das grandes discussões ou fá-lo passar desapercebido. Enfim, cumpre ao votante estar atento.

Outra reserva: também não deixa de ser verdade que os suíços, mormente os suíços alemães (hipereducados, sem dúvida, e exemplarmente acatadores das suas leis, conscientes dos seus direitos e prontos a reivindicá-los) olham algum tanto para a Suíça (logo para si próprios, para o seum umbigo) como para o fulcro do mundo, melhor, para o seu mundo murado. Há nalguns cantões — e todo o visitante de olhos abertos se dá conta disso — traços, vestígios, vamos lá, de democracia à ateniense, assente no trabalho «inferior» dos «metecos»: os emigrantes italianos, espanhóis, jugoslavos, turcos, portugueses. Nota-se até em Zurich uma certa discriminação ao nível do convívio (questões de «polidez»)... E os serventes da construção civil, agarrados às gruas e às perfuradoras, às pás mecânicas, são, no geral, gente escura, em tronco nu.



O Centro Corbusier

De resto até na Suíça italiana, a classe rica é a que fala alemão, suíço-italiana, com excepções, claro está, a menos afortunada.

Sim, Zurich é uma bela cidade, mais até pelas colinas, pelo lago espelhado, o **Zürichsee**, pelos jardins (não só públicos como particulares, oh, prazer de viver!) do que pela monumentalidade. Estamos no maior centro comercial e industrial da Suíça. O burgo derrama-se por uma grande extensão plana, entremeada de relvados, galga as colinas (bosques, bairros resi-

Continua na pág. 4

DL/NACIONAL

NA SUÍÇA - 1

Continuação da pag. 3

denciais), esp r eita os Alpes, tem cá em baixo, o seu pulmão na Banhofstrasse, junto à estação central. A Catedral, fundada por Carlos Magno, tem vitrais de Augusto Giacometti, tio de Alberto. Aliás, há algures na cidade (já não sei localizá-lo) um bar insólito, vagamente sofisticado, com Picassos legítimos pendurados nas paredes e candeeiros sumptuosa e agressivamente esculpidos por Diego Giacometti, irmão de Alberto. Para ver as obras deste, há que ir ao Museu, o extraordinário e bem iluminado Kunsthaus, riquíssimo em Monets, Vuillards, Modiglianis, Braques, Klees, e onde até achamos Vieira da Silva, Vasarely, Lichtenstein, Tapies, etc.

Inesperado e delicadíssimo é o encanto da Fraumünster (igreja de Nossa Senhora), cujos cinco vitrais são de Chagall e excedem em luz e transparência (amarelos, rosas, l i lases, vermelhos) o que de maravilhoso é concebível. Regresso às nascentes do amor e do mito bíblico. Como um pintor-artesão da Idade Média, Chagall assume o tema iconográfico religioso. O vitral do centro (a ascensão) é como que o eixo de que dependem cromàticamente (e na composição) os quatro restantes que representam a lei e os profetas, os patriarcas guiados por Jeová e a Jerusalém da esperança (que já mergulha a sua inspiração no Novo Testamento). Por toda a parte, acontecimentos da vida de Cristo e sempre em ritmo ascendente e com uma vibrante unidade de movimento e tonalidades.

A cor pode ser em Chagall um agradecimento à vida.

MILITARES CONDECORADOS

Por portaria de 17 de Junho de 1972, do ministro do Exército, foram condecorados com a medalha de Mérito Militar de 2.ª classe, o adido militar e o adido militar adjunto dos Estados Unidos da América, coronel Stanley Blum e tenente-coronel Lewis Lepper, que em breve deixarão os cargos que ocupam.

As referidas condecorações foram impostas ontem pelo general chefe do Estado-Maior do Exército, em cerimónia que teve lugar no seu gabinete, na presença de oficiais generais e dos chefes de repartição do Estado-Maior do Exército.

OS BISPOS REÚNEM-SE EM FÁTIMA

A Conferência Episcopal Metropolitana vão reunir-se em Fátima nos dias 9 e 10 do corrente. Prevê-se a presença de vinte cinco bispos residenciais e auxiliares.

SINDICATO DOS CAIXEIROS DO DISTRITO DE AVEIRO

Está publicado o relatório do Sindicato dos Caixeiros e Empregados de Escritório do distrito de Aveiro relativo ao ano de 1971. Na apresentação esclarece-se:

«Acredotamos não nos havermos realizado integralmente como dirigentes sindicais, o que sinceramente nos entristece. A tarefa, porém, que ao dirigente sindical incumbe é hoje em dia cada vez mais complexa, exigindo uma doação total ao cargo com elevado prejuízo da vida profissional e particular de cada um. O dirigente sindical deveria poder gozar de uma geral autonomia nas empresas em que exerce a actividade profissional, de modo a permitir-lhe aquela assistência quotidiana que os vários problemas do dia-a-dia exigem. E que nessa situação nem todos estamos é uma verdade. A actualização dos dois Contratos Colectivos de Trabalho de Aveiro foi, com vista ao futuro, um passo em frente bastnate positivo, pois que, depois de um longo período de vigência de oito anos, essa actualização impunha-se em todos os capítulos».

Depois de aludir a vaias iniciativas do Sindicato durante o ano, o relatório debruça-se sobre as convenções colectivas, acrescentando:

«São mais de duas dezenas de convenções negociadas e em negociação. Tal número parece-nos que diz bem das dificuldades deparadas, com solicitações constantes a que é pràticamente impossível anuir».

E foca em lugar de relevo as regalias alcançadas, para além da nova tabela de ordenados, afirmando:

«... foram alargados os períodos de férias e respectivos subsídios, estabelecida a obrigatoriedade do pagamento do 13.º mês e conseguida a uniformização do horário de trabalho com o reconhecimento do regime de semana inglesa para todo o Distrito. Esta última regalia representa um excepcional passo em frente, não só no aspecto social, mas também pelo que representa de abertura dos senhores dirigentes gremiais que assim demosntram uma perfeita compreensão dos pgblemas da classe».

Quanto aos números inscritos pelo relatório merecem saliência os que se referem à receita do organismo: 700210$70 contra 698180$60 de despesa (485329$50 de administração, 56401$40 de representação profissional e 156449$70 de Educação e Assistência).

Morte trágica do motoretista

Ao Hospital Escolar de São João, do Porto, chegou às duas horas da madrugada de hoje, já sem vida, o operário sr. José Pereira da Silva Costa, de 56 anos casado, morador na travessa da Aldeia Nova, 45, em Milheiros (Maia).

Na estrada da Circunvalação, perto daquele estabelecimento hospitalar, a motorizada em que seguia embateu num automóvel e, desgovernada, foi ainda, de encontro a um transeunte, o sr. Arnaldo Pinto, de 31 anos, casado, operário, da Rua das Oliveiras, 242, Águas Santas, provocando-lhe ferimentos diversos.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

Sob a presidência do dr. Eduardo da Cunha Serrão, secretariado pelo dr. Mário Pires Bento, reuniu a Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses, tendo o doutor Georges Zbyszewski, geólogo dos Serviços Geológicos, apresentado uma comunicação sobre «A estação mustierense da Quinta da Rosa (Rio Maior)», descoberta recentemente e estudada em colaboração com o dr. O. da Veiga Ferreira, o dr. M. Leitão e eng.º T. North.

Depois de indicar a posição da jazida na zona dos terraços quaternários a SE de Rio Maior, o autor da comunicação lembrou que, naquela região a matéria prima que servia para o fabrico dos instrumentos pré-históricos existe em abundância nos terrenos miocénicos, donde foi extraída em todos os tempos desde o Paleolítico antigo até à época moderna.

Assim, ainda no principio do século XX, existiam na região de Rio Maior e em especial na povoação de Azinheira, oficinas de preparação de pederneiras para espingardas, cujos vestigios podem enganar, por vezes, arqueólogos desprevenidos.

A estação da Quinta da Rosa corresponde a uma pequena oficia pré-histórica que deu, até agora cerca de 300 artefactos diversos, entre os quais diversos tipos de núcleos, numerosos instrumentos de silex, de quartzo e de quartzito, bem como abundantissimas lascas residuais.

O estudo da tipologia mostrou tratar-se de uma industria mustierense típica, cujas peças mais representativas foram apresentadas pelo autor no final da comunicação.

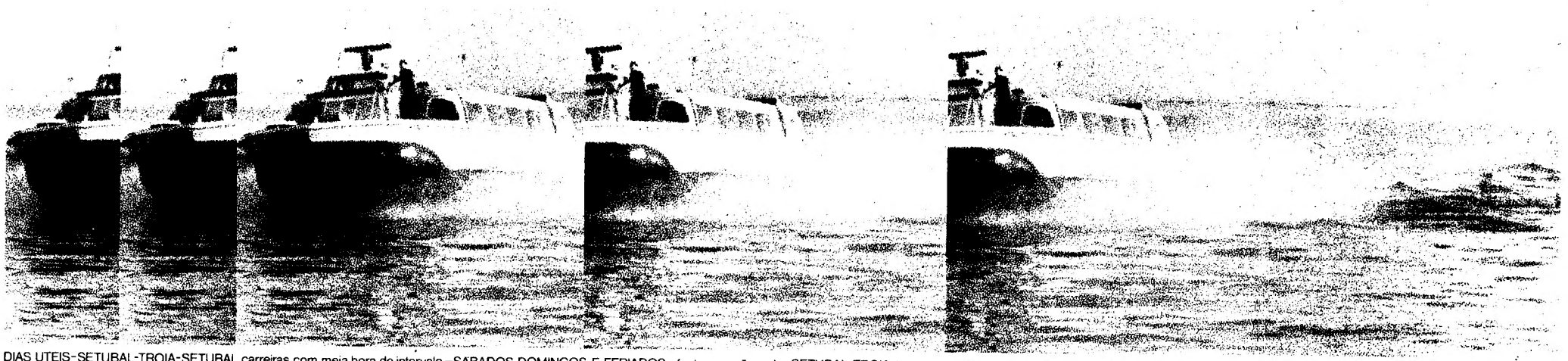
A descoberta da nova estação, que acaba de ser estudada, vem trazer-esclarecimentos sobre algumas estações encontradas anteriormente na mesma região de Rio Maior pelo falecido prof. Manuel Heleno, as quais brevemente serão descritas.

Elogiaram e comentaram a comunicação os drs. Vítor Manuel de Oliveira Jorge, Fernando Castelo Branco e Eduardo da Cunha Serão, tendo este último enaltecido as brilhantes contribuições que, desde que se encontra em Portugal, o dr. G. Zbyszewski vem prestando para o esclarecimento dos muito transcendentes problemas do paleolítico do nosso território. Também referiu a apreciável actuação, principalmente do Distrito de Portalegre, do casal Mr. e Mrs. Cacartney que aí detectaram quantidade apreciável de estações, algumas das quais serão inspeccionadas pelos drs. G. Zbyszewski, V. Oliveira Jorge e por si próprio, no próximo mês de Agosto.

três 3 hovercrafts para troia

TORRALTA - SOLTROIA - TROIAMAR

vá a Troia de hovercraft, conheça o empreendimento da TORRALTA e almoce ou jante num dos seus restaurantes.



DIAS UTEIS-SETUBAL-TROIA-SETUBAL carreiras com meia hora de intervalo.-SABADOS, DOMINGOS E FERIADOS efectuar-se-ão, entre SETUBAL-TROIA, tantas carreiras quantas forem necessárias.

SOCIEDADE TURISTICA PONTA DO ADOXE SARL STPA

DL/ESPECTÁCULOS

DL show

PORTUGAL NÃO É SÕ LISBOA

Portugal não é só Lisboa, nem os problemas alarmantes se solucionam com os paliativos propostos pela arte. No tocante, ao teatro, por exemplo, mais urgente do que descobrir a linguagem que melhor se coadune com a indigência cultural das grandes plateias, é descobrir onde e como devem ser apresentados os espectáculos. As pessoas estão, dum modo geral, mais interessadas em ver a digestão assegurada com as «pratadas» «teatrais» apresentadas com regularidade pela RTP, do que em deixarem-se surpreender com espectáculos que lhes puxem pela imaginação e lhes estimulem o raciocinio. O problema talvez se deva pois equacionar nestes termos: não basta a simplicidade dos textos, nem os apelos à «participação» é preciso acertar em cheio nos locais onde normalmente ninguém se aventura. Joaquim Benite é uma das poucas pessoas que têm consciência disso, só que, a outro nível são enormes obstáculos. Por outro lado, a divulgação das obras cinematográficas deixa também muito a desejar: não fossem os cine-clubes e o panorama seria ainda mais desolador. Do «ballet» e dos concertos nem vale a pena falar.

JOSÉ JORGE LETRIA

O Grupo Cénico da Academia de Santo Amaro leva ao público das zonas da Encarnação e Olivais, a opereta popular «O coração deAlfama». O espectáculo está marcado para hoje, 21 e 30, no Centro Popular do Bairro da Encarnação.

O «D.Quixote» recriado pela Casa da Comédia, com subsídio da Câmara Municipal de Lisboa é nos dias 12, 13 e 14 representado nas ruínas do Convento do Carmo, numa iniciativa integrada nas Festas da cidade.

OO juri do Concurso Nacional de Cinema de Amadores seleccionou 16 filmes, entre os 29 que lhe foram dados apreciar, para estarem presentes de 20 a 22 deste mês na cidade da Beira, de onde saírá a representação nacional para a Congresso da UNICA, programado para o Estoril.

Realiza-se hoje, às 21 e 30 no Estádio das Antas, no Porto, com o objectivo de angariar fundos para a construção do Pavilhão Gimnodesportivo do Futebol Clube do Porto, o I Festival Antas 72. Florência encabeça o elenco de atrações, que inclui Manuel Morais e Virgilio Cervantes, com acompanhamento da orquestra de José Quelhas.

Em Outubro realiza-se a apresentação dos trabalhos dos participantes no Grupo de Iniciação Cinematográfica levado a efeito pelo Clube de Cineastas Amadores de Coimbra.

DECORAÇÃO: PROBLEMA EM ABERTO

Canal da crítica

Por MÁRIO CASTRIM

Aquilo é minidecoração. Designação modesta? Demasiado modesta. Aquilo é mini, muito mini, tão mini que não chega a ser quase nada. Decoração, não será ainda. Mas é tão comovedor, Gustavo Fontoura gosta tanto, o programa fica tão atraente com seus laivos românticos e poéticos, género muita parra e pouca uva...

Fontoura preocupado com a sua dificuldade em responder a todas as pessoas que se lhe dirigem a pôr problemas. Principalmente, aquele problema de uma senhora de Cascais a qual pretende transformar uma garagem em «marquise». Fontoura, compreensivo: **«a falta de espaço leva à necessidade de...»**. A mim quer-me parecer que em tal situação se justificaria antes a transformação de uma «marquise» em garagem.

Bom. Fontoura parte do princípio que a tal garagem esteja fechada por todos os lados menos por um, que é aquele por onde o carro entrará. Logo, conclui (fantástico!) da necessidade de substituir o corpo opaco da porta pelo corpo transparente de uma janela. Verdadeiramente genial. Depois considera que, deixando uma janela grande entrar muita luz, há que remediar. Que solução apresenta? O uso das gelosias de lâminas orientáveis, autêntico achado, solução de que ninguém se lembraria! E se a garagem estiver cimentada? Fontoura aconselha o revestimento de madeira. Pronto. A senhora ficou elucidada.

Havia mais. Os cartazes que os jovens gostam de possuir no quarto. Estragam as paredes, claro. Solução? Um biombo. Os jovens vão ao sotão buscar um biombo velho que lá tenham e, utilizando a imaginação característica dos jovens, transformam o biombo em suporte dos cartazes, fotografias, autógrafos, etc.

Pode acontecer que os jovens não possuam biombo. Pode acontecer ainda que não tenham sótão. Nesse caso, Fontoura aconselha os jovens: **«Vocês vão pedir ao pai ou à mãe que lhes dê algum dinheiro para mandar fazer um biombo...»**. Pronto. Os pais entram ca massa e tudo se resolve. No entanto, Fontoura teme que os jovens não saibam o que é um biombo: e apresenta um desenho. E explica. E diz como é!

Fantástica, emocionante a atenção que Gustavo Fontoura dedica às paredes. Nas paredes não se toca nem com uma flor: nem pionese, nem fita gomada. As paredes ficam limpinhas e tudo se resolve com o biombo.

Só se esqueceu de um pormenor: onde encontra lugar nos quartos modernos para dispor o biombo?

Assim são as coisas na televisão. Antigamente, havia um programa de decoração que France de Vasconcelos desacreditou à força de ridículo. Agora, há um miniprograma que se diminui pela insignificância de que se reveste. Vão ou não pensar num programa de decoração a sério?

CONTRA A ESTAGNAÇÃO

Já se foi o Mestre Baptista, mui desgostoso do touro, bom para bifes, que lhe coube. Depois foi novo fracasso para o grupo de Montemor, o forcado a dois passos do bicho, muito preocupado com a fotogenia, a ajeitar o barrete — e logo a seguir o salto por cima dos cornos da besta, a queda, o novo derrote, a nova queda — e a queda atrabiliária, os protestos, os assobios — e da banda de cá, para cá do televisor, uma enorme saudade da presença de Cabral Valente, da sua segurança, do seu completo domínio das situações, da sua facilidade e do seu gosto no esclarecimento do público tauromaquianalfabético.

Assim vai o serão. Com o Luís Miguel e depois outro forcado, o José Gomes da Silva: a esbracejar, primeiro, a gritar muito, a ofender talvez, desnecessàriamente, o pobre touro que ainda por cima anda ali contra vontade. Curiosamente, na corrida, o touro passa-lhe ao lado, como se o forcado não tivesse sido mais do que o pretexto para a investida...

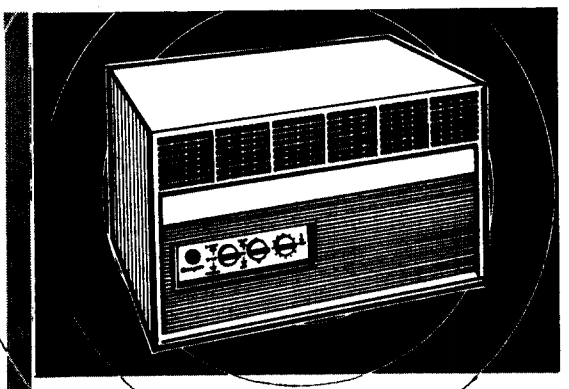
As reportagens das corridas de touros estagnaram na televisão portuguesa, ao contrário do que sucedeu noutros ramos. No futebol, por exemplo, a modernização já começou, mas ficou-se por aí.

Em Espanha (talvez porque lá as touradas sejam a sério) as reportagens das touradas aparecem rodeadas das maiores precauções de modo a torná-las mais vivas e atraentes. Na transmissão da grande corrida de Beneficência utilizou a televisão espanhola recursos técnicos que muito valorizaram a reportagem. Os lances de maior interesse, ou os mais discutidos, por exemplo, foram repetidos ao retardador. Algumas destàs cenas ficaram inesquecíveis (por razões várias). Encontramos assim uma tentativa séria de transformar a realidade em televisão para melhor entendimento da realidade. A provar que nem sempre traduzir será trair.

Entre nós, tudo continua, nas reportagens do Campo Pequeno, a ser feito à pai Adão. Com a frequência delas, o perigo da monotonia é uma espada sobre a cabeça dos telespectadores. Dos que ainda têm cabeça, evidentemente.

ANDARES
NA PAREDE
RUA SEBASTIÃO CARDOSO DA GAMA
LOPES — LOTES 6/7
(JUNTO ESCOLA TÉCNICA)
Habitaç. de 3 e 4 ass., cozinha, 1 e 2 c/ banho, despensa, roupeiros, hall, em prédio de construç. moderna, com bons acabamentos. Mag. local. PREÇOS 325 — 430 — 540 contos. MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rua do Ouro, 292-1.º — Telefs. 369384/5/6 — 328232/3 — 361756

ar condicionado! frescura, conforto; numa só palavra: Westinghouse



Os condicionadores de ar da WESTINGHOUSE proporcionam-lhe um verão mais fresco, um ambiente mais agradável; enfim, o ambiente de que necessita.

Em qualquer local em que se encontre, a WESTINGHOUSE permite-lhe viver à temperatura que mais lhe agrada.

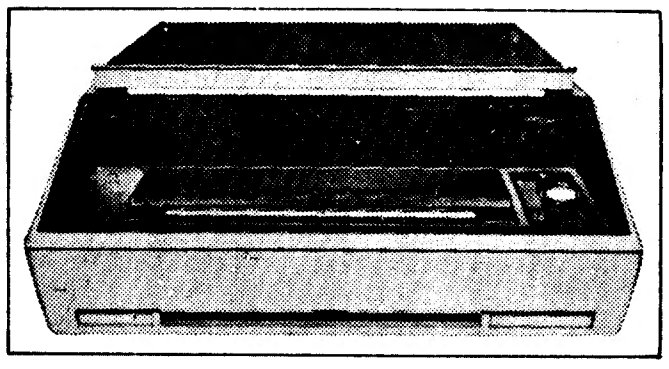
Os condicionadores de ar WESTINGHOUSE foram especialmente concebidos a pensar em si!

Pode estar seguro (e fresco) se é Westinghouse

sonipol • AV. 5 DE OUTUBRO, 56 — LISBOA

Por favor enviem-me folhetos sobre os condicionadores de ar WESTINGHOUSE.
Nome .....
Morada .....
Localidade .....

A FOTOCOPIADORA A SECO «3M» MODELO 251



FOTOCOPIA TUDO

A fotocopiadora modelo 251 é realmente uma máquina extraordinária. Fotocopia tudo — desde o memorando rabiscado a esferográfica a uma pintura a óleo. Faz fotocópias perfeitas de páginas de livros mesmo encadernado. E as cores não são problema. Até mesmo o azul claro é reproduzido fàcilmente. Você obterá uma fotocópia nítida a preto sobre papel branco, sempre completamente seca, em alguns segundos.

A «251» não necessita de líquidos, pós, tintas ou produtos químicos. É compacta — do tamanho de uma máquina de escrever — e acomoda-se perfeitamente na sua secretária, pronta a ser utilizada em qualquer altura. Mas, o mais extraordinário é a facilidade da sua utilização. Até mesmo o Director-Geral pode trabalhar com a «251» sem o mínimo «espalhafato».

Apresenta sempre bons resultados e nunca precisa de retoques.

Para uma demonstração grátis no seu escritório dirija-se a:

3M COMPANY | MINNESOTA (3M) DE PORTUGAL, LDA.—
Av. Infante Santo, 40-C — LISBOA-3
Telefones 67 74 10 - 67 74 41 - 67 74 47
Nome .....
Companhia .....
Morada .....
..... Tel. n.º .....
Máq. mod. 251 .....

DL/ESPECTÁCULOS

FESTIVAL DO RIO

Alterações na classificação

Alterações substanciais nos primeiros lugares! José Afonso pulou do sexto para o terceiro lugar, estando agora, com 242 pontos, a aproximar-se perigosamente do segundo classificado, Duarte Mendes, agora um pouco mais afastado do primeiro da lista, José Cid.

Com a desistência de Tonicha, Simone está, agora na sexta posição á frente do eterno (até quando?) sétimo classificado, o «pendular» Carlos Alberto Moniz que, grão a grão, já vai com 88 votos na bagagem.

Paco Bandeira e **Duarte Mendes** continuam em combate. Separam-nos agora, 60 pontos. Como será na classificação que publicaremos na próxima segunda-feira?

Florência, a representante do Porto, avança, também. Está com 77 pontos, menos onze, apenas, do que Carlos Alberto Moniz e mais vinte e sete do que **Teresa Silva Carvalho,** que vai à frente de **António Calvário, Gabriel Cardoso e José Jorge Letria** (a subir).

De notar, ainda, que **José Mário Branco** começou a ser votado.

Começa agora a fase das mexidas na tabela. E, pela quantidade de votos que nos chegam, a «coisa» ainda vai aquecer mais. Os serviços de recepção dos cupões que o Diário de Lisboa publica na página dois, sitos na Rua Castilho, 185, 1.º, esperam pelo seu voto.

1.º-José Cid	355
2.º-Duarte Mendes	290
3.º-José Afonso	242
4.º-Paco Bandeira	224
5.º-Carlos Mendes	164

6.º, Simone, com 96; 7.º, Carlos Alberto Moniz, com 88; 8.º, Florencia, com 77; 9.º, Teresa Silva Carvalho com 50; 10.º, António Calvário com 43; 11.º, Gabriel Cardoso com 40; 12.º, José Jorge Letria com 23; 13.º, João Braga com 22; 14.º, Fernando Lito com 19; 15.º, Maria de Lourdes Resende com 16; 16.º, Leonel Sena com 14; 17.º, Isabel Fontes com 13; 18.º, Manuel Freire, Humberto de Castro e José Mário Branco com 10 cada; 21.º, Tozé Brito e Dário de Barros com 9 cada; 23.º, Ilda Marques e Teresa Paula Brito com 8 cada; 25.º, Adriano Correia de Oliveira e João Henrique com 6 cada; 27.º, Maria da Glória e Maria Valejo com 4 cada; 29.º, Hugo Maia Loureiro e Américo Pereira com 3 cada; 31.º, Lenita Gentil e Fernando Tordo com 2 cada e em último lugar com 1 voto: Sissi, Paulo Gorge, Artur Garcia, António Mafra, Vittorio Santos, Alice Amaro e Manuel Vargas.

ENSINO MUSICAL INFANTIL

Uma questão de métodos

Quando o ano lectivo chega ao fim começam os exames, e se não é esse processo de avaliação de conhecimentos, então, há demonstrações. É o que acontece com as classes de música das várias escolas e métodos existentes.

Mais uma aconteceu agora. Desta vez foi a prof. Júlia Almendra, do Centro de Estudos Gregorianos, detentora do método Ward em Portugal, quem levou as suas crianças à sala de cinema do SEIT, para uma demonstração.

No nosso País vários métodos de ensino musical se «confrontam», com especial relevo para o de Willems e o de Justine Ward. Aquele está bastante mais difundido. É leccionado na Fundação Gulbenkian, como já demos notícia, e também na Academia de Amadores de Música, também já com uma aula de apresentação marcada para breve.

COMO E PORQUÊ

Júlia Almendra é a representante do método Ward entre nós, nomeada pela introdutora do método nas escolas dos Estados Unidos, e mais tarde pelas de quase todo o mundo. Entretanto foi agora adoptado um outro método pela mesma professora, que é ministrado no mesmo centro.

— Este método, o de Helden, é uma espécie de introdução ao de Ward. Digamos que assim se iniciam as crianças, e se facilita a sua entrada para o processo de ensino da grande pedagoga.

Como terá surgido a ideia de introduzir este método nas nossas escolas?

— O que me despertou foi o facto de durante uma estadia minha em Paris, como bolseira do Governo francês ter sido organizada uma exposição de ensino musical das escolas, a que concorreram vários países. Assisti, durante oito dias, às demonstrações de ensino musical infantil, no Teatro do Instituto Pedagógico de Paris. E de todas as demonstrações a que assisti, a que mais me surpreendeu foi uma representação de 40 garotos das escolas primárias da Holanda, que todos os dias estavam no palco, à disposição do público, que lhes dava temas para eles pôrem em música. Este aspecto, que não foi revelado em nenhum outro método, mostrou-me uma grande eficiência.

Nascido o interesse, a professora Almendra teria que criar a oportunidade de frequentar um curso que lhe desse os elementos necessários para poder transplantar o curso para o nosso País, de tão pobres perspectivas no campo musical, e particularmente do ensino musical infantil.

— Essa oportunidade surgiu quando o inspector oficial das escolas primárias da Holanda, que fizera a demonstração de que lhe falei, abriu um curso de formação de professores na capital francesa, para o qual vinha expressamente do seu país.

Assim Júlia Almendra se tornou a única portuguesa a frequentar um curso onde fossem ministrados os princípios deste método. Chegada a Portugal já com autorização para dirigir cursos, a nossa entrevistada teve oportunidade de fundar e se tornar professora do Centro de Estudos Gregorianos. Mas não só. Deu aulas na escola primária n.º 1. Simplesmente quando quis fazer demonstrações e dirigiu a proposta ao Imave, o assunto foi recebido com pouco agrado e a apresentação dos resultados bastante dificultada. Apesar disso foi um êxito enorme, muito embora daí para cá, não mais tenha conseguido qualquer coisa por intermédio do Instituto de Meios Audio-Visuais de Ensino Imave).

OS MÉTODOS

Naturalmente que a detentora de um dos métodos não será a pessoa mais indicada para falar com isenção, e desapaixonadamente, dos outros métodos em confronto com o que defende. Tendo isso em conta, não quizemos deixar de ouvir a opinião de Júlia Almendra.

— Não falo de outros métodos já que não tenho experiência do seu ensino. Só posso falar do que conheço, e prático, por me parecer o mais eficiente. O método Ward permite fornecer uma grande formação musical. Consiste num ensino progressivo adaptado ao ensino da escola primária. Aos quatro ou cinco anos começa a ser usado este ensino, razão porque é composto por quatro volumes, um para cada ano. Como já disse a finalidade do curso é dar uma formação musical tão completa quanto possível.

Dada a deficiência nas escolas, porque em nenhuma se ensina sistemàticamente e com um método determinado, este é um dos processos de elevar o nível musical das nossas crianças. Claro que não é com um simples decreto, declarando iniciado o ensino musical, que se faz a obra necessária. Qual o professor que integra a música nos seus cursos, se não foi preparado para ela?

— Na Holanda é o professor da classe quem lecciona o método Ward, tal como ensina outras matérias. Essa éa forma ideal, mas para isso terão de ser preparadas na Escola do Magistério as condições pedagógicas que permitam aos futuros professores ensinar música. E, para além de tudo o mais, não é com dois anos de Magistério que isso se consegue. Os próprios professores deveriam ter de base, desde crianças, a sua formação musical.

ROGÉRIO VIDIGAL

SAN SEBASTIAN DIVULGA CONCORRENTES

SAN SEBASTIAN, ESPANHA — A Direcção do Festival Internacional de Cinema de San Sebastian revelou alguns dos títulos dos filmes que vão participar na vigésima manifestação, este ano realizada de 10 a 19 de Julho. Portugal será representado pela película de Fernando Lopes «Uma Abelha na Chuva» e a Espanha, por sua vez, apresenta um filme de Gonzalo Suarez «Morbo». Entre os outros concorrentes contam-se a Itália com «Fratello Sole, Sorella Luna», de Franco Zeffirelli, os Estados Unidos com «The Glass House», de Tom Gries, e «That's Up Doc», de Bodganovic, a Checoslováquia com «Sctba Bez Prstynku», de Vladimir Cech, a França com «Atlantide», de Jean Claude Brialy, e «L'Homme Au Cerveau Greffe», de Jacques Doniol Valcroze, a Hungria com «Méztelen» Vagy», de Irme Gyongyossy, a Polónia com «Zabijcie Czarna Owce», de Jerzy Passendorfer, a Grã-Bretanha com «Follow Me», de Carol Reed, e, «Something To Hide», de Peter Finch, e a República da Democrática da China (Formosa) com «The Evergreen Moutain», de Lee Chia. (ANI)

OUÇA
LOGO À NOITE
NO
TEMPO ZIP

Festival de Jazz
Newport 72

Tempo Zip em Rádio
Renascença — OM - FM - AM

Câmara Municipal de Lisboa
Casa da Comédia

APRESENTAM

HOJE e todas as noites pelas 21.45 horas
«A VIDA DO GRANDE D. QUIXOTE DE LA MANCHA E DO GORDO SANCHO PANÇA»
de António José da Silva (Judeu)
Encenação de Herlander Peyroteo
JARDIM DO PALÁCIO GALVEIAS
(Ao Campo Pequeno)
Bilhetes à venda no próprio local
Descanso da Companhia, 2.ª-feira GRUPO B — 10 anos

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Tells. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

COMPRA
A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.
RUA DO GARRIDO, 73-A

Coliseu MONUMENTAL
HOJE: 2 SESSÕES 2
20.45 E 23 HORAS
Domingos à tarde às 16 h.
Grupo D — M/ 18 anos
VASCO MORGADO apresenta
RAUL SOLNADO
NA GRANDE REVISTA
P O P U L A R
P'RA FRENTE LISBOA!
FLORBELA QUEIRÓS
* IRENE ISIDRO *
JOSÉ DE CASTRO
LINDA SILVA
BEATRIZ DA CONCEIÇÃO
JULIO CÉSAR e VICTOR MANUEL
PICCADILLY STARS BALLET
Mais de 60 figuras em cena

DL/ESPECTACULOS

Num cenário de magnitude a luta por um lugar ao sol

ATENAS, JULHO DE 1972 (ESPECIAL PARA O «DL») — Pela quinta vez, esta cidade banhada de Sol e calor, vestiu-se de cor e alegria para receber as representações de 39 países ao certame musical que constitui a grande festa do público: uma festa que principia na noite da próxima sexta-feira e se prolongará até altas horas de domingo. Porque, para além da competição musical na qual estão particularmente interessados os convidados de 40 países, há uma série de nomes famosos especialmente contratados, para deliciarem a assistência com as suas actuações. Atenas, plantada aos pés da Acrópole, albergando entre uma nova avenida e um prédio de moderna concepção, um monumento da sua heróica história, está em festa. E o público, aguarda com ansiedade a hora da «sua» festa, que terá lugar no Estádio Olímpico de magnânima forma, o passado e o presente em saudável voto ao futuro.

As delegações convidadas para a 5.ª edição das Olímpiadas da Canção, estão todas concentradas no mesmo hotel: o Grand Bretagne, também histórico, já que foi o quartel general alemão, durante o grande conflito mundial.

Nos corredores, no átrio (onde se pode respirar à vontade, pois na rua o calor é imenso) as conversas que se travam dizem todas respeito ao Festival. Os juris são os mais procurados, pois há sempre um disco para oferecer, uma palavra de recomendação que não é esquecida. Entre umas palmadinhas nas costas, e um sorriso, adivinha-se uma intenção, esboça-se o pedido: enfim, o ambiente tradicional destes certames que nada de mal trazem ao mundo, antes o faz esquecer a «incompreensão» entre dois países ou duas maneiras de pensar.

Este ano, o Festival não sofreu aumento de concorrentes: exactamente o mesmo número do ano passado, sendo notório o interesse de cada uma das entidades concorrentes, em lançar novos nomes para a grande fogueira da canção. À excepção da Argentina (que traz Piero, o vencedor do penúltimo Festival do Rio de Janeiro) e de Portugal (que enviou Lenita Gentil, já com cartaz internacional), todos os demais países encarregaram «ilustres desconhecidos» de os representar no certame.

Assim, a Austrália, enviou a Atenas Jeff Phillips, com a canção «Glória». A Áustria, Anniko para a canção «Such die Liebe». Bélgica canta «Liever dan de zonneschijn» através da voz de Ann Christy. O Brasil, encarregou Sérgio Ricardo de cantar «Canto Americano». A Bulgária, traz Bisser Kirov e a canção «Iou Will go Away», enquanto o Canadá enviou Ellen Caron e a canção «Bye bye country pie». Ceilão também está presente com Desmond de Silva e a canção «Oba Nissa», ao passo que o Chile vem cantar «Balada para un caminante» com Buddy Richard. A Checoslováquia, trouxe este ano Alles Ulm e a canção «Toulavy Kun», e a Dinamarca Lisa Linn com «Time After Time». Do Egipto, novamente Manar, que cantará «On the Clouds». Marion, vem da Finlândia com a canção «The Boy Upstairs». A França enviou Didier Marouani para interpretar «Le Soleil est amoureux». A Alemanha estará representada por Ulla Wiesner («Aber die Liebe bleibt besteh'n»), enquanto a Grécia, jogando em casa, confia em Mary Alexopoulou e na canção «Tora ine Argha». Pela Holanda, Steve Allet cantará «The Thought of losing you» e por Hong-Kong (?) Danny Diaz cantará «Let me love you». A Húngria trouxe Gyorgy Korda e a canção «Oh Mennyit Koboroltam», enquanto Israel confia em Ruth Bikel para interpretar Ata Sheli». Pela Itália, Aura D'Angelo e a canção «Giorni Chiari», enquanto o Japão mandou Rina Izumi e a composição «Hitoiro Tarinai Niji». Outros participantes e respectivas canções: Coreia, Chung Hunhi com «You Only You»; Líbano, Manuel (que há três anos arrancou o segundo lugar) com a canção «J'ai presque oublié»; Luxemburgo, Art Sullivan com «A Toi»; Malta, Renato com «Nar miss-Smewwiet»; Paquistão, Rocky Shahan e «Hey You are my sunshine»; Polónia, Stan Borys e «Wierze Drzewom»: Roménia, Olympia Panciu e Nu-i Gluma Sa-te Placa um Singur Baiat» África Sul, Denise Freeman e «Dis moi c'est l'amour»; Espanha, Daniel Velasquez e «Yo te dare»; Suécia, Towa Carson e «Sa lange man lever»; Suiça, Piera Martel com «Mi Domando Perche»; Síria, Naim Hamdi com «Don't you go»; Turquia, Aysen Erdogan e «Gurbet»; Inglaterra, Joseph Ward e «Stranger in Town»; os Estados Unidos, Michael Vincent com «That girl's become a Woman»; Venezuela, Roberto Luti para cantar «La virgen y el poeta». Finalmente a Jugoslávia enviou Kico Slabinac e a canção «Guitare guitare». Como curiosidade, aponte-se o facto de entre os 40 artistas indicados, 19 serem do sexo feminino.

A CANÇÃO PORTUGUESA

Lenita Gentil sucede a Madalena Iglésias, Maria Valejo, Marco Paulo e Tonicha, na representação da nossa música ligeira neste certame tido e considerado como o mais importante da Europa. Ela trouxe a Atenas uma canção de Rocha Oliveira com poema da filha do maestro, intitulada «Ressurgir». Podemos hoje publicar o «poema» da canção:

Lenita Gentil

Renascer
poema d'uma ternura em mim
a dor, o amor
e a força d'uma ilusão!

Renascer
alvorada d'um novo dia
sombras negras que são esquecidas.
Há amor no olhar!

Quero ser
madrugada de sol e amor
sentir em mim
toda a força do seu calor!

Doce alento
um poema de ser feliz
ternura, amor
sentir nascer
por uns breves momentos!

Ilusão sem fim
neste poema que nasceu
dentro de mim
sou o sol, calor!
existo dentro d'um mundo
que é só meu!

desejar viver
n'um tempo novo cheio
de luz e amor.
Ilusão de ser
magia, encanto
em sonhar que tudo é meu!

AS ATRACÇÕES

Este ano, o público de Atenas poderá presenciar ao vivo as seguintes vedetas internacionais: Aris San, Shocking Blue, Lally Stott and Black Jacks, Nicola di Bari, Dennis Rouss e a grande triunfadora do Eurofestival deste ano Vicky. Os espectáculos serão transmitidos pela televisão grega que se encarregará de montar um «video-tape» para as televisões de cada um dos países participantes. O representante português no juri internacional, é o nosso camarada de redacção Orlando Dias Agudo, membro do FIDOF PRESS CLUB.

pdi

BPM

Raízes sólidas em terreno de confiança.

Principiamos há um quarto de século. Hoje somos um Banco moderno e progressivo, dispondo de uma rede de agências e correspondentes que cobrem todo o país e estrangeiro. Esta posição no sector económico da Nação deve-se, em muito, ao alto sentido técnico que imprimimos às nossas actividades.
Mas, sobretudo, à confiança que desde a primeira hora nos foi dispensada por clientes e amigos. E isso desvanece-nos... pois sabemos que a confiança não se compra. Merece-se.

BANCO PINTO DE MAGALHÃES

AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO

DL/NACIONAL

Crónica de touros

Verão no Campo Pequeno

Agora verão de ver que a estação não merece ainda aquela maíscula. Vento, frio, e a praça enfeitada graças aos turistas.

Os touros de Manuel e Carlos Veiga, bem apresentados e bravos. José Mestre Baptista esteve realmente mestre nos seus dois, com música, ovações e voltas. Luis Miguel da Veiga bem no seu primeiro e melhor no segundo, com música em ambos e voltas.

Os Amadores de Montemor pegaram com dificuldades, mas corajosos estiveram Gomes da Silva e Zita Cortes.

José Júlio esteve perfeito com a capa e bandarilhas no seu primeiro, que o outro deixou-o aos subalternos. E bem utilizou a muleta no seu primeiro, com volta, e menos bem com o outro.

Damaso Gonzalez muito bem no seu primeiro, com capa, e com muleta ao som da música, ovações e voltas. O último toiro foi de Porto Alto, não deixando que o bom toureiro repetisse o êxito anterior. Chegou de Bilbau à hora da corrida; chegou, viu e venceu, e lá foi para Pamplona o magnifico toureiro que é Damaso Gonzalez.

Bem dirigiu mestre Procópio.

«El T.P.»

Damaso Gonzalez, o «magnífico da actualidade, rematando uma série de naturais com um passe «nova vaga»

DESTAQUES Hoje na TV

I PROGRAMA

19.45 __ UM POETA... UM LIVRO

Jorge de Sena, uma das pessoas mais lúcidas que nos foi dado conhecer, admirar e estimar, será o nosso poeta de hoje.

20.35 __ AUDITÓRIO MUSICAL

A Orquestra Filarmónica de Lisboa dirigida pelo Maestro Frederico de Freitas e tendo como solista o violinista Vasco Barbosa, interpretará o Concerto de Beethoven para violino e Orquestra.

22.30 __ LANGER __ «UM Pistoleiro contratado»

Andy Cutler, de 12 anos, rouba o cavalo de Juhnny Lancer para o vender a fim de contratar um pistoleiro que mate Dan Marvin e Toby Jencks. Andy diz a Johnny, quando este o apanha, que eles mataram o pai, prendendo-o a um cavalo e arrastando-o. Sua irmã Dorrie conta uma história diferente. Johhny dispõe-se a ajudar o garoto, mas verifica depois que Marvin e Jencks, dois velhos pioneiros, não são como Andy os descreveu, e tenta curar o garoto do ódio que o consome. Conseque-o depois de muito trabalho e salva a vida dos dois pioneiros.

Feitiço desastrado

II PROGRAMA

21.00 __ NANNY E O PROFESSOR __ «O Feitiço»

Butch atravessa uma fase particularmente desastrada e parte a bola de cristal da tia Henrietta. Esta, para se vingar, diz-lhe que ele está sujeito a uma maldição, e que tudo o que fizer será um desastre. Butch fica complexado, e a partir daí torna-se um verdadeiro problema.

22.00 __ NOITE DE ÓPERA __ «Tosca» de Puccini

A voz e a actuação de Marcella Pobbe, uma das cantoras de ópera mais fascinantes de Itália, faz de «Tosca» uma personagem viva. Pela sua actuação e habilidade vocal em Tosca, Marcella Pobbe é muitas vezes solicitada para interpretar este papel.

Acompanha-o o tenor Gianni Raimondi que se tornou conhecido do público em 1956, quando lhe foi dada a oportunidade, no último momento, de tomar o lugar de Giuseppe Di Stefano que estava doente.

A parte da «Scarpia» é interpretada por um americano, Corneil MacNeil, um barítono de grandes recursos teatrais e vocais, intérprete ideal em papéis dramáticos nas óperas de Verdi.

Pietro Argento, um homem muito experimentado, conduz a orquestra de uma maneira que respeita completamente a tradição e o valor desta obra.

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO E ASSEGURADO SHARVEN FRANCE POSSIBILIDADES DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO

ÓPTIMO RENDIMENTO
PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA

SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-5

Participe nos benefícios
dos melhores Hotéis, Restaurantes,
Cinemas, Teatros, Gares,
Aeroportos, Casinos, etc.
Se tem 20 000$00 ou mais escreva-nos.
Rendimento assegurado.

CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL

Queiram enviar-me informações detalhadas sem compromisso DL

Nome

Morada Telefone:

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

NEXUS APRESENTA

HOJE, ESTREIA
ÀS 21h45.

BLACKGROUND

DUO OURO NEGRO
OBJECTIVO
VICKY
VERY NICE

VIOLAS
TUMBAS
COROS

A RAÇA HUMANA É UMA GRANDE TRIBO DISPERSA COM UMA ORIGEM COMUM.

BLACKGROUND TOCA A SUA MÚSICA.

BILHETES À VENDA
GRUPO B 10 Anos

PRODUÇÃO nexus

BOM APETITE

RESTAURANTE
VELEIRO
PRAIA DE CARCAVELOS
NOVA GERÊNCIA
DIÀRIAMENTE ESPECIALIDADES
DA COZINHA PORTUGUESA

TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 53 60 80
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
ARROZ À VALENCIANA
ABERTO AO DOMINGO

RESTAURANTE
SNACK-BAR
Colina
Rua Filipe Folque, 46-A
Telef. 560209
AMANHÃ
BACALHAU
SÁBADO
DOBRADA À COLINA

Estalagem «A GRUTA DO RIO»

RIO DE MOURO
Telef. 2 98 05 35
(Auto-Estrada para Sintra)
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
BACALHAU À LAGAREIRA
E
CABRITO NO CHURRASCO
SALÃO PRÓPRIO
PARA BANQUETES

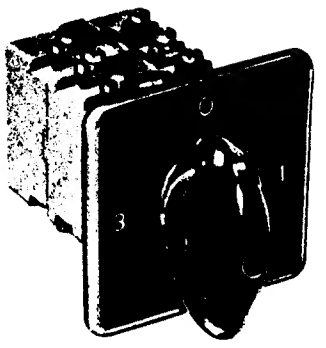
ADEGA MESQUITA
ceie

ESTALAGEM D. SANCHO II
ELVAS — Telef. 127
COZINHA REGIONAL — SERVIÇO DE BAR NO TERRAÇO PANORÂMICO PARA ESPANHA — ESMERADO SERVIÇO DE MESA
QUARTOS CONFORTÁVEIS
NO SEU FIM-DE-SEMANA VISITE ELVAS E BADAJOZ

Restaurante Mondego
COZINHA A PORTUGUESA
TRAV. DO FORNO, 15 A 19
(ao Rossio)
TELEFONE 36 8 60

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

COMUTADORES
E INTERRUPTORES ROTATIVOS



JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

Rebello de Sousa e Silva Pinto no Norte

Chegou esta manhã a Viana do Castelo o ministro Rebello de Sousa, das Corporações,e da Saúde, no início de uma visita de três dias ao norte. O ministro foi recebido às 10 horas na Câmara Municipal tendo depois inspeccionado a Escola de Enfermagem, o Hospital, o terreno destinado ao novo hospital distrital, o Asilo da Infância Desvalida e outros serviços dependentes dos seus ministérios. Amanhã, o ministro procede em Fafe à inauguração do bairro da Previdência.

SILVA PINTO EM BRAGANÇA

O secretário de Estado do Trabalho e Previdência desloca-se, nos próximos dias 12 e 13, ao distrito de Bragança, onde efectuará diversas reuniões e se inteirará dos vários empreendimentos em curso no âmbito do Ministério das Corporações e Previdência Social.

No termo desta visita o dr. Silva Pinto estará no Porto, onde, na noite do dia 13, proferirá uma conferência na sede distrital da A. N. P. na sua qualidade de vogal da Comissão Central daquela associação política.

Firma alemã em Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 7 — (L.) — Um contrato de 256800 contos, foi assinado entre a administracção dos Caminhos de Ferro de Moçambique e a firma alemã Standard Elektrik Lorenz, destinado às linhas de caminho de ferro de Goba e do Limpopo, e a da Beira à Machipanda.

Desta elevada importância, 156800 contos pertence aos Caminhos de Ferro de Moçambique, e 100 mil contos, aos Caminhos de Ferro da Beira.

Duzentos e trinta presos políticos libertados em Moçambique

Todos os caminhos estão abertos aos que queiram lealmente colaborar. Secundando as palavras há dias proferidas pelo senhor Presidente do Conselho, de novo apelo para os que ainda estão escravizados a uma causa sem esperança nem futuro, para se apresentarem às autoridades legítimas» — declarou o governador de Moçambique, Pimentel dos Santos respondendo aos agradecimentos que lhe foram dirigidos por um grupo de recém-libertados do Centro de Recuperação da Direcção Geral de Segurança.

Beneficiando de uma amnistia do Governo 230 detidos naquele estabelecimento prisional foram restituídos à liberdade.

Um grupo de libertados esteve ontem à tarde no Governo Geral tendo expressado o seu reconhecimento ao eng. Pimentel dos Santos.

Falou em nome de todos Cadmiel Filiane Mutembs, que, deixou também expresso o apoio de todos pela candidatura do almirante Américo Thomaz a Presidência da República, e se referiu elogiosamente à acção que a D. G. zs. vem desempenhando nos sectores de recuperação e da educação, (D. L.//L.)

Acordo de emigracão luso-luxemburguês

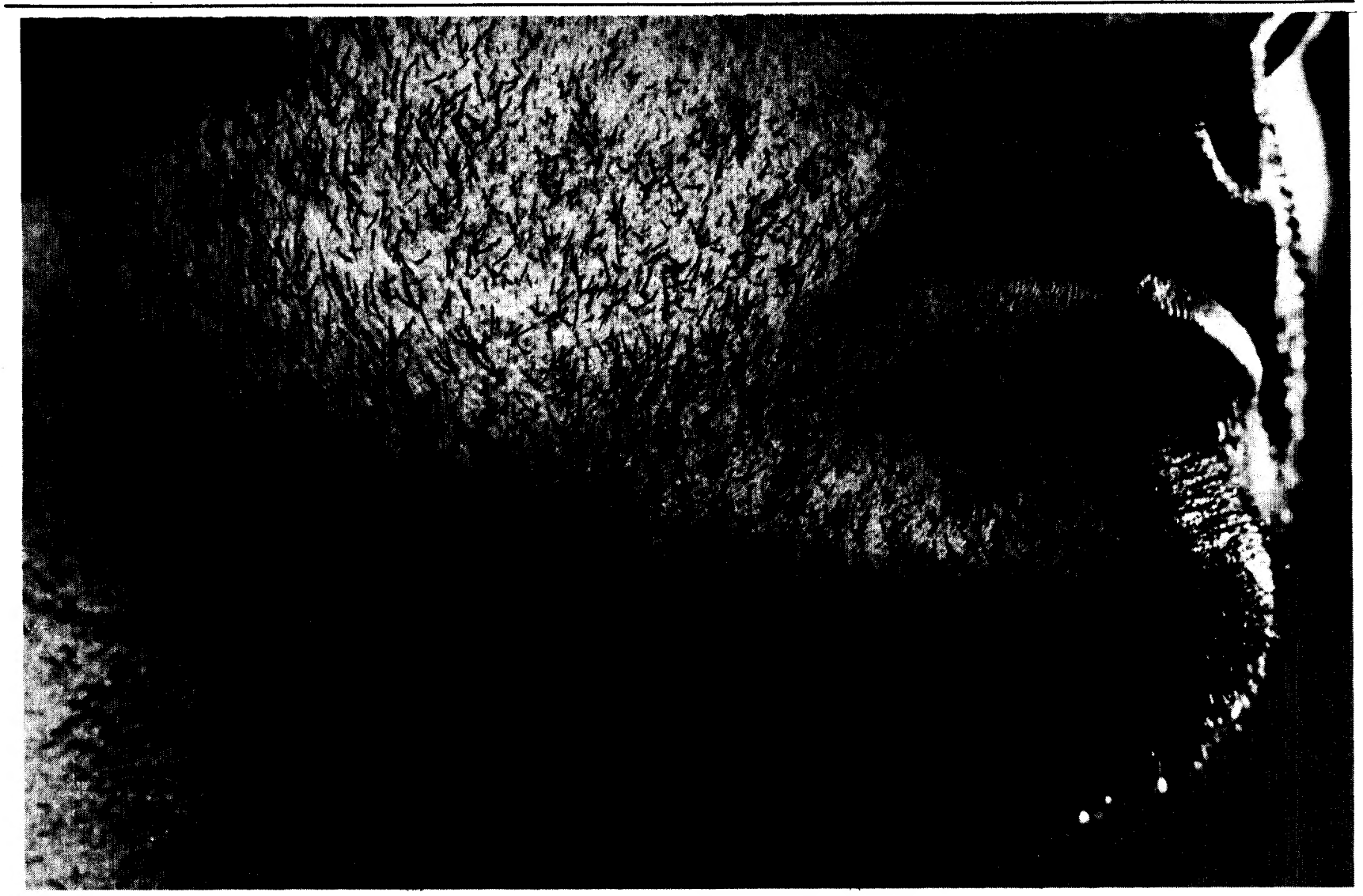
Reunida desde o começo da semana, a comissão mista luso-luxemburguesa prevista no acordo de emigração celebrado entre Portugal e o Grão-Ducado assinado á dois anos em Lisboa. Preside do lado português, o dr. Saraga Leal, secretário nacional da Emigração, e do lado luxemburguês o sr. Fernand Ewen, director do Secretariado Nacional do trabalho daquele país.

Os trabalhos, que terminam amanhã, visam passar em revista o formalismo do processo emigratório para o Luxemburgo no quadro da convenção e á luz das recentes providências tomadas por aquele país e que puseram termo á emigração clandestina.

SEXO FORTE OU FRACO?

As mulheres são indiscutìvelmente o sexo forte! Não concorda? Existem todas as razões e mais uma para o afirmar, conforme o prova uma dona de casa e mãe de família consciente da força das mulheres. Leia este enérgico depoimento no número de Julho de Selecções do Reader's Digest.

No CARTAXO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Pedro Alves, Suc., Rua Batalhoz.



que barbaridade!

Diàriamente.
Em cada manhã.
Ensonado. Mal disposto.
Um olho aberto, contrariado.
Outro quase fechado.
Barbear-se é desesperante rotina.
É obrigação.
Diàriamente.
O mesmo de sempre.
Que barbaridade!

Dura e rija, barba é assunto Braun.
Com prazer!
Com perfeição! Com Braun!
Ràpidamente. Suavemente. Braun.
E amanhã. Em cada manhã.
Diàriamente. Oiça...
o real e suave cantar da sua barba.
Desaparecendo. Com Braun!
Com prazer!
Braun Synchron*

qualidade BRAUN

*Rede com platina, flexível, finíssima (0,05 mm) * 7200 posições de corte por segundo * Corta patilhas.
Representante exclusivo em Portugal: FRIAL — Av. Brasil, 40-A — Lisboa

CINEVOZ-BS-72-01

DL/NACIONAL

Dizem os leitores

DEMORAS NOS HOSPITAIS

Um leitor de Almada, o sr. Augusto Alfaia Barreiro enviou-nos, com o pedido de publicação a carta que a seguir transcrevemos. Acrescentamos, entretanto, que todas as afirmações aqui reproduzidas são de inteira responsabilidade do signatário:

Pelas 15 e 30 do dia 23 de Junho p.p., um domingo, dava entrada no Banco do Hospital de S.José, um sobrinho meu, Pedro Jardim, pràticamente em estado de coma: não falava, respirava mal, não abria os olhos. O doente, ou melhor, o seu acompanhante, levava uma nota explicativa passada pelo médico de serviço da Casa de Saúde «S.João de Deus», em Almada, que o atendera, quando, naquela vila, onde reside, o doente se viu atacado por tão grave crise. Nessa nota, o médico em causa afirmava a necessidade do internamento urgente do enfermo, visto a sua vida perigar. No Banco de S. José, tiraram-lhe duas radiografias, mas só às 22 e 30 dessa noite de domingo, é que meu sobrinho seria enviado ao balneário, numa maca. E só às 5 horas da madrugada seguinte, é que o pobre de Cristo entrou nos serviços do Hospital de Santo António dos Capuchos. E de pasmar, senhores!

O doente, pessoa de 27 anos, tem uma ferida junto à coluna vertebral e, embora os familiares tivessem lembrado aos serviços daquele Hospital a necessidade de mudar o respectivo penso, chegou-se ao dia 25 sem que este tivesse sido feito e, por isso, se agravou o seu estado. Ainda no dia 26, o mesmo penso continuava por fazer, o que nos levou, a nós, familiares, a ir pedir autorização para que uma pessoa ligada aos meios clínicos pudesse tratar do doente, o que nos foi negado. No dia 27, quando um outro da mesma enfermaria chamou a atenção do enfermeiro para o estado do meu sobrinho, foi-lhe respondido textualmente: — Que lhe faça o penso quem quiser.

No dia 28 o aspecto do penso era horrível, como se calcula, sinal de que a ferida se agravava e, na minha presença, um enfermeiro de serviço deu esta resposta, quando o solicitaram para renovar o penso ao meu sobrinho:

— O doente e os seus familiares têm razão. Mas não há pessoal que chegue e eu não estou disposto a trabalhar 16 horas por dia. Amanhã já não estou de serviço e vou ganhar no trabalho que faço lá fora, o dobro do que me pagam aqui.

No entanto, e como nós não nos calássemos, o penso acabou por ser feito.

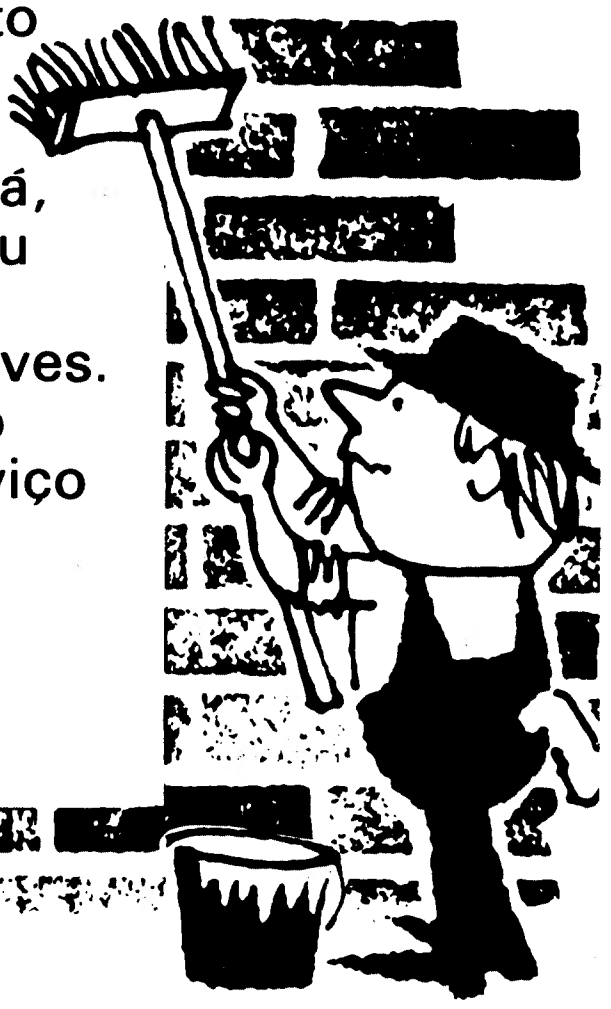
Resumindo e terminando: tudo isto me tocou a sensibilidade, visto dar-me uma ideia, nada construtiva, de como funcionam os nossos serviços hospitalares.

Grato pela atenção, (Assina): — Augusto Alfaia Barreiro — Rua Capitão Leitão, 28-2.º Esq. — Almada.

AVISO

O IMPOSTO PROFISSIONAL

estará a pagamento no próximo mês de Julho. Contactando-nos já, poderá pagar o seu imposto em 12 mensalidades suaves. Peça um impresso explicativo deste serviço que o Banco criou para si.



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

TRIBUNAIS

Um "negócio da China" à base de cocaína

Um negócio proibido por lei, dado envolver cocaína — furtada, além do mais — levou ao tribunal sete indivíduos envolvidos no caso. O julgamento inicia-se esta tarde, no colectivo do 4.º Juizo Criminal da Boa Hora, presidido pelo corregedor Alves Cortês, figurando como réus Leonardo de Deus Pardal, de 31 anos, casado, natural de Borba, delegado de propaganda médica; Angelo Zanotti, de 40, casado, de Darffo (Itália), engenheiro de máquinas, morador em S. João do Estoril; Jorge Henrique Ferro Martins, de 37, casado, de Lisboa, locutor da rádio; Rogério Manuel da Purificação Ribeiro, de 25, de Lisboa, promotor de vendas; Fernando Abel Rosa Ferreira, de 19, solteiro, de Lisboa, estudante; José João Wagner Santos Dinis, de 19, estudante, natural de Vila Salazar (Angola), e José Duarte Magro ou José Duarte Magro Júnior, de 47, casado, de Lisboa, industrial, incriminados num negócio de cocaína, proibido por lei.

Segundo o despacho de pronúncia, o primeiro, durante a sua comissão de serviço militar no Ultramar, prestou serviço na Farmácia Militar de Luanda (Secção de Manipulados) até Agosto ou Setembro de 1965. Aproveitando um excedente do balanço, retirou daquele departamento quinhentos gramas de cocaína, que guardou em sua casa até 1969, data em que veio a Lisboa transportando aquele produto com o fim de aqui vender por 250 contos, tendo-o escondido na residência de seus pais.

Iniciou, acto contínuo, diligências no sentido de procurar realizar o projectado negócio. Em Janeiro do corrente ano encontrou, por acaso, o segundo acusado, a quem convidou para o auxiliar na venda em troca de recompensa, ao que aquele se prontificou. Como Leonardo Pardal se tivesse de retirar para Angola, combinou com o italiano um encontro no Aeroporto, onde lhe aprsentou o pai. Sem que dissesse a este o que se tratava, pediu-lhe que entregasse o embrulho que deixara em casa, mas em troca da verba acima referida.

Decorridas alguns dias, Angelo Zanotti falou com o terceiro acusado, que conhecera em Luanda, revelando o que se passava e das suas necessidades de dinheiro. Jorge Martins prontificou-se a hospedar o súbdito italiano na sua residência, no Estoril, e a colaborar com ele na venda da cocaína.

Acrescenta o Ministério Público que os dois, como não conseguissem arranjar comprador, decidiram furtar ao pai de Leonardo Pardal a aludida cocaína. Em meados de Fevereiro, tentaram fazer o negócio mas em seu proveito, sem dar um centavo ao pai de Leonardo. A certa altura, avistaram-se com Rogério Ribeiro, a quem pediram a colaboração. Dirigiram-se os três a um café da Praça Marechal Saldanha, sendo-lhes apresentado Fernando Abel, a quem ofereceram o estupefaciente para venda. Como este não tivesse possibilidades económicas, telefonaram a José João Dinis, que se ofereceu para arranjar comprador. Este comprou, por quatro vezes, quatro gramas e meia por 2 200$00, para servir de amostra a qualquer interessado que aparecesse. Assim foi montada uma rede de negócio com os respectivos interessados.

Seguidamente, entraram em contacto com José Duarte, que adquiriu dois gramas por 2 000$00, prometendo ao mesmo tempo apresentá-los a um brasileiro e um italiano que tinham possibilidades de fazer a compra. Em 17 de Março findo, num restaurante da capital, José Duarte apresentou Angelo Zanotti e Jorge Martins aos dois estrangeiros, aos quais ofereceram para venda o referido produto. A operação não chegou a realizar-se dada a oportuna intervenção das autoridades.

Os três primeiros acusados encontram-se presos na cadeia comarcã, e os restantes caucionados. Figuram no processo quatro declarantes e cerca de trinta testemunhas de defesa. São patronos dos incriminados os drs. João Vaz Serra e Moura, João Norberto Palma Carlos, Brito Terenas, Fernando Roque do Vale, Luís Marques Batoque e Mário Reis.

A discussão da causa deverá demorar alguns dias.

EXTERNATO SANTA BÁRBARA

RUA PASSOS MANUEL, 24-r/c. — TELEF. 561383

★ CICLO PREPARATÓRIO
★ ENSINO LICEAL
★ DIURNO - NOCTURNO

SUICÍDIO É MAIS FREQUENTE EM LISBOA DO QUE NO RESTO DO PAÍS

«O suicídio é mais frequente na área de Lisboa do que no resto do país» - concluiu o II Encontro de Psiquiatria Social, realizado por iniciativa da Sociedade Portuguesa de Neurologia. Esta e outras conclusões foram divulgadas na sessão de encerramento, efectuada no sábado, dia 29 de Abril, sob a presidência do prof. Barahona Fernandes.

Eis algumas das conclusões do encontro, que foi subordinado ao tema «Psiquiatria Comunitária - Equipa Terapêutica Intra-Muros e Extra-Muros».

Considerou-se como equipa o lugar **onde** se estabelecem novas formas de relação, estando na base da intervenção terapêutica.

Considerou-se a equipa como multiprofissional, tendo que compreender o número e qualidade de técnicos necessários ao cumprimento dos seus objectivos, incluindo pelo menos, médico, assistentes sociais, psicólogo, enfermeiros, terapeuta ocupacional.

Considerou-se que a equipa, na instituição asilar, deveria funcionar fora do quadro administrativo desta, constituindo um pólo de negação do sistema organizacional asilar, levando à desalienação das actividades terapêuticas.

Considerou-se que a equipa está limitada na sua acção pelo nível de desenvolvimento educacional, sócio-cultural e sócio-económico, bem como pela estrutura sócio-política da sociedade global. Concluiu-se que não é à Psiquiatria Social que compete modificar a estrutura social, cabendo-lhe no entanto trabalhar no sentido de que surjam estruturas que permitam o desenvolvimento duma acção psiquiátrica a nível social.

Considerou-se que a dinâmica da mudança de estrutura do hospital geral até ser atingida uma organização comunitária exigiria meios que excederiam aqueles de que em geral os serviços hospitalares poderão dispor neste momento.

SUICÍDIO

Estudado o suicídio, concluiu-se que este é muito mais frequente na área de Lisboa do que no resto do País propondo-se a criação urgente dum centro S. O. S. de combate ao fenómeno.

O CASACO REGULAMENTAR

O caso (bem mais pitoresco do que revoltante) deu-se num local selectíssimo, esclareçamos melhor, à porta do cinema de um casino frequentado pela «gente bem» mais «pires» de toda a Europa (o seu a seu dono). As regras que essa casta conservadora e razoàvelmente (não, mais do que isso) ignora, tirante raras excepções, segrega são deste estilo. Como se vai ver. Nem a pacóvia genuflexão em que vivem perante as grandes capitais do Ocidente consegue civilizá-los, excepto os mais jovens, e no que respeita ao exterior, muito à flor do bronzeado, da barba, do carocol no pescoço, a disfarçar os rr mentais.

Mas vamos à história. Esta não aconteceu comigo, foi com um companheiro que nessa noite vestia, por acaso, sim, por mero acaso, uma espécie de capindó acamurçado, desses que para casacos sobram e para sobretudos minguam. Aí pelo meio da coxa. De resto, muito engravatado, que sabia do que a casa gasta.

Porém, antes aquele traje para ele insólito, logo irregular, o porteiro da «instituição» advertiu:

— Desculpe, mas o senhor, vestido dessa maneira, não entra aqui.

— Qual maneira?

— Se o senhor tirar isso, fica sem casaco.

— Mas não tiro. E isto é mesmo um casaco, que é que o senhor julga?!

— Isso... parece mas é um sobretudo... curto.

— Mostre-me lá o regulamento.

— Tenho ordens rigorosas.

— Acerca do comprimento dos casacos?

— Tenho ordens, já lhe disse.

— Vá já chamar alguém.

— Não vou: o meu lugar é aqui e o senhor não entra.

E não entrou. Vivam os casacos regulamentares!

Problemas em aberto nas negociações EFTA-CEE

. Segundo fontes ligadas à CEE, continuam em aberto os seguintes problemas, nas negociações entre os países da EFTA não aderentes ao Mercado Comum e a comissão europeia:

. 1) **Regras de origem.** Os não candidatos estão satisfeitos com as concessões da C.E.E. mas consideram ainda muito fraca a percentagem de elementos originários de terceiros países (Estados Unidos, Japão, etc), autorizados a entrar num dos seus produtos, para este poder beneficiar do livre câmbio à entrada no Mercado Comum.

2) **Produtos industriais sensíveis.** Os não candidatos. pedem à C.E.E. a redução da duração do período transitório especial para certas produções (papel sueco, têxteis portugueses) de que os industriais da CEE receiam a concorrência. Alguns ameaçam a CEE com a imposição, pelo seu lado , dum desarmamento aduaneiro mais lento para as exportações aduaneiras (para o aço e ligas especiais no caso da Suécia).

3) À margem da negociação pròpriamente dita, a comissão pede a Estocolmo, Berna e Viena que procedam unilateralmente, a concessões pautais para os produtos agrícolas italianos (frutas, vinhos) e holandeses (flores e plantas) (F.P./D.L.).

Quer uma cabeça nova?

Continuação da primeira página

pode ser executado o estranho desejo.

«Embora nem todos os problemas estejam resolvidos, hoje em dia é preciso que pensemos, e queremos pensar, na possibilidade da transplantação da cabeça» — declarou o médico, perante o quinto congresso dos especialistas mundiais de transplantações, realizado nesta cidade italiana.

«A transplantação de um cérebro, que, até ontem, constituia objectivo máximo da cirurgia experimental, foi hoje ultrapassada.

«Já o fizemos em macacos e estamos no caminho certo. Será neste caminho que prosseguiremos» — afirmou.

O professor esclareceu que ele e a sua equipa de Cleveland descobriram que tais transplantações poderiam ser efectuadas se a operação fosse conduzida sob temperaturas negativas — de modo a que a actividade cerebral abrandasse a ponto de permitir qùe os cirurgiões tivessem tempo de trabalhar sem danificarem permanentemente o orgão transplantado.

No congresso participaram especialistas de todo o mundo.

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de ampliação e remodelação na rede dos Serviços Municipalizados, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 9 (domingo) das 6,30 às 14 horas, nas seguintes zonas:

Bairro de S. João, Camarate, Bairro do Grilo, Fetais, Bairro Angola, Mucharros, Apelação, Unhos, Catujal, Martin do Vale, Bairro do Miradouro, Bairro das [illegible]oas e toda a linha de A[illegible] entre Sacavém-Camarate-Unhos.

Este corte afectará o abastecimento de água à povoação de Camarate.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 6 DE JULHO DE 1972.

Pel'O Engenheiro Director-Delegado, *Mário Pato e Silva*.

CIDADÃOS EM UNIFORME

Como a Alemanha edifica um novo exército? O que é a Bundeswehr? É possível eliminar os motivos que levam à indisciplina, à desobediência dentro de um Exército? Quais são as missões de um Exército na paz e na guerra?
Todos estes problemas e o modo como a Alemanha os está a solucionar com êxito, constituem a matéria de um importante artigo incluido no número de Julho de Selecções do Reader's Digest.

Uma obra prima da arte de destilação

Haig
SCOTCH WHISKY

conhecido desde 1627

Se tem menos de 21 anos, viaje em toda a Europa por 1940$00, com o cartão

Inter-Rail 72

Peça informações nas estações e nas Agências de Viagens.

Caminhos de Ferro Portugueses

DL/GERAL

"ODONTOLOGISTAS: PROFISSÃO DESCONSIDERADA"

CURANDEIROS E ENDIREITAS

Um artigo aqui publicado onde se dava conta da situação dos odontologistas portugueses, vista por eles próprios e por um deputado da Assembleia Nacional, motivou a seguinte carta da Sociedade Portuguesa de Estomatologia:

«Diz-se no artigo em referência que estes «incompreendidos», estão impossibilitados de se inscrever no Sindicato dos Odontologistas.

Ora, neste Sindicato, só podem inscrever-se os odontologistas que se encontrem nas condições que a Lei exige.

Aqueles a quem o artigo se refere, não são, nem nunca foram odontologistas, estando para estes, como os curandeiros estão para os médicos.

Para ser odontologista, em qualquer País do mundo civilizado, é necessário ter o curso liceal, e em seguida, frequentar com aproveitamento, um curso universitário, de pelo menos cinco anos. Quantos desses indivíduos passaram além do 5.º ano dos Liceus? Quantos terão a 4.ª Classe? Fala-se em diplomas, mas quantos destes foram obtidos e pagos por correspondência?

O facto de pagarem contribuição, só mostra que o fisco recebe sem olhar de quem, mas isso não implica o reconhecimento oficial de actividades praticadas à margem da Lei. É opinião dum ilustre Deputado da Nação, que, tendo estes iniciado a actividade profissional há longos anos, isso seria razão suficiente para serem legalizados.

Usando o mesmo «raciocínio» teríamos que legalizar várias actividades, desde que os respectivos praticantes provassem que as exerciam há determinado número de anos. Estariam neste caso os curandeiros, os endireitas e outras actividades marginais da Medicina.

Parece-nos que entre as profissões que exigem carteira profissional se conta a dos Jornalistas. Que diria V.Exa. se se intitulassem jornalistas certos indivíduos de letras grossas, que todos nós conhecemos? A falta de profissionais devidamente habilitados, não serve como argumento para a legalização dos que não o são.

Ultrapassou já a Sociedade Portuguesa de Estomatologia o meio século de existência. O primeiro cuidado das suas 25 Direcções, tem sido pedir às entidades oficiais a criação do Ensino da Odonto-Estomatologia. Sua Exa. o Ministro da Educação Nacional anunciou ao País a criação do Ensino, para que fora solicitado pelas Direcções da Sociedade Portuguesa de Estomatologia e do Sindicato dos Odontologistas. Uma vez a Escola em funcionamento, ela estará aberta a quantos a queiram frequentar, exigindo-se apenas o curso dos Liceus.

Será essa a única maneira de legalizar os tais «odontologistas».

N. da R: Por muito que custe à citada sociedade, não se referia o artigo aos curandeiros ou a endireitas, como nele bem se mostrava. O problema que foi apresentado dizia respeito a todos os odontologistas que, pelas condições em que trabalham, e pela sua prática e mesmo pelas suas habilitações (se bem que não reconhecidas) são pessoas e profissionais que nos merecem todo o respeito. Além do mais, não é o diploma que faz um profissional, hoje. Cada vez menos. Quanto à maneira de solucionar o problema, já não nos cabe definir orientações. Mas estamos para informar dos factos e das queixas e das propostas que até nós chegarem.

ORA DIGA-NOS ...

Sabe o que é um cine-clube?

Vai-se ao cinema por isto e por aquilo, ou simplesmente por razão nenhuma. **Mas** também há quem saiba **que** o cinema é uma das maiores manifestações da cultura moderna. Por isso, o filme pode ser objecto de debate, de animação cultural autêntica — e assim acontece, ou deveria acontecer, pelo menos nos cine-clubes. No Barreiro terra de briosas tradições associativas, interrogámos várias pessoas, ao acaso da rua.

Francisco Milheiro dos Santos, de 47 anos e já reformado do comércio está a leste do problema:

— Creio que é uma associação dedicada a várias iniciativas. Sei pouco mais ou menos o que é...Uma coisa boa para a mocidade...Não sou sócio nem frequento. Já me convidaram uma vez, para ir, ao cinema, mas eu não podia porque tinha que fazer.

José Adolfo Baleizão do Carmo empregado de café, sócio do cine-clube, por mero acaso. Anda totalmente a leste das actividades culturais da associação.

— Simplesmente sou sócio. Vantagens? Não estou dentro

daquilo: raras vezes ponho lá os pés. Entrei por causa da rapaziada que vem ao café. Porpuseram-me e eu aceitei. Nunca vi nenhum filme do cine-clube.

Anabela de Carvalho estudante liceal, 18 anos, sabe «vagamente» o que é um cine-clube.

— Conheço muitos sócios do cine-clube. Até tenho amigos dentro dessa actividade. Não é um clube de cinema onde apresentam filmes de qualidade que dizem qualquer coisa?

ROUPAS PARA POBRES

A comissão de beneficência de «Os Marialvas de S. Cristóvão», promove no dia 6 de Agosto, na Casa de Ourém, a distribuição de roupas e calçado a crianças pobres do sexo feminino, com idades compreendidas entre os cinco e os oito anos.

O MAIOR GRUPO DE PUBLICIDADE

Foi tornado público simultâneamente em Pàris e Amsterdão em 30 de Junho passado, a junção da Publicis — a maior Agência de Publicidade Francesa com a Intermarco, organização europeia com Agências em oito países. O objectivo fundamental desta operação é o de alcançar uma posição proeminente no mercado da publicidade internacional. A combinação agora efectuada oferece uma excelente base para posterior desenvolvimento e expansão ao nível desejado.

O Grupo Publicis detem um vasto leque de actividades, particularmente no campo da comunicação, com interesses substanciais na Rádio (Régie n.º 1), Cinema publicitário (Mediavision), afixação de cartazes (Metrobus-Publicit) e ponto de venda (Publinel).

A Agência Espiral, de Lisboa, mantém, há cerca de dois anos, um acordo de trabalho com a Intermarco, com total independência financeira, técnica e administrativa.

TERMAS DO VIMEIRO

ONDE ENCONTRARÁ

PISCINAS ABASTECIDAS

COM ÁGUA CORRENTE A 27°

(com instrutores de natação)

MAGNÍFICAS PRAIAS MUITO IODADAS

Santa Rita — Porto Novo

EQUITAÇÃO

CAMPO DE GOLFE E TÉNIS

c/ instrutor

HOTEL DAS TERMAS ★★

(100 QUARTOS)

HOTEL GOLF MAR ★★★

Marcações telefs.: 3 ou 6 de A-DOS-CUNHADOS

LISBOA: 68 0568 - 65 14 45 - 65 12 02

REABRIU A PISCINA FLUTUANTE DO TAMARIZ

MAIS SOL * MAIS IODO * MAIS MAR COM TODO O CONFORTO DE UMA PISCINA

Novos preços: Sábados, Domingos e Feriados 40$00 (homens) e 30$00 senhoras); Outros dias 30$00 (homens) e 20$00 (senhoras

Informações e venda de bilhetes no Estabelecimento de Banhos de Mar do Tamariz — Telefs. 26 35 12 - 26 18 85

UMA SEMANA EM LONDRES

Partidas: 10, 17 e 31/7
3, 7, 14, 21 e 28/8

- Viagem em avião a jacto
- Estadia no Hotel
- Transportes em terra
- Visita de Londres
- Todas as taxas

PREÇO EXCEPCIONAL 3.350$00

ORGANIZAÇÃO abreu

FUNDADA EM 1840

LISBOA — Av. Liberdade, 160 — Telefone, 320071
PORTO — Av. Aliados, 207 — Telefone, 27921
COIMBRA — Rua da Sota, 2 — Telefone, 27811

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

SEMANA DE 44 HORAS

DESCANSO DOS EMPREGADOS DE BALCÃO AO CRITÉRIO DOS PATRÕES

Entrou em vigor, no passado dia 1, a lei referente ao horário de trabalho dos empregados de balcão que visa as 44 horas semanais nos meses de Verão. No entanto não ficou estipulado, concretamente, qual o dia da semana para o descanso a que têm direito, o qual fica portanto, sujeito ao critério dos patrões e aos seus interesses mais directos. Assim, há estabelecimentos que fazem semana inglesa, outros a encerrar à segunda-feira de manhã e ainda outros que não fecham a não ser ao domingo — utilizando o sistema de «roulements» em relação ao pessoal.

Os comerciantes, na grande maioria, preferem o sistema do dia de encerramento fixo para todos. Todavia ninguém melhor do que os interessados pode pronunciar-se sobre esta medida.

Num breve inquérito recolhemos as opiniões de responsáveis por estabelecimentos abrangidos.

«Nós encerramos ao sábado à tarde, mas acho que o dia de descanso devia abranger todos igualmente. — diz Maria Margarida Simões, sócia-gerente de uma casa de malhas e confenções — **Se todos fechassem ao mesmo tempo seria o ideal... tanto faz ser ao sábado ou a outro dia qualquer. É evidente que o pessoal prefere ter o sábado livre, tanto mais que não prejudica nada pois geralmente é um dia fraco para o negócio. De terça-feira a sexta há um certo movimento...** mas **ontem, uma segunda-feira, tivemos um dia muito bom. Isso deixa-nos indecisos...»**

Dirigente sindical: «Queremos a semana inglesa para todo o ano.

SEMANA «CHINESA»

Alberto de Oliveira Matos, sócio-gerente de uma firma de electrodomésticos, manifesta porém uma ideia totalmente contrária. Aliás, o seu estabelecimento fecha à segunda-feira de manhã, método adoptado de há dois anos para cá e, segundo parece, com resultados positivos para o patronato.

«Temos a semana «chinesa». Para falar francamente, sou pelo descanso ao sábado, mas atendendo à localização da nossa casa é mais conveniente este sistema que praticamos. Muitas pessoas aproveitam o começo de fim-de-semana para nos visitar, Quase toda a população de Lisboa tem semana inglesa e dá-lhe jeito fazer compras ao sábado porque dispõem de tempo suficiente para escolher o material. Estipulámos a segunda-feira pela vantagem de ser um dia morto: aqueles que fugiram, no fim-de-semana, de Lisboa regressam do domingo já tarde. E das duas uma: ou vão trabalhar no outro dia ou ficam a descansar.»

Encarregado de uma loja de modas com 39 anos de experiência, o sr. Gonçalves afirmou-nos: **«O encerramento do comércio para descanso do pessoal devia ser ao sábado à tarde, porque senão acaba por estragar dois dias ao cliente, que vem às compras ao sábado e encontra muitas casas fechadas; depois resolve vir à segunda e passa-se a mesma coisa... Isto traz um certo transtorno.»**

SEMANA «INGLESA» TODO O ANO

O Sindicato dos Caixeiros, orgão representativo e defensor dos interesses dos seus associados, tem vindo a travar dura batalha para conseguir as máximas regalias para os trabalhadores, Ouvimos José Ferrão Matos, presidente da Secção dos Empregados de Balcão do organismo:

Nós lutamos, desde o princípio, pela semana das 44 horas. Mas não é só isso que nos interessa: queremos a semana inglesa para todo o ano. Algumas casas, em vez da tarde de sábado dão uma manhã de semana, e isso não está certo. O Grandella, por exemplo adoptou este sistema. Nenhum trabalhador — e eu sei disso porque falo com eles todos — está contente com tal medida. Ainda ontem vieram uma série de empregadas daquela casa ter comigo e expôr as suas razões. Ainda não conquistámos o descanso semanal válido para todo o ano mas trabalhamos nesse sentido. No ramo de Loiças e Vidros estamos mais adiantados, nesse aspecto, do que em relação a qualquer dos outros: concederam-nos quatro meses.

E a finalizar:

Há uma lei, em vigor desde 26 de Dezembro, que determina que os presidentes das Câmaras podem elaborar o período de abertura das lojas. Na província, o trabalhador acaba por ter semana inglesa, mas o presidente da Câmara de Lisboa ainda não se pronunciou sobre o assunto».

A maior parte dos comerciantes quer semana inglesa, e a prova disso está no resultado dos inquéritos feitos pelo Sindicato sobre esse ponto. Mais de mil assinaturas a confirmar uma posição mal definida e que não satisfaz nem empregados nem patrões.

Neste momento trabalhamos no contrato do ramo dos retalhistas — acrescenta ainda o mesmo dirigente sindical —, que não estão abrangidos pelos outros contratos de trabalho. Enviámos a proposta ao Grémio.

TÊXTEIS PORTUGUESES TEMEM O MERCADO COMUM

O alto índice emigratório, o crescimento médio do produto nacional bruto abaixo do desejável, a acentuada taxa inflacionista, o estancamento do comércio de têxteis com o ultramar, e as futuras relações com o Mercado Comum onde os texteis são considerados produtos «sensíveis», constituem os principais problemas que se pôem áquela indústria segundo relatório anual da Fiandeira de Avelar, publicado no Diário do Governo.

No plano internacional, a coniuntura apresentou-se dominada por três factos: crise monetária, alargamento da Comunidade Económica Europeia e pretendida inclusão dos têxteis na lista de produtos industriais considerados «sensíveis» pelo Mercado Comum. A solução de comprimisso definida, em Dezembro último, no acordo de Washington acarretou a queda do dólar, no que tange à paridade das principais moedas, provocando incidências nefastas na expansão do comércio mundial.

Por seu turno, o alargamento do Mercado Comum verificar-se-á no início do ano próximo. E as negociações decisivas, óra em curso, quanto a Portugal, devem proporcionar a nossa entrada naquela data. E, sem qualquer sombra de dúvida, a participação do nosso país no Mercado Comum far-se-á dentro de condicionalismo menos vantajoso do que o alcançado quando, há uma dúzia de anos, ingressámos na E. F. T. A. Termos em que, mercê da fragilidade estrutural do sector têxtil, dificuldades em série, talvez insuperáveis, virão afectar a indústria nacional. Queremos aludir ao forte proteccionismo do mercado americano e ao do muito mais importante mercado da Comunidade Europeia alargada.

O FUTURO

A CURTO PRAZO

Outrossim, pelo que à economia interna concerne, avultam aspectos relevantes: subsistência de alto índice emigratório, a superar o saldo fisiológico: crescimento médio do produto nacional abaixo do desejável (cerca de 6 por cento), e acentuada taxa inflacionista. O nível de preços no consumidor deverá registar, por isso, o maior incremento dos derradeiros anos, com incidência acentuada na alta de salários, agravada por extensa teoria de regalias sociais, **que superam as concedidas por países evoluídos.** A culminar, reformou-se o sistema de pagamentos interterritoriais, com vista à disciplina financeira das relações entre as diversas parcelas do mundo português. E a resultante primeira foi o estancamento do comércio de têxteis com o ultramar.

Nem se vislumbra, a curto prazo, uma política de consentânea reformulação industrial, que conduza o País a plano de satisfatória vivência no sector têxtil. Após espectaculares êxitos da exportação, enfrentamos já dificuldades de acesso aos mercados ultramarinos, suportamos cada vez mais intensa concorrência por parte de nações do Terceiro Mundo e temos ante nós a perspectiva de fortíssimo proteccionismo tanto do mercado americano como dentro da Comunidade Europeia alargada.

Barragem do Vale do Limpopo

Decorrem em Moçambique, no rio dos Elefantes, a pouco mais de 240 Km de Lourenço Marques, as obras para a construção da Barragem de Massingir, que será o complemento natural da obra de irrigação e povoamento do Colonato do Limpopo e é considerada essencial para o aproveitamento de todo o Vale do Limpopo, cujo esquema de conjunto se estuda e se traça neste momento. A conclusão da Barragem está prevista para Agosto de 1975.

A finalidade primária e fundamental do aproveitamento é de ordem agrícola, pois ele proporcionará possibilidades de rega, nos anos mais secos, tanto à área do Colonato (31 mil ha de regadio), como a outras terras do vale dos Elefantes e do vale do Baixo Limpopo, de enorme extensão e de extraordinária fecundidade. Toda a região é de clima semi-árido; sem irrigação é quase nulo o seu valor económico.

Com a Barragem de Massingir será sustada a progressiva salinização dos terrenos que está a verificar-se na região de João Belo, onde se desenvolve uma agricultura de notável potencialidade.

Perante o intensíssimo programa de obras de hidráulica agrícola que a República da Africa do Sul está a realizar, num ritmo que o flagelo da seca dos últimos anos acelerou muito, se não se andar depressa, criando no nosso território as grandes regularizações possíveis, verificar-se-ão ano a ano, secas mais catastróficas, pois a política de retenção da água «à outrance», desenvolvida por aquele país, afectará progressivamente os nossos caudais de estiagem, e tanto mais quanto pior for o ano.

A história desta obra data de tempos recuados. Com efeito, foi em Agosto de 1924 que o eng.º Trigo de Morais deu início ao estudo e projecto da Irrigação do Vale do Limpopo. Aquele projecto, terminado em 1925, previa já a construção de uma barragem no rio dos Elefantes, num local denominado Massingir, e lê-se, ao tempo, no parecer do Conselho Superior de Obras Públicas e Minas, que é «perfeitamente exequível e econòmicamente recomendável.»

Em 29 de Outubro de 1964, o Ministro do Ultramar, sobre parecer do Conselho Superior de Fomento Ultramarino, criou um Grupo de Trabalho com o objectivo de promover «os estudos e os projectos necessários à execução das obras de Massingir, no rio dos Elefantes.» O trabalho foi lançado utilizando os elementos de estudo já existentes, com o apoio do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, do Laboratório de Ensaio de Mecânica do Solo de Moçambique, das Direcções Provinciais dos Serviços de Geologia e Minas, Geográficos e Cadastrais, Serviços Autónomos de Electricidade e pessoal da Brigada Técnica do Limpopo.

O ante-projecto, adjudicado a uma firma especializada, foi concluído em fins de 1966. Em consequência das conclusões do Conselho Superior de Fomento Ultramarino, a elaboração do projecto definitivo foi entregue à mesma firma, que o apresentou em 15 de Agosto de 1969. A secção do Grupo de Trabalho que actuava em Moçambique acompanhou todos os estudos, e foi ela — sempre com a colaboração do Laboratório de Ensaio de Materiais e Mecânica dos Solos — que forneceu todos os elementos de base para a sua elaboração.

CARACTERÍSTICAS

A barragem, de terra, apresentará perfil heterogéneo, procurando tirar o maior partido possível dos materiais disponíveis.

Será constituída por um corpo central, no leito principal do rio, com 441 m de comprimento e 48 m de altura máxima sobre a fundação, e por dois diques laterais, o da margem direita com 3 129 m e o da esquerda com 1 059 m, com alturas máximas de 31 m e 21 m, respectivamente. O desenvolvimento total da barragem será, portanto, de 4 629 m, sendo a largura do coroamento de 12 m no corpo central e 9 m nos diques laterais.

O nível de pleno armazenamento da albufeira ficará à cota (125,00), o de máxima cheia à cota (126,00) e o coroamento da barragem à cota (130,00).

A capacidade total da albufeira será de 2 844 milhões de metros cúbicos e a sua capacidade útil de 2 705 milhões de metros cúbicos.

A superfície inundada à cota (125,00) será de 15 078 ha.

As descargas de fundo, que funcionarão também como tomadas de água para uma possível central hidroeléctrica e lançamento de caudais regularizados para a rega, são constituídas por 3 condutas de betão armado.

Como referimos, a conclusão da barragem está prevista para o fim de Agosto de 1975.

O fecho das comportas das descargas de fundo far-se-á em Setembro de 1975, iniciando-se o enchimento da albufeira na época das chuvas de 1975/76.

Proceder-se-á posteriormente aos trabalhos de montagem das blindagens, betonagem e montagem das comportas e servo-motores nas estruturas de saída das descargas de fundo, ficando a obra totalmente concluída em Outubro de 1976. O seu custo total está orçado em 590 mil contos.

A aldeia de Massiosgis.

Vista aérea da parede da Carragem.

DL/ESTRANGEIRO

Alterações mínimas no governo de Brandt: Helmut Schmidt sucede a Karl Schiller

BONA, 7 (F. P. e R.) — O ministro da Defesa alemão Helmut Schmidt vai assumir a importante pasta das Finanças e Economia em substituição do prof. Karl Schiller, que se demitiu, disseram fontes governamentais.

O chanceler Willy Brandt tinha anunciado ontem que aceitara o pedido de demissão apresentado por Schiller.

Segundo as mesmas fontes a pasta da Defesa abandonada por Schmidt será ocupada por Georg Leber, actual ministro Lauritzen acumulará o seu cargo com a pasta dos Transportes.

O chanceler quís reduzir ao mínimo as alterações introduzidas no seu Governo de coligação uma vez que ainda este ano terá de disputar novas eleições gerais por ter perdido a maioria no Parlamento.

Uma vez que os problemas económicos assumem sempre grande importância em ano de eleições, o afastamento do professor Schiller é considerado nos círculos políticos um severo golpe para a coligação já bastante abalada pela deserção de alguns dos seus deputados no Parlamento.

O prof. Schiller, considerado um profundo conhecedor dos problemas económicos e gozando de grande prestígio na Alemanha, foi um dos principais trunfos com que os sociais-democratas contaram nas eleições de 1969 que colocaram no Poder a coligação chefiada por Willy Brandt.

MEDIDAS RESTRITIVAS CAMBIAIS

O chanceler dá hoje uma conferência de Imprensa para anunciar as modificações introduzidas no Gabinete e abordar outros problemas políticos antes de partir de Bona para as férias de Verão.

Os observadores pensam que os ministros desempenharão apenas funções interinas nos seus novos cargos na medida em que têm já pouco tempo antes das eleições para mostrarem tudo aquilo que são capazes.

Alguns banqueiros alemães pensam que a saída do prof. Schiller, que sempre se opôs á introdução de um sistema rigoroso de controle cambial, permitirá ao Banco Federal adoptar medidas mais drásticas para travar a entrada de capitais estrangeiros especulativos considerados responsáveis pelas pressões inflacionárias que se fazem sentir na economia alemã.

Na semana passada o gabinete já aceitou algumas das recomendações nesse sentido feitas pelo Banco Federal, contra a opinião de Schiller. As medidas restritivas cambiais poderão agora encontrar melhor recepção por parte do novo ministro das Finanças, que tem fama de saber tomar decisões firmes e de manter a disciplina.

O NOVO MINISTRO

O novo ministro da Economia que deixa a pasta da Defesa, tem 54 anos.E hamburguês e vice-presidente do S. P. D. Diplomado em Ciências Políticas e Económicas serviu na frente do leste durante a guerra.'Especializou-se de início em questões relativas á Economia e aos transportes da cidade hanseática. Eleito deputado para I Bundestag em 1953 revelou-se como um dos criadores mais incisivos e técnico em matéria militar. Fez a campanha do S. P. D. contra o armamento nuclear da Bundeswhar.

Regressou a Hamburgo em 1961 onde exerceu até 1965 as funções de senador (ministro) na dieta local.

Foi com Rainer Barzel (C. D. U.) chefe da actual oposição, um dos principais artesaõs da «Grande Coligação» entre cristãos e sociais democratas que governou desde fins de 1966 a Setembro de 1969.

TANAKA A FAVOR DO DIÁLOGO COM PEQUIM

TOQUIO, 7 (R) — O novo primeiro-ministro do Japão, Kakuei Tanaka, deparou hoje com a primeira crise do seu governo de um dia quando dois membros do seu gabinete se recusaram a exercer os cargos.

Makoto Miike, nomeado ministro dos Correios e Telecomunicações e Kiichi Arita, director-geral da agência de Planeamento Económico, recusaram-se a fazê-lo logo depois das nomeações serem anunciadas.

Os dois são membros de uma facção do partido, chefiada pelo antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, Takeo Fukuda, vencido por Tanaka na eleição para primeiro-ministro.

Fontes bem informadas disseram que Fukuda tinha exigido quatro cargos no governo para a sua facção e ficara indignado quando apenas lhe foram concedidos dois.

Funcionários governamentais declararam que o próprio Tanaka sobraçaria por enquanto as duas pastas.

MINISTRO SEM PASTA

Tanaka escolheu hoje o seu gabinete, dando cargos importantes a políticos que apoiam o estabelecimento de relações diplomáticas com a China.

O primeiro-ministro, após a sua eleição para suceder a Eisaku Sato, prometeu normalizar as relações com Pequim, assinar um tratado de paz com a União Soviética e fortalecer os elos com os Estados Unidos.

Isso está de acordo com o pensamento do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Masayoshi Ohira, de 62 anos, que sobraçou essa pasta em principios dos anos 60 e é considerado como o arquitecto principal da evolução económica do Japão durante essa década.

Ohira é a favor de diálogo entre o Japão, Estados Unidos, União Soviética para manter a paz na Asia.

Tanaka acabou com a tradição dos seus recentes predecessores ao nomear um ministro sem pasta. O cargo foi dado a Takeo Miki de 65 anos, enérgico defensor da normalização das relações sino-japonesas, que se deslocou em Abril passado a Pequim. Funcionários disseram que Miki seria considerado como um vice-primeiro ministro.

Miki é, também um antigo ministro dos Negòcios Estrangeiros. Observadores pensavam que a sua nomeação se destinava a fortalecer a politica externa de Tanaka visto o primeiro ministro confessar não ser um perito nesse campo.

Havia especulação de que Ohira e Miki trabalhariam juntos para desenvolver a nova diplomacia japonesa em relação à China.

A PARIDADE DO IENE

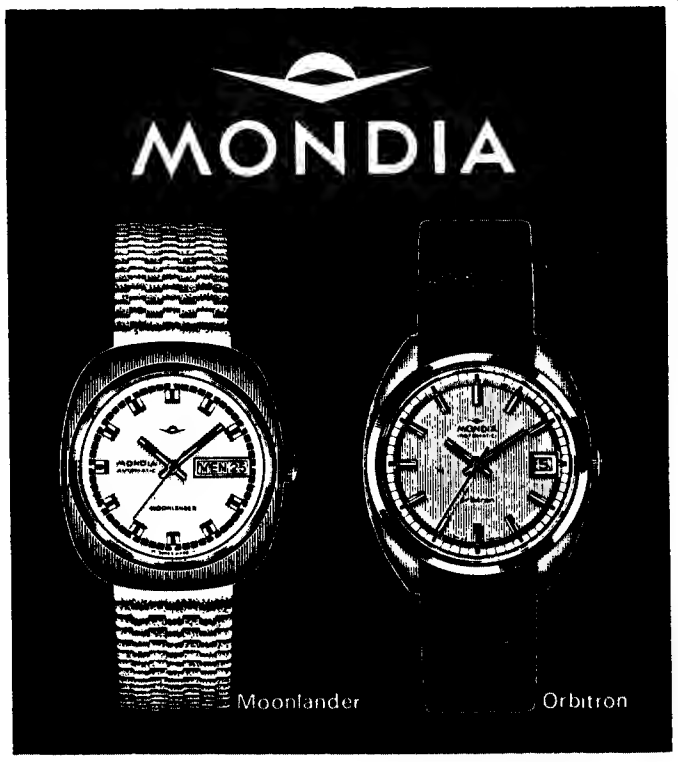
Economistas aguardam que Tanaka agirá rápidamente no sentido de estabelecer uma politica financeira e comercial que evitará pressão internacional para outra desvalorização do Iene.

Para o ministério das Finanças, o primeiro-ministro escolheu Koshiro Ueki, de 72 anos, que prestou serviço como funcionário da fazenda píblica nesse ministério antes da segunda guerra mundial.

A pasta vaga por Tanaka de ministro do Comércio Internacional e da Indústria foi dada a Yasuhiro Nakasone, de 54 anos um dos mais brilhantes elementos do partido, que tem ambições de ser um futuro primeiro-ministro.

Nakasone retirou-se esta semana da eleição no Partido Democrático Liberal a fim de apoiar Tanaka, e foi recompensado com um dos cargos governamentais mais importantes e delicados.

Na sua primeira conferência de Imprensa, Nakasone afirmou que manteria a actual paridade do Iene, revalorizado em 16.88 por cento em Dezembro passado.



SÍMBOLO DA HORA EXACTA

MOVADO — ZENITH — MONDIA

Holding Horloger S. A.

À venda nas boas ourivesarias e relcjoarias

A Convenção principia na próxima segunda-feira e o ambiente é de efervescência (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Confusão e incerteza a três dias da Convenção Democrática

WASHINGTON, 7 (F.P.) — A três dias da convenção Nacional de Miami Beach, o partido democratico encontra-se em plena confusão. De há um mês para cá, a querela dos antigos e dos modernos tomou tais proporções que agora escapa à direcção dos que, na origem, a encorajavam secretamente. Dois clãs rivais, e pouco mais ou menos com a mesma força, correm o risco de se enfrentarem na próxima segunda-feira, numa atmosfera de paixão e de azedume.

A situação foi-se degradando, à medida que o senador George McGovern, considerado em Março como um «outsider», passou a fazer figura de favorito e ganhou dez eleições nas primárias, nomeadamente nos dois estados mais populosos, a Califórnia e Nova Iorque. Apoiado pela juventude, pelas minorias étnicas, pelos liberais e, dum modo geral, pelos partidários de uma renovação, McGovern não é ùnicamente partidário da retirada imediata e sem condições de todas as forças americanas na Indochina. Ele apresenta um programa de reformas económicas e sociais revolucionário para a América. Fez com que este programa fosse adoptado pelos seus delegados, sem consultar os profissionais do Partido, nem os dirigentes sindicalistas, nem os governadores, nem os presidentes dos municipios... em suma, sem consultar o «establishment».

As individualidades de destaque, receando que a eleição de McGovern venha a saldar-se, em Novembro, por um desastre para o Partido Democrata, não só na eleição presidencial, mas também na Câmara dos Representantes, no Senado, nos Municípios e nas legislaturas de estado, coligaram-se para tentar entravar a ascensão do senador.

Aproveitando a actual confusão, os candidatos que, nas primárias, foram flagrantemente batidos, travam agora uma dupla campanha: tapar o caminho a McGovern e fazer figura de salvador do Partido na Convenção. Hubert Humphrey, que se apresenta pela terceira vez, ostenta um belo optimismo. Edmund Muskie, «afundado» nas primárias, volta à superfície e George Wallace, que melhora lentamente do atentado de que foi vítima em 15 de Maio, venderá a quem mais der, os 400 votos de que dispõe.

Neste clima de incerteza e de paixão, um único homem poderia, pensam muitos delegados reunir quase totalmente a unanimidade em torno do seu nome: Edward Kennedy, senador do Massachusetts, último duma geração da família Kennedy marcada por um destino trágico. Mas Ted Kennedy disse claramente que não seria candidato a qualquer função política nacional em 1972. Talvez, porém mude de opinião, se a Convenção de Miami correr o risco de redundar em desastre.

De qualquer modo haverá muitos jornalistas em torno da casa de Hyannis Port, em que Edward Kennedy pertencerá todo o tempo que a convenção do seu partido durar.

NOVO GOVERNO FRANCÊS

"COESÃO E EFICIÊNCIA" PARA AS ELEIÇÕES DA PRIMAVERA

PARIS, 7 (R.) — Um novo Governo assume hoje o poder em França, chefiado por Pierre Messmer, o funcionário civil que é um dos mais fiéis partidários do falecido general de Gaulle.

Messmer anunciou a noite passada a constituição do gabinete de 30 membros, após uma demorada conferência com o presidente Georges Pompidou, que demitira antes o antigo primeiro-ministro Jacques Chaban-Delmas numa tentativa para dar uma nova dimensão à imagem da coligação governamental, dominada pelo partido gaulista.

Chaban-Delmas entregará formalmente os seus poderes a Messmer numa cerimónia que se realiza às 11 horas no Matignon, a residência oficial e gabinete do primeiro ministro.

Espera-se que Messmer faça ainda hoje uma comunicação, onde poderá apresentar quaisquer proposta alterações políticas.

Ao anunciar o gabinete que substitui o Governo de 40 membros de Chaban-Delmas, Messmer prometeu "maior coesão e eficiência".

"Uma grande e demorada tarefa aguarda-nos e estamos prontos a realizá-la" — observou Messmer.

O novo primeiro-ministro é conhecido como um gaulista ortodoxo, mas receberá claramente as suas ordens de Pompidou, que está a tentar remodelar e modernizar o seu Governo quando se aproxima a campanha das eleições para a Assembleia Nacional, que se realizam na próxima Primavera.

20 MINISTROS E 10 SUBSECRETÁRIOS

O novo governo trouxe para o poder alguns gaulistas ardentes, mas o equilíbrio entre a UDR, o partido gaulista, e os seus associados no Governo, os republicanos independentes, o partido centrista para a democracia e o partido do progresso, foi mantido como no mandato de Chaban-Delmas.

Messmer conservou homens experientes nos cargos princípais — Maurice Schumann no ministério dos Negócios Estrangeiros, Valery Giscard D' Estaing no das Finanças, Michel Debré no da Defesa e Raymond Marcellin no do Interior.

As individualidades mais conhecidas que participam no novo Governo são o antigo primeiro ministro Edgar Faure, que ocupará o cargo de ministro de Estado para as questões Sociais, o gaulista intransigente Hubert Germain, que sobraçará a pasta dos Correios, e Jean Foyer, um dos ministros do general, que dirigirá o ministério da Saúde.

Messmer incluiu no Governo sete novas individualidades e fez 17 modificações no gabinete, formado por 20 ministros e 10 secretários de estado ou subsecretários.

O primeiro ministro aumentou a projecção do ministério dos Negócios Estrangeiros ao nomear André Bettencourt, membro proeminente do Partido Republicano Independente de Valery Giscard D' Estaing, para o cargo de ministro delegado junto desse ministério.

Durante discussões antes de Governo ser anunciado, esperava-se que Messmer nomeasse um secretário de estado para as questões europeias, mas não foi criado tal cargo.

«FIDELIDADE ÀS ORIGENS» AFIRMA «L'AURORE»

Jornais franceses encaram o novo governo como uma manobra de Pompidou destinada a tirar a força a uma coligação eleitoral entre os comunistas e socialistas.

Faure, primeiro ministro durante a IV República e ministro da Educação no tempo do general de Gaulle, deve apelar, segundo se espera, para o eleitorado liberal, enquanto Messmer e Germain deveriam atrair o apoio dos gaulistas ortodoxos.

O conservador "Le Figaro" afirma que a remodelação governamental era uma tentativa para "dar novo ânimo a um Governo confuso".

Contudo, previne: «O esperado efeito psicológico não parece ser suficientemente grande para ser alterado o futuro político».

Pompidou poderia ainda, porém, vencer em astúcia a oposição e a apatia eleitoral se assumisse a direcção firme e decisiva da política do Governo e dos preparativos eleitorais — prossegue o jornal.

«Tudo leva a pensar que Pompidou resolveu fazer isso» — acrescenta «Le Figaro».

«L'Aurore», também conservador, considera a formação do novo Governo como o início pelos gaulistas da campanha eleitoral sob o estandarte de «Fidelidade ás origens».

A primeira vista é difícil considerar a mudança como trágica. Digamos que ela nos faz regressar a tempos antigos» — comenta o jornal.

O orgão comunista «L'Humanité» observa: «Messmer é mais um categorizado funcionário cívil do que uma personalidade política.

«Deverá certamente desencadear uma violenta ofensiva contra o programa socialista-comunista, empregando todos os meios de propaganda do Estado acrescenta.

Messmer respondendo às perguntas dos jornalistas após ter anunciado, ontem à noite, a compc sição do novo Governo francês. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

SCHUMANN EM PEQUIM: Princípio das conversações

PEQUIM, 7 (ANI e R) — O ministro francês dos negócios Estrangeiros, Maurice Schumann, que manteve a sua pasta no novo governo de Pierre Messmer, iniciou hoje conversações co o seu homólogo chinês Chi Peng-Fei.

As discussões abrangerão vasto campo de questões mundiais, mas crê-se que incidirão, principalmente, sobre o vietname e a Europa.

Schumann, que chegou a noite passada a Pequim chefiando uma delegação de seis altos funcionários franceses, deve travarum diálogo de cinco dias com dirigentes chineses e avistar-se-à com o primeiro ministro Chou-En-Lai, para uma revisão global de probelmas.

A chegada de Schumann registou-se pouco depois de ser recebida, na embaixada francesa em Pequim, a informação de que o ministro continua a manter a sua posição no novo governo francês.

Observadores disseram ser provável que o presidente Georges Pompidou lhe tivesse dado uma garantia pessoal àcerca disso, antes do minstro partir de Paris.

Esta manhã, Schumann visitou, durante duas horas a cidade interdita (antigo Palácio Imperial) e o museu onde estão expostas as descobertas arqueológicas feitas durante a revolução Cultural numa época em que as informações fora da China asseguravam que os «guarda vermelhos» destruiam os tesouros artisticos chineses.

O ministro e a sua esposa serão esta noite convidados de honra num banquete que decorrerá no Grande Palácio do Povo, em Pequim.

MÍSSEIS CONTRA HANÔI

HANOI, 7 (ANI, F. P. e R.) — Cerca de oitenta pessoas foram mortas ou feridas no «raid» da aviação americana contra Hanói na terça-feira, que durou 45 minutos, anuncia o «Nhan Dan». Este noticia que 574 alojamentos, palhotas ou casas, foram completamente destruídos ou danificados.

Além das bombas, precisa o «Nhan Dan», foram disparados nove mísseis contra Hanói.

Ainda segundo o «Nhan Dan», os peritos puderam constatar que o peso de certas bombas atingia uma tonelada.

Os americanos, escreve o jornal, em substância, não sabem o que é um bombardeamento. «Seria preciso, prossegue, que viessem passar alguns dias entre nós. Então, abandonariam a sua atitude de indiferença».

O editorialista foca novamente o assunto, muito controvertido pelos americanos, do bombardeamento dos diques e das obras hidráulicas, citando nomes de diplomatas e jornalistas (incluindo jornalistas americanos) que forneceram testemunhos das destruições dos diques norte-vietnamitas e dos «massacres da população civil».

ATAQUES AÉREOS NA REGIÃO DE HANÓI

Rádio Hanói, numa emissão escutada em Saigão, afirmou hoje que aviões americanos mataram ou feriram 80 civis, na maior parte mulheres e crianças, dentro dos limites da capital norte-vietnamita em 4 de Julho, durante mais de 30 ataques aéreos.

Dezanove áreas, tanto dentro como fora de Hanói, foram atacadas — acrescentou a emissão.

O comando americano anunciou que foram efectuados ataques contra um depósito de veículos militares a 4,8 quilómetros a sudoeste de Hanói. Acrescentou que numerosos camiões, reboques e abastecimentos foram destruídos ou danificados.

MC GOVERN CONTRA OS BOMBARDEAMENTOS

O senador George Mc Govern declarou que poria fim ao bombardeamento do Vietname do Norte «em poucos minutos» se fosse eleito presidente dos Estados Unidos.

Numa entrevista concedida a uma estação de televisão londrina, foi perguntado ao candidato à presidência como é que ele actuaria face à situação no Vietname, se fosse eleito.

«Os bombardeamentos são a coisa mais assassina e bárbara que estamos a fazer. São uma violação de tudo o que este país defende. Odernaria a sua suspensão minutos depois de prestar juramento» — declarou o senador democrata do Dakota do Sul.

Mc Govern disse ainda que as medidas que tomaria em seguida seriam a elaboração de um programa de retirada das forças norte-americanas a começar dentro de noventa dias, associado a um acordo para a libertação dos prisioneiros norte-americanos em poder dos comunistas.

CORONEIS ARGENTINOS PEDEM ELEIÇÕES

BUENOS AIRES, 7 — (F. P.) — Num documento entregue à Imprensa, um grupo de coroneis do exército argentino, que teria o apoio de uma individualidade peronista, pede a imediata organização de eleições, a abolição de todas as leis repressivas, incluindo a do estado de sítio.

Num comentário, os coroneis afirmam que a situação difícil da Argentina se deve ao fracasso da revolução actual de que atribuem a responsabilidade a uma fração minoritária das Forças Armadas. O documento refere ainda que, na Argentina, os meios de produção estão em poder de monopólios que pretendem dirigir o país segundo métodos de século passado.

REELEIÇÃO

O secretário-geral da Confederação Geral do Trabalho Argentina (C. G. T), José Inácio Rucci, foi reconduzido nas suas funções por um período de dois anos pelo Congresso nacional dos delegados.

O Congresso aprovou ainda uma proclamação exaltando os méritos do antigo regime do general Peron.

PIRATA DO AR ENTREGA-SE À POLÍCIA

OAKLAND (California), 7 — O pirata que desviou um «Boeing 727» da Companhia «Pacific Southwest Airlines» entregou-se à Policia O avião com 59 pessoas a bordo, tinha sido assaltado quando voava entre Oakland e Sacramento e obrigado a aterrar em San Diego, onde ficou estacionado, num extremo isolado da pista.

O assaltante cuja identidade não é conhecida, tinha pedido em San Diego um resgate de 45000 dolares, que lhe foi entregue, bem como um paraquedas, e dissera que um helicóptero deveria esperar por ele em Oakland, para o transportar com destino desconhecido.

Um informador da companhia disse que, após várias negociaçõeso pirata de ar tinha concordado em libertar as mulheres e crianças em troça do dinheiro, mas dissera: «Se o resgate não for entregue, os meus amigos de Las Vegas, Los Angeles e San Francisco terão de tomar atitudes drásticas».

Cerca de três dezenas de mulheres e crianças sairam finalmente do avião e tiveram de caminhar desde o fim da pista até à aerogare, onde foram imediatamente abordadas pelos agentes do F.B.I. para interrogatório. Mais tarde, o assaltante deixou desembarcar o resto dos passageiros, excepto dois, que manteve como reféns e ordenou ao piloto que se dirigisse para o norte, em direcção a Oakland.

Necrologia

D. Lisette de Naire Gonçalves Marques

Faleceu no passado dia 2 a sr.ª D. Lisette de Naire Gonçalves Marques, de 45 anos, natural de Lisboa, casada com o sr. José Segarra Marques.

O funeral realizou-se no dia 3, para jazigo, no Cemitério dos Prazeres.

Amanhã, sábado, dia 8, às 11 horas, na Igreja Santo Condestável, será celebrada Missa de 7.º Dia, pelo seu eterno descanso.

Os serviços fúnebres estiveram a cargo da Agência Barata.

D. Alda Silva Martins Rodrigues

Faleceu a sr.ª D. Alda Silva Martins Rodrigues, de 51 anos de idade, natural de S. Pedro. Funchal, casada com o sr. capitão-de-mar-e-guerra Vasco António Martins Rodrigues. comandante do Grupo N.º 2 de Escolas da Armada, mãe das sr.as D. Maria Isabel Rodrigues Martins da Costa, D. Maria da Graça Rodrigues Lord, D. Maria Luísa Silva Martins Rodrigues e do sr. Vasco Manuel Silva Martins Rodrigues.

Amanhã pelas 10 horas será celebrada missa de corpo presente, na Basílica da Estrela. realizando-se o funeral às 11 horas para o cemitério de Oeiras.

Os serviços fúnebres estão a cargo da Agência Barata.

DL/GERAL

O CINQUENTENÁRIO DA C.C.N.

ENCERRADO COM UMA SESSÃO SOLENE PRESIDIDA PELO CHEFE DO ESTADO

«Ao contrário do que sucede na vida humana em que só após os anos da infância e de preparação mais ou menos longa se entra em plena actividade produtora, meio século de existência numa empresa pode corresponder a um total aproveitamento com intenso trabalho de forte sinal positivo.» — afirmou ontem o dr. Alfredo dos Santos Junior na cerimónia de encerramento do cinquentenário da Companhia Colonial de Navegação, que decorreu a bordo do «Infante D. Henrique» sob a presidência do Chefe do Estado e a que assistiram o ministro da Marinha e numerosas individualidades.

Além do dr. Santos Júnior, presidente do conselho de administração da empresa, e do dr. António Bustorff Silva e eng.º Santos Fernandes, presidentes da assembleia geral e do conselho fiscal, respectivamente, estiveram presentes, nomeadamente, contra-almirante Gomes Ramos, presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante; comodoro Malheiro do Vale, intendente das Capitanias, vice-almirante Roboredo e Silva, contra-almirante Sarmento Rodrigues e Fernando Quintanilha; dr. Luís Gregório, presidente do Grémio dos Armadores da Marinha Mercante; engs. Arsénio Nunes, Luís Lobo e Oliveira e Sousa, respectivamente, presidente administrador-delegado e director dos serviços de exploração do Porto de Lisboa; drs. Teles Fraga, director-geral das Alfândegas, e Ramos Taborda, director da Alfândega de Lisboa; capitão-de-mar-e-guerra Guimarães Rodrigues, capitão do Porto de Lisboa; capitão-tenente Alípio Galvão, comandante da Polícia Marítima; e coronel Guedes Campos comandante da Polícia do Porto de Lisboa; engs. Manuel Peres-trelo de Vasconcelos, administrador-delegado da Lisnave; comandante Albano de Oliveira, presidente do conselho de administração da Companhia Nacional de Navegação; eng. João Rocheta, presidente da Sociedade Geral; dr. Ramos de Sousa, presidente da União dos Sindicatos do Pessoal do Mar; e Manuel Prego, da Empresa Insulana de Navegação, etc.

FASE DA CONSOLIDAÇÃO

No seu dircurso, o dr. Santos Júnior, após referiu que a C.C.N. cresceu desde o início em ritmo progressivo, afirmou:

«Nem as limitações que os condicionalismos da época impunham nem, mais tarde, os reflexos e consequências da 2.ª Grande Guerra Mundial quebraram o ânimo dos seus fundadores entre os quais se destacou Bernardino Corrêa que com denodo e perseverança se manteve na luta pelo desenvolvimento e expansão da Companhia.

«E quando em 1945 se iniciou o que poderemos denominar o período áureo da Marinha Mercante Portuguesa, a Companhia Colonial de Navegação, decorridos pouco mais de vinte anos após o seu nascimento, singrava então já no decisivo rumo que a conduziria à definitiva fase da sua consolidação. «Ao fim de cinquenta anos pode considerar-se com inteira justiça quanto a criação da Companhia Colonial de Navegação por si e até pelas recções salutares que provocou, contribuiu para o ressurgimento da Marinha Mercante Portuguesa.

«Redobradas razões há, pois, para se fazer a pública consagração dessa obra, justificando-se plenamente que estas bodas de ouro sejam condignamente celebradas.

E mais adiante:

«O programa das comemorações deste cinquentenário, que tem vindo a desenvolver-se desde há dias, encerra-se com esta sessão a bordo do «Infante Dom Henrique», o maior e mais belo navio da nossa frota. É-nos conferida a suprema honra da presença de Vossa Excelência, senhor Presidente, facto este que muito nos desvanece e é bem demonstrativo da atenção e do interesse sempre por Vossa Excelência dedicados à Marinha Mercante que em Vossa Excelência teve o maior e mais destacado impulsionador.

«No período de cerca de 14 anos em que sobraçou a pasta da Marinha, depois de ter ocupado durante mais de quatro anos o alto cargo de Presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante, a firme e tão fecunda acção desenvolvida transformou a Marinha Mercante, após sombrios períodos de incerteza e de confusão vividos anteriormente, numa pujante e grande realidade.

«Quase 14 anos decorridos após o dia em que Vossa Excelência deixou de exercer as funções de ministro da Marinha para ocupar a suprema magistratura da Nação, ainda perdura a benéfica influência dos actos e decisões que conduziram de novo Portugal aos tradicionais e largos rumos do mar. Quer isto dizer que não foram tais medidas e decisões meras soluções casuísticas que fácil e ràpidamente cairiam no olvido. Pelo contrário, foram normas e princípios que estabeleceram sólida doutrina na qual se baseou uma política definida que, contribuindo para o ressurgimento da Marinha Mercante, se inseriu na era de engrandecimento que, sob a égide de Salazar, então se operava em todos os sectores da economia nacional.

«Dois aspectos dessa obra global se projectam ainda luminosamente nos tempos de hoje: a acção fortemente coordenada e disciplinadora exercida efectivamente pela Junta Nacional da Marinha Mercante e as possibilidades que o Fundo de Renovação proporcionou, tornando possível a construção da frota prevista no despacho n.º 100 — a carta magna que marcou em termos definitivos o arranque para a criação de uma nova e renovada marinha mercante nacional.

«Mas se a presença de Vossa Excelência é mais uma demonstração do interesse pelo engradecimento da marinha mercante, é também uma prova do especial carinho com que sempre tem acompanhado a vida e acção da Companhia Colonial de Navegação.

O dr. Santos Junior, presidente do conselho de administração da C.N.N., ao proferir o seu discurso

«Lembro, entre muitos que poderia citar, um simples facto bem revelador dessa consideração e da justa apreciação da actividade e propósitos que animavam o seu fundador.

PALAVRAS CLARAS

«No dia 8 de Dezembro de 1953, por ocasião da primeira viagem do «Santa Maria» ao Brasil, num almoço de homenagem a Bernardino Corrêa, promovido pela Federação das Associações Portuguesas do Brasil e pela Câmara Portuguesa do Comércio e Indústria do Rio de Janeiro, Vossa Excelência que presidia ao almoço na qualidade de ministro da Marinha, em viagem oficial, proferiu no seu discurso as seguintes palavras:

«E assim, nos primeiros dias de Agosto de 1945, entre os termos da guerra na Europa e no Oriente foi estabelecido, por quem nessa altura era já ministro e sentira como presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante todas as dificuldades derivadas da guerra, um plano de renovação da marinha mercante, plano elaborado de acordo com todos os armadores de longo curso e com a colaboração do então presidente da Junta. Entre as empresas armadoras esteve sempre presente a Companhia Colonial de Navegação, que mostrou ser das mais entusiásticas na renovação e no engrandecimento da frota mercante portuguesa».

«Do mesmo eloquente discurso transcrevo ainda os seguintes períodos:

«Para tornar possível, porém, a renovação da marinha mercante, visto os armadores não disporem de recursos suficientes teve o Estado de conceder empréstimos, feitos a juro propositadamente módico e através do Fundo de Renovação da Marinha Mercante criado por especial diploma de 1946. E foi a Companhia Colonial de Navegação, dentro todas as empresas auxiliadas, aquela que recebeu empréstimos mais avultados e isso derivou, em parte e precissamente, da construção dos dois navios para a carreira da América do Sul.

qqFoi portanto o esforço realizado pela Companhia Colonial de Navegação muito grande, e, embora devidamente compreendido pelo Estado e por ele auxiliado, necessita de ser considerado em toda a sua extensão por todos quantos o possam e devam fazer.»

«Palavras claras, expressivas e tonificantes que, traduzindo a consideração pela colaboração prestada, se guardam como prémio da obra realizada e como estímulo para os que se entregam à difícil tarefa da condução dos destinos da Companhia nos rumos que melhor a servindo, sirvam igualmente os interesses da Nação.

Tentei traduzir tudo quanto significa para nós a honrosa presença de Vossa Excelência nesta sessão.

«Sinto que o fiz sem o brilho devido, é certo, mas com a profunda sincedirade com que todos quantos trabalham nesta empresa, respeitam, estimam e admiram quem com tanto aprumo, distinção e saber, tem desempenhado para bem de todos os portugueses o difícil cargo de Chefe do Estado. E neste momento juntam o seu júbilo ao geral contentamento com que foi recebida em todo o mundo português, a notícia de que será Vossa Excelência o candidato nacional à eleição para novo mandato presidencial.

«A Vossa Excelência, senhor Ministro da Marinha, dirijo as mais calorosas saudações, agradecendo a presença com que nos honra nesta sessão em que se consegram cinquenta anos de intenso labor, durante os quais se foi erguendo a pouco e pouco uma instituição que tem procurado dar o seu maior contributo para o desenvolvimento da marinha mercante e para o prestígio, nos mares, do pavilhão nacional.

HORA FESTIVA

Nas altas funções governativas que lhe estão confiadas, tem-se mantido Vossa Excelência bem atento aos problemas da marinha de comércio e conhece portanto, em toda a sua extensão as dificuldades que ùltimamente têm afectado dum nodo geral todo o armamento e em particular a nossa Companhia, não só pelo seu dimensionamento ams também pela constituição especial da sua frota.

«Será certamente grato a Vossa Excelência que nesta hora festiva juntemos aos nossos agradecimentos a afirmação da nossa forte vontade e firme determinação de vencer aquelas dificuldades e de levarmos a bom termo a tarefa de reestruturação e expansão em que estamos empenhados. Persistindo, embora nos caminhos do ultramar português, estamos a diversificar a nossa actividade, estabelecendo ligações com carreiras regulares dos portos continentais com os do Norte da Europa, os do Mediterrâneo e os do continente africano, não só das nossas províncias de Angola e Moçambique como da Africa do Sul.

«Ampliámos assim o âmbito dos nosso itinerários imprimindo à Companhia, no fim deste meio século de vida, uma caracterìstica marcadamente intercontinental.

«Será sob este signo, senhor ministro, que iniciaremos nova caminhada para o futuro, confiados em que ahvemos de continuar a merecer o indispensável e valioso patrocínio de Vossa Excelência.

«A Vossa Excelência senhor presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante, e senhor director-geral do Fomento Marítimo, assim como a todos Vossas Excelências, minhas senhoras e meus senhores, dirijo, em nome da Companhia, os melhores agradecimentos epla participação neste acto comemorativo, agradecimentos que torno extensivos aos dingos representantes da Imprensa, da Rádio e da Televisão, aqui presentes.

«Sinto que não devo terminar as minhu palavras sem a afirmação de que findas as comemorações do cinquentenário, prosseguiremos o nosso esforço sempre norteados pelos ideais que melhor servem a grandeza de Portugal, cvnsubstanciados, há dias, pelo senhor Presidente do Conselho numa só palavra: unidade. Aqui o afirmo perante Vossa Excelência, senhor Presidente da República, expressão viva dessa unidade e símbolo da determinação que anima aqueles que em todas as frentes se batem pela integridade da Pátria».

Usando da palavra a seguir, o dr. Bustorff Silva, presidente da assembleia geral da C.C.N., dirigiu-se ao Cehfe do Estado, afirmando:

«Os accionistas da Companhia Colonial de Navegação não esquecem o que devem a V. Ex.ª, desde há muito, quando ainda comandante da Marinha e ministro da Marinha, lançou as grandes bases e o primeiro grande estímulo para o movimento de renovação da Marinha Mercante nacional, facto que tem sido um êxito nos últimos anos decorridos. Eels não esquecem o sacrifício que C. Ex.ª acabou de realizar colocando no altar da Pátria a sua adesão, a renovação do mandato, que é a garantia de paz, de ordem, felicidade e prosperidade para o nosso querido País».

Após o jornalista Maurício de Oliveira ter historiado a actividade da empresa e o ministro da Marinha ter manifestado a esperança na resolução de todos os pgblemas da marinha marcante, o Chefe do Estado, após ter distribuído lembranças aos dez empregados mais antigos da empresa que ainda se encontram em actividade, referiu-se largamente à actividade da C.C.N., descerrando depois uma lápida comemorativa da sua visita ao «Infante D. Henrique».

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE LOURES

Serviços Municipalizados

EDITAL

Concurso público para arrematação da empreitada de abastecimento de água às povoações de Lousa e Montachique

Dr. Luiz Filipe da Cunha de Noronha Demony, Presidente do Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados:

Faz público que, pelo prazo de vinte dias, a partir do primeiro dia útil seguinte ao da publicação deste edital no Diário do Governo, pelas 15 horas, numa das salas do edifício da Sede destes Serviços e perante a comissão para esse fim nomeada, se realizará o concurso público para arrematação da empreitada de abastecimento de água às povoações de Lousa e Montachique, nos termos do caderno de encargos e programa do concurso que se encontram patentes na Secretaria dos ditos Serviços, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

O depósito provisório que será efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência ou nas suas respectivas filiais, agências ou delegações, mediante guia passada pelo próprio concorrente, é de Esc. 142 425$00 e o definitivo de 5 por cento sobre o valor da adjudicação.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Loures, 6 de Julho de 1972

O Presidente do Conselho de Administração, (a) **Dr. Luiz Filipe da Cunha de Noronha Demony**

A C. P. informa:

Serviço especial para Coimbra por ocasião das festas da Rainha Santa, nos dias 8 a 16 de Julho de 1972

Bilhetes especiais de IDA E VOLTA a preços reduzidos.

Período de venda, de 7 a 16 de Julho.

Validade para regresso, de 8 a 17 de Julho.

A C. P. vende em todas as estações e apeadeiros, desde Porto (São Bento) até Abrantes e até Tomar, desde Espinho-Vouga até Viseu, desde Esgueira até Macinhata, desde Figueira da Foz até Vilar Formoso e até Castelo Branco, desde Treixedo até Vildemoinhos, desde São José até Serpins, desde Caldas da Rainha até Fontela-A e até Montemor e nas estações de Alferrarede, Portalegre, Elvas, Castelo de Vide, Santarém, Setil, Azambuja, Vila Franca de Xira, Braço de Prata, Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), bilhetes especiais de Ida e Volta, a preços reduzidos, para a estação de COIMBRA.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO

Para conhecimento dos Senhores consumidores faz-se público que devido à concessão de licença para férias aos leitores cobradores, estarão encerrados os serviços de leituras e cobranças durante o período de 24 de Julho a 24 de Agosto, não se efectuando portanto a cobrança respeitante ao mês de Julho, nem as habituais leituras do mês de Agosto.

A partir de 24 de Agosto, serão cobrados os recibos deste mês (só com encargos fixos) e os recibos de Julho.

Loures, 3 de Julho de 1972.

O Presidente do Conselho de Administração

Dr. Lu'z Filipe da Cunha de Noronha Demony

DL/DESPORTOS — AUTOMOBILISMO

HOJE À TARDE, EM VILA REAL

PRIMEIROS PLANOS EUROPEUS NA PISTA TRANSMONTANA

Com os primeiros treinos que decorrerão durante a tarde de hoje, Vila Real começou a viver o seu «meeting» anual de automobilismo, que é o mais importante de todos quantos se organizaram em Portugal.

Na capital transmontana encontram-se já quase todos os carros e pilotos inscritos, entre os quais avultam nomes de 1.º plano do automobilismo mundial. Esta manhã faltava ainda chegar o «team» Bonnier, cuja presença no entanto está confirmada, bem como a dos restantes pilotos constantes da lista inicial de inscritos.

Tal como já aconteceu no ano passado, alguns concorrentes estrangeiros foram retardados na fronteira espanhola de Irun, com problemas de natureza burocrática levantados pela alfândega. No entanto, desta vez, as complicações foram menores e esses problemas foram resolvidos mais ràpidamente. Deste modo o público que amanhã e domingo se deslocar até Vila Real tem efectivamente o «plantel» anunciado pelos organizadores.

MUITO PÚBLICO

Além dos concorrentes previstos para os grupos III, IV e V, há mais três que vieram até Vila Real mesmo sem ter contractos, firmados na convicção de poderem alinhar à última hora, tendo surgido igualmente um dinamarquês que pretende disputar a corrida do grupo I, num Ford Capri.

Como é já de tradição, o ambiente em Vila Real é de verdadeira festa. Ignorada durante as restantes 51 semanas do ano, sem qualquer impulso turístico que o faça promover, a cidade encontra no seu circuito automóvel o único meio de divulgação a nível nacional e internacional. Como nota curiosa assinale-se o convite que a organização fez à viúva do malogrado piloto sueco Jo Bonnier, morto nas recentes 24 de Le Mans, para se deslocar a Vila Real, onde deve chegar hoje.

A expectativa para as corridas deste fim-de-semana é enorme e para isso contribui o facto de, pela 1.ª vez, alguns pilotos portugueses poderem competir, em igualdade de condições, com os melhores estrangeiros.

OS CONCORRENTES

O programa desta tarde engloba treinos para carros do grupo I e do grupo III, IV e V, com início às 15 horas. No grupo I, Ernesto Neves, (em Chevrolet-Camaro), Jorge Ribeiro de Sousa e Bernardo Sá Nogueira, ambos em Alfa Romeo 2.000 GTV), Carlos Santos, Araujo Cabral, Cristian Melville, Mário Figueiredo e António Borges (todos em BMW 2.002 PII), são os principais competidores. No Grupo II, a presença dos espanhóis Alberto Ruiz Gimenez (Capri 2600 RS). Rafael Barrios (Alfa Romeo GTAM), Jaime Mesia (Capri 2600 RS) proporcionará uma prova de grande interesse em que Mário Araújo Cabral surge como único português capaz de se opor e de vencer, tal como sucedeu na corrida inaugural do autódromo do Estoril.

A prova reservada aos carros de Grande Turismo, Desporto e Protótipos (Grupos III, IV e V) é a principal do programa. Vic Elford (Lola T 290), Bagration, vencedor do ano passado (Lola T 290), Artur Merzzario (Abarth 2000) e Juncadella (Chevron B 21), destscsm-se no lote dos pilotos estrangeiros presentes. A representação portuguesa mais válida está confiada a Carlos Gaspar (Lola T 280) e Mário Araújo Cabral (Lola T 290), este último correndo pelo «team» Bonnier, no âmbito do contracto que o liga a essa «écurie». Qualquer deles pode andar nos lugares da frente ou até ganhar a corrida favoritos.

O Lola T 280 de Carlos Gaspar é o carro mais potente entre todos os inscritos, mas numa pista difícil e selectiva como a de Vila Real isso pode não representar um argumento perante os protótipos de 2 litros, já que em muitas circunstâncias nem todos os «cavalos» poderão ser integralmente aproveitados.

Ernesto Neves (Lotus 62), Carlos Santos (Porsche 907), não dispondo de máquinas capazes de lhes permitirem andar junto dos primeiros, podem, no entanto, interpretar um interessante papel de «out-siders» valorizando a corrida nos lugares secundários. De qualquer forma repetimos, é a primeira vez que os pilotos portugueses se encontram equipados ao nível dos melhores estrangeiros, o que é um grande atractivo desta corrida, aguardada com natural expectativa.

A prova de Fórmula Ford tem quatro dinamarqueses inscritos, três suecos e um holandês — Dunderink — recente vencedor no Estoril. Ernesto Neves é o único português capaz de poder discutir a vitória. O conhecimento perfeito da pista de Vila Real é um importante argumento a seu favor.

Eis um breve balanço das forças em jogo, desta vez pesando alguma coisa para o lado dos competidores portugueses.

Amanhã há duas sessões de treinos com início às 15 horas, uma para Fórmula Ford e V e outra para os Grupos III, IV e V, enquanto no Domingo se disputam as corridas de Fórmula Ford e V e dos Grupos III, IV e V. Embora seja provàvelmente a última ou uma das últimas vezes que esta pista será utilizada, pois o desenvolvimento natural da cidade não pode ficar limitado por causa das corridas (a organização divulgou já um projecto para a construção de uma pista permanente), mesmo assim, ainda este ano, foi gasta uma larga soma como medida de protecção e segurança do circuito. Por último, um pormenor de interesse para os jovens entusiastas: os organizadores concedem a entrada gratuita no circuito a todos os jovens com menos de 14 anos.

Vic Elford estará em Vila Real como um dos favoritos na prova de Grande Turismo

Carlos Gaspar, uma vez mais com um carro potente — como na gravura — é um dos portugueses que pode vencer na pista Transmontana

Exames no Liceu Passos Manuel

As pautas dos exames do segundo ciclo para alunos maiores serão afixadas no Liceu Passos Manuel no próximo dia 10. As provas orais estão previstas para quarta feira, dia 12.

MATRÍCULAS NA ESCOLA MARQUESA DE ALORNA

Comunica a direcção da Escola Preparatório da Marquesa de Alorna, em Lisboa, de que já se encontram abertas as inscrições, naquela escola, para o ano lectivo de 1972/73.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve para o estabelecimento na Vila de Moura, de nova modificação da linha mista a 30 kV, para o posto de transformação da Escola Industrial de Moura, com uma diminuição total no comprimento de 9 m, e incluindo alteração no número de apoios.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 30 de Junho de 1972.

Pelo Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

EXTERNATOS

São Vicente — Rua do Paraíso, 28 — Tel. 864100

Marquês de Pombal — Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) — Tel. 82 02 21

Álvares Cabral — Avenida Grão Vasco, 1 (Benfica) — Tel. 70 69 74

CURSO DE FÉRIAS — EXAMES 2.ª ÉPOCA

LICEAL — PREPARATÓRIO — COMERCIAL — INSTITUTOS

LEÃO DO SACRAMENTO MONTEIRO

CORONEL DE ARTILHARIA

MISSA DO 7.º DIA

Zulmira Veloso da Veiga do Sacramento Monteiro, filhas, genros, netos e mais família, participam que será rezada missa amanhã dia 8, pelas 11,30 horas, na Igreja dos Anjos, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir.

AGÊNCIA ALMEIDA

LISETTE DE NAIRE GONÇALVES MARQUES

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

José Segarra Marques; Maria da Conceição Gonçalves Segarra Marques Godinho de Oliveira e seu marido; José Henrique Gonçalves Segarra Marques; Celeste Gonçalves Fragoso e seu marido; Emílio Pereira Gonçalves; Maria Luísa Gonçalves Lopes e seu marido; Fernando Gonçalves Lopes e sua mulher, participam o falecimento de sua muito querida mulher, mãe, sogra, irmã, cunhada e tia ocorrido no passado dia 2 e que amanhã sábado, dia 8, às 11 horas, na Igreja de Santo Condestável, será celebrada missa pelo seu eterno descanso.

AGÊNCIA BARATA

DL/NACIONAL

"VIERAM À CÂMARA EM ACTO POLÍTICO"

-disse o eng. Santos e Castro ao dirigir-se aos participantes na manifestação de ontem

«Dirão que vieram VV. Ex.as à Câmara Municipal em acto político. E dirão bem, desde que entendido — como de facto sucede — que o fazem em plano de política nacional, arredados de pendores ideológicos e, sobretudo, naquela liberdade de consciência que consente a verdadeira avaliação dos interesses pátrios e a intuição das grandes aspirações colectivas. Nestes termos, foram sempre políticas a cidade de Lisboa e a sua Câmara.»

— Foram as primeiras palavras do Presidente do Município de Lisboa no discurso com que encerrou a sessão que ontem reuniu nos Paços do Concelho cerca de trezentas pessoas, em manifestação pública de apoio à política ultramarina do Governo.

«UNIDADE»

«A grandeza dos valores humanos, históricos e políticos que estão em causa na ideia muito nossa de continuarmos a construir em todo o espaço português uma grande e generosa Nação multirracial — como já mostrámos saber fazer noutras continentes em que outros estão falhando espectacularmente — não permite caminho diferente do da persistência, da paciente indiferença relativamente às vozes desarrazoadas e aos actos funambulescos dos palcos internacionais, da lúcida certeza da nossa justiça — afirmou depois o eng.º Santos e Castro, sublinhando **«a firmeza da nossa unidade de consciência, unidade de atitudes, unidade de fé.»**

O presidente da Câmara terminou o seu discurso manifestando confiança no almirante Américo Thomaz — **«penhor fiel da política que vimos seguindo»** — e ao prof. Marcello Caetano — **«obreiro firme, esclarecido e incansável dessa política»** —, afirmando então: **«Portugal só pode ser o que os Portugueses, portuguêsmente pensando, tiverem decidido».**

OITO ORADORES

Seis vereadores da câmara foram os primeiros oradores da sessão, frequentemente interrompida pelos aplausos da assistência. Seguiram-se um representante das juntas de freguesia da cidade — dr. Monteiro Santiago, presidente da junta de S. Jorge de Arroios —, e o estudante André Alves, que discursou como representante da juventude da capital, afirmando que **«os jovens também têm uma palavra a dizer e arrogam-se o direito de a proferir»**, pedindo ao presidente da Câmara que fosse **«junto do Governo da Nação, o arauto de uma juventude que não transige, que não pactua com a traição e que reclama para si o legítimo direito de defender a integridade territorial da Pátria e a honra e dignidade que herdou dos seus maiores, porque ainda seremos bastantes para continuar Portugal.»**

O eng. Santos e Castro ao proferir o seu discurso

FOGO POSTO

O vereador Manuel Casimiro que é, na Câmara, o mandatário dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, ele próprio antigo «soldado da paz», disse a certa altura: **«Na corporação a que pertenci, só me ensinaram a marchar «para onde era o fogo ou o sinistro», sem procurar saber ao lado de quem teria de lutar contra o inimigo comum das vidas e haveres de quem quer que fosse, dentro da área que nos fora confiada. Ora, agora, senhores: o «fogo» ronda e chamusca as fronteiras ultramarinas do nosso Portugal! E é, manifestamente, «fogo posto»!**

Augusto Serra, também vereador, disse no seu discurso: **«Na metrópole, como no ultramar, todos têm de se mentalizar para compreender como devemos continuar a agir numa acção colectiva. Na industria, como na agricultura, todos terão de produzir mais e melhor.»**

«NOVO GRUPO DE NAÇÕES EUROPEIAS»

O vereador acrescentou: **«As entidades responsáveis estão tentando obter condições razoáveis para que o nosso país possa inserir-se no novo grupo de nações europeias e, consequentemente, para podermos alinhar no surto de progresso que tanto ambicionamos. Não chega o rendimento do turismo nem as economias transferidas pelos nossos emigrantes para melhorar a economia nacional, pois isso infelizmente também provoca o aumento da negrada inflação que a todos aflige.»**

Disseram também os drs. vereadores dr. Arraiano Tavares e dr.ª Maria Clementina de Almeida «nós, as mães, pensamos que será assim — todos unidos — **que deixaremos a nossos filho que temos para lhes dar: — um exemplo de união, uma afirmação de trabalho, uma prova de coragem.»**).

AMÉRICO THOMAZ

O dr. Homem Themudo, a propósito da próxima eleição presidencial, afirmou: **«Saibamos ser dignos da lição de patriotismo do sr. Almirante Américo Thomaz e saibamos merecer o seu sacrifício de continuar em vigília por Portugal e pelos Portugueses».**

OUTRAS SESSÕES

Nos Paços do Concelho de Alenquer, decorreu ontem uma sessão idêntica à organizada em Lisboa.

Em Ponta Delgada, por iniciativa da Câmara, decorreu também uma manifestação popular de apoio à política ultramarina do Governo.

Entretanto, secundando a iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, efectuam-se hoje sessões públicas nos Paços dos Conselhos de Loures, Arruda dos Vinhos e Sobral do Monte Agraço. Esses actos decorrerão respectivamente às 17.30, 21.30 e 22.30 e neles usam da palavra, os presidentes e vereadores dos referidos municípios e os representantes do distrito de Lisboa, designados pelas vereações municipais, ao colégio que vai eleger o Chefe do Estado.

Também o Município de Mafra leva a efeito na próxima terça-feira, pelas 18,30, sessões públicas para exprimir o seu apoio à política ultramarina reafirmada pelo Chefe do Governo na sua última «Conversa em Família».

BOMBEIROS RECEBEM AMBULÂNCIAS

O serviço de Ambulâncias distribuiu duas viaturas pelas corporações dos Bombeiros Voluntários de Agualva-Cacém (área de Cacém a Sintra) e dos Bombeiros Voluntários de Portimão (área de Lagos a Portimão).

No próximo domingo são entregues mais duas viaturas aos Bombeiros Municipais de Faro (área de Faro a Alcantarilha) e aos Bombeiros Voluntários de Tavira (área de Tavira).

Entretanto, passa a ser feito para o Hospital de Santa Maria o transporte de sinistrados de acidentes que se registem nas áreas de Alvalade, Ameixoeira, Campo Grande, Lumiar, N. S. de Fátima, S. João de Brito e S. João de Deus, no que respeita a Lisboa, e nas zonas de Azambuja, Arruda dos Vinhos, Loures e Vila Franca de Xira.

As restantes áreas de Lisboa são servidas pelo Hospital S. Jose.

Aspecto parcial da Piscina no dia da inauguração

POR 3.500 CONTOS

PISCINA NA AMADORA

— Ser-nos-á grato que todos reconheçam a importância e grandeza deste empreendimento e desejamos ardentemente que a população da Amadora, gente de trabalho, que vive para o trabalho e, fundamentalmente do trabalho, encontre neste recinto um soalheiro oásis para os seus merecidos lazeres — afirmou o vice-presidente da Câmara de Oeiras, dr. Alfredo Garcia, ao inaugurar esta manhã a Piscina Municipal da Amadora localizada na Reboleira e que irá servir os 100 mil habitantes da populosa freguesia.

O empreendimento levado a cabo pela empresa J. Pimenta, em um ano, teve a comparticipação da Câmara Municipal de Oeiras, custou cerca de 3500 contos e funcionará das 9 às 20 horas com a supervisão técnica do professor de natação Fernando Neves. As entradas são de 5 escudos até à idade dos 10 anos e 10$00 para idades superiores.

Estiveram presentes ao acto inaugural o presidente do Município de Oeiras, eng. Armando Subtil, Fernando Carrojola, administrador do Bairro Administrativo da Amadora, os diversos clubes e associações recreativas da freguesia, além de outras entidades.

A piscina tem características mini-olímpicas com um tanque de 33,33 metros por 25 metros, é de céu aberto — com possibilidades de vir a ser, mais tarde, coberta — com tanque para aprendizagem ligado à cuba principal e piscina independente para crianças. Tem duas pranchas de saltos de 1 e de 3 metros. Não tem bancada para espectadores pois não se destina a provas desportivas. Dispõe de balneários separados, com circuitos independentes para pé descalço e pé calçado, cozinha, copa e zona de bar.

ENGENHEIRO ANTÓNIO FAUSTO L. RODRIGUES PIRES

Vítima de acidente de viação faleceu em Paris onde se encontrava como bolseiro do Instituto de Alta Cultura. O engenheiro Rodrigues Pires, assistente do Inst. Superior Técnico preparava no Instituto Francês do Petróleo a sua tese de doutoramento na Universidade de Paris. Era casado com a sr.ª D. Maria João Pereira dos Reis Rodrigues Pires, também assistente do Instiuto Superior Técnico e filho da sr.ª D. Helena Fausto Rodrigues Pires e do sr. dr. Guilherme Rodrigues Pires, professor do Liceu Camões e irmão da sr.ª D. Maria Luísa Rodrigues Pires, finalista de arquitectura. O seu funeral realiza-se amanhã, dia 7, pelo meio-dia no cemitério dos Prazeres.

Ernesto Viriato dos Passos Ferreira da Silva

Na sua residência, solar do Rio do Porto, em Melgaço, faleceu o sr. Ernesto Viriato dos Passos Ferreira da Silva, que foi a enterrar para o cemitério local, com grande acompanhamento.

Casado com a sr.ª D. Margarida Esteves Ferreira da Silva, o extinto, que contava 77 anos, foi governador civil de Vila Real. Exerceu também, durante largos anos, o cargo de gerente da Companhia Hidro-Eléctrica do Norte de Portugal e foi presidente do Rotary Club do Porto, onde gozava de grande prestígio. Exercia os cargos de presidente da assembleia geral dos Bombeiros Voluntários de Melgaço e do Grémio da Lavoura.

Era pai da sr.ª D. Maria Ivone Ferreira da Silva Santos Pardal e do sr. Armando Jorge Ferreira da Silva.

ANDARES

ZONA INDUSTRIAL DE VIALONGA

Em prédio de construç. moderna com mag. acabamentos, composto de 3 ass., coz.ª, c/ banho, desp.ª, hall e boas varandas. PREÇOS 220/240 contos.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rua do Ouro, 292-1.º — Telefs. 369384/5/6 — 328232/3 — 361756

FÉRIAS COM O Diário de Lisboa

FAÇA HOJE MESMO A SUA ASSINATURA

PELO PERIODO DE

10 DIAS	15$00
15 DIAS	22$00
20 DIAS	30$00
30 DIAS	45$00

PAGAMENTO ANTECIPADO POR SELOS, CHEQUES OU VALE DE CORREIO

ESTEJA ONDE ESTIVER, O «DIÁRIO DE LISBOA» ESTARÁ CONSIGO

NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE .....

A PARTIR DO DIA ...../...../ 197...

JOGO DO GALO CONCURSO

COLAR NA PARTE POSTERIOR DE UM POSTAL MODELO NORMAL DOS C.T.T.

SESSÃO nº

NOME _____

MORADA _____

IDADE _____ TELEF. _____

CORTAR

COLAR NO LOCAL DO ENDEREÇO

CONCURSO - JOGO DO GALO -

APARTADOS 3011 ou 3088

LISBOA

O boletim acima publicado deve ser preenchido com letra bem legível, colado num postal de modelo normal dos C. T. T. e enviado à R. T. P. onde terá de dar entrada até às 0 horas da ante-véspera do dia da emissão. Tanto basta para se ficar habilitado a participar no concurso «Jogo do Galo».

DL/VOLTA À FRANÇA

DL/DESPORTOS

MERCKX: MENOS FORTE QUE ANTERIORMENTE?

A Volta à França em bicicleta prossegue hoje em terrenos planos, disputando-se uma étapa sem grandes dificuldades, na distância de 185 quilómetros, entre Bordéus e Bayonne. Será a derradeira hipótese de os sprinters e os homens mais rápidos se imporem, pois a partir daqui, o reino da montanha é mais difícil de conquistar e so os homens de grande força e de excepcional resistência à dor e ao cansaço ditarão leis.

Até aqui tudo tem sido resolvido em chegadas de pelotão com a supremacia regular de Guimard e em pequenos contra-relógios, dois individuais e um por equipas, que apenas colocam magras diferenças de segundos entre Eddy Merckx e os outros.

Ontem ainda estas duas realidades se verificaram uma vez mais. Na étapa da manhã, Godefroot foi o primeiro mas Guimard andou-lhe por muito perto (terceiro, com o mesmo tempo e logo a seguir ao italiano Basso), conservando a camisola amarela e consolidando a sua posição com uns segundinhos de bonificações. À tarde, contra-relógio de 12,4 quilómetros e vitória natural de Eddy Merckx. Só que Guimard se aguentou muito bem partindo ainda de amarelo para a etapa de hoje.

De salientar dois factos no troço contra-relógio: A pequena diferença de Merckx em relação aos demais (2s de Swert, 15 de Ocaña, 20 de Poulidor e 24 de Agostinho), o que pode significar menos força do campeão mundial nesta volta do que nas anteriores.

Esta dúvida, em vésperas, da montanha pode ter importância.

O segundo facto é o bom comportamento dos portugueses. Agostinho foi o 7.º e subiu 16 lugares na classificação; Mendes classificou-se em 23.º na etapa e melhorou a sua posição em 23(!) lugares. Parece que os dois portugueses estão aptos a enfrentar as terríveis dificuldades dos Pirinéus (já a seguir) e dos Alpes.

Amanhã é dia de descanso e de aprontar músculos e bagagens para a escalada do Ausbique (na etapa Bayonne-Pau) uma altura de 1770 metros durante o percurso de 225 quilometros Então sim, será a ocasião de falarem alto os mais fortes , esperando-se que Mendes e Agostinho lá estejam em ponto de luta.

CLASSIFICAÇÕES

Primeiro troço da quinta etapa, disputada entre Royan-Bordeaux:

1.º Walter Godefroot (bega-Plaud), 2 h. 59m e 33 s (com bonificação; 2-59-13); 2.º Marino Basso (italiano-Adorni), 2-59-18 (com bonificação); 3.º Cyrille Guimard (francês-Caput), 2-59-23.

Seguiu-se o pelotão (em que se integravam Mendes e Agostinho) com o mesmo tempo.

Classificação do 2.º troço — contra-relógio individual no circuito do lago em Bordéus, na distância de 12400 km; 1.º Eddy Merckx (Belgica-Albani),16.05.67/100 (média 47,345 km/hora); 2.º Swerts (Belgica-Albani), 16.07.28; 3.º Ocanã (Espanha-De Muer), 16.20.16; 4.º Poulidor (França-Caput), 16.25.02; 5.º Hezard (França-Stablinski), 16.28.38; 6.º Guimard (França-Caput), 16.29.83; 7.º Joaquim Agostinho (Portugal-Drissens), 16.29.93), 8.º Thevenet (França-Plaud), 16.37.67; 9.º Mortensen (Dinar marca- De Muer), 16.45.61; 10.º Gimondi (Itália-Adorni), 16.46.41; 23.º Fernando Mendes (Portugal-Schotte), 17.10.67.

A classificação geral individual é a seguinte:

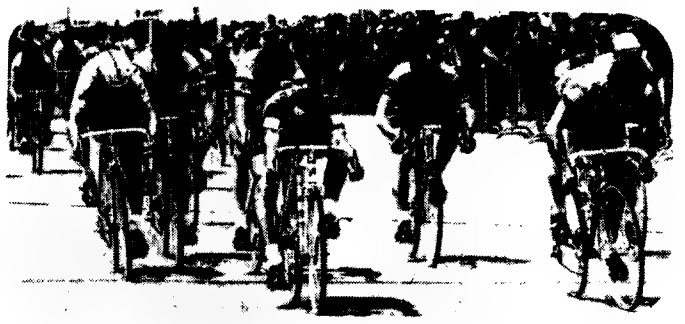
1.º Cyrille Guimard (França-Caput) 23h. 53m. 33s, 2.º Eddy Merckx (Bélgica-Albani), a 9s; 3.º Swerts (Bélgica-Albani), a 26, 4.º Ocanã (Espanha-Demuer) a 58, 5.º Hezard (França-Stablinski) a 1.17; 6.º Thevenet (França-Plaud), a 1.21; 7.º Godefroot (Bélgica-Plaud), a 1.32; 8.º Gimondi (Itália-Adorni) a 1.38; 9.º Verbeecke (Bélgica-Jossart), a 1.48; 10.º De Witte (Bélgica-Plaud),a 2.17, 21.º Joaquim Agostinho (Portugal-Driessens) a 4.36, 34.º ex aequo, Fernando Mendes (Portugal-Schotte) a 5.28.

O «CAMISOLA AMARELA»

Apelido: GUIMARD
Nome: CYRILLE
Nacionalidade: Francesa

Nascido em 20 de Janeiro de 1947, em Bouquenais, no Loire Atlântico. Um metro e setenta de altura e 65 de peso. Casado e pai de um garoto de dois anos de nome Frederico. Principiou a correr em 1962 e seis anos depois ingressou na categoria de profissional.

Títulos oficiais: Campeão de Anjou em 1963; Campeão de França em Estrada (Amador) em 1967; Campeão de Velocidade em 1970 (Profissional).



O tom geral da Volta à França, antes da montanha: Chegadas em pelotão e Guimard a ganhar bonificações (aqui o primeiro é Godefroot, mas o camisola amarela situa-se em terceiro) e pequenos contra-relógios, dominados por Merks. Duas imagens das etapas de ontem perfeitamente definidoras do que tem sido o «Tour»

APÓS O PORTUGAL-RÚSSIA

"FOMOS SEMPRE MELHORES"

No final do encontro com os russos a cabina dos portugueses era um verdadeiro pandemónio: abraços, cumprimentos, felicitações, euforia.

Toni, que passou de suplente no Benfica (durante grande parte da época) a indiscutível no seleccionado nacional não se cansava de dizer:

«No Maracanã apanhavam cinco».

«Embora mal, acabámos por ganhar e no fim de contas era esse o nosso objectivo. Com a bola «torta» e o terreno esburacado era difícil fazer melhor». Isto comentava Artur Jorge. E por aí fora, todos os outros. Jaime Graça:

«Não temos nada que estar tristes por não termos realizado uma grande exibição. Fomos sempre os melhores».

Humberto Coelho:

«A Rússia lutou bem e valorizou o nosso triunfo. É impossível utilizar melhor técnica com um relvado destes».

Artur:

«A equipa da Rússia lembra a do Irão ou a da Coreia. Corre e trava o jogo. Com o Brasil ao menos poderemos jogar o nosso futebol, se bem que estejamos todos saturados. Fizemos muito mais jogos do que eles».

Jordão, o autor do golo da vitória:

«Depois da marcação do nosso tento impusemos o nosso jogo. Além da alegria que senti, vou agora receber uma televisão como prémio do golo».

Peres:

«A relva alta e grossa dificultou o controle da bola e nisso fomos nós os mais prejudicados pois somos melhores tecnicistas. Com certeza que contra o Brasil tudo correrá melhor pois o Maracanã já é nosso conhecido. Joga-se lá como em Wembley».

Nené:

«Penso que é importantíssimo termos chegado invictos à final».

Messias:

«Os russos correm tanto que não se consegue assentar jogo».

Adolfo:

«Sentimos a responsabilidade da partida. Os nervos prejudicaram muito a nossa exibição. Os russos estudaram bem o nosso sistema mas não ganharam nada com isso. Zagalo também não deve ter apurado grande coisa. Creio mesmo que conseguimos enganá-lo».

A lesão de Eusébio cria problemas ao departamento clínico e põe em dúvida a sua presença em campo na final de domingo. Disse-nos Manuel Marques:

«Eusébio tem descolamento com tecido macerado. Não pode prever-se se estará apto para defrontar o Brasil. Bem vê, a sutura é impossível...»

Mais optimisma está José Augusto o treinador da vitória que não alinha nas reservas do consagrado massagista do Sporting.

«Continuo invencível e como se calcula estou radiante. Eusébio jogará no Maracanã. Com um buraco maior (proveniente de um jogo com a Bulgária), segurei o resultado com o Saint Étienne (para a Taça dos Campeões Europeus) três dias depois.

FUTEBOL

HUGO E OSVALDO SILVA REGRESSAM AO SPORTING

O Sporting já reestruturou o seu Departamento de Futebol Amador, criando três categorias distintas de jovens futebolistas e colocando à frente de cada uma seu técnico, sob a responsabilidade geral e orientação de Mário Lino. Assim, os Juniores serão treinados pelo brasileiro Osvaldo Silva, natigo «craque» do clube (esteve na base da vitória na Taça das Taças), radicado em Portugal e habilitado para exercer a profissão, com trabalho já efectuado no Olhanense. Nos juvenis continuará César como orientador. As Escolas de Jogadores (que fincionam a partir de 1 de Agosto, podendo apresentar-se lá para treinar todos os miúdos dos 10 aos 14 anos vão ser dirigidas pelo antigo extremo-direito Hugo e por jogadores do clube, estando já certos José Carlos, Hilário e Pedro Gomes.

O guarda-redes Félix, titular da selecção do Brasil, que não pode jogar na Taça Independência por ter sofrido fractura da mão, volta dentro de duas semanas aos treinos no seu clube, o Fluminense.

A comissão de recurso da UEFA puniu com uma época de suspensão o clube escocês Glasgow Rangers, que não poderá durante esse período, participar na Taça dos Campeões Europeus, na Taça dos Vencedores das Taças e na Taça da UEFA. A comissão, que se reuniu em Zurique, diminuiu assim a pena, fixada primitivamente para duas épocas, considerando que a exclusão dum clube das competições da UEFA constituia «uma sanção muito severa». O Galsgow Rangers tinha sido condenado a essa exclusão pela Comissão Disciplinar da UEFA devido aos incidentes que se registaram durante a final da Taça dos Vencedores das Taças, disputada em Barcelona, contra o Dínamo de Moscovo. O Galsgow Rangers triunfou por 3-2.

No seu primeiro jogo da nova época, oSporting venceu nos Açores por 5-0. O adversário foi o Lusitânia, filial do clube lisboeta, e a partida integra-se na excursão que o Sporting está a empreender para rodagem da sua equipa. Marcaram os golos Nando (três), Nelson e Pedro Gomes. A equipa: Botelho, Pedro Gomes, Laranjeira, José Carlos e Hilário; Tomé Manaca e Dani; Nelson, Yazalde e Nando.

Osvaldo Silva

O União de Coimbra, disposta a valorizar-se ao nível da primeira divisão contratou os futebolistas Barros e Sarmento (do Benfica) e estabeleceu contactos com Jerómino, Ernesto (Farense), Dani, Amarale Evaldo (Tirsense) e o guarda-redes Fidalgo, do Benfica.

De todos os desportos

JOGOS LUSO-BRASILEIROS: O secretário de Estado da Juventude e Desportos de Portugal, dr. Augusto Ataíde, visitou com o secretário-geral do Ministério da Educação e Cultura do Brasil, coronel Confúcio Pamplona, tendo manifestado interesse em estudar os planos da educação em vigor no país irmão. Imediatamente o coronel Pamplona entregou ao ministro português o Plano Sectorial de Educação e Cultura para o triénio 72-74. E, na conversa, foram ainda mostrados os principais projectos desenvolvidos pelo Ministério e os respectivos recursos. Ainda em Brasília, o secretário de Estado português esteve no Itamarati, para os acordos finais a respeito dos «Jogos Luso-Brasileiros», que terão início no próximo dia 13, em Luanda.

PUGILISMO: Carlos Duran, da Itália, recuperou o título europeu dos «meios-médios super», ao derrotar José Hernandez, da Espanha, aos pontos, num combate de quinze assaltos disputado em San Remo. Duran, de trinta e seis anos, perdera o título há um ano, contra o francês Jean-Claude Bouttier.

COIMBRA: Tempo de férias, tempo de iniciativas. E a Escola de Desporto, de Lusa-Atenas, vai criar um «Núcleo de Acolhimento para Futebol» no Estádio Universitário. Os jovens da cidade estão de parabéns, pois ali podem comparecer às segundas, terças, sextas e sábados, pelas 10 horas.

TIRO DE BENEFICÊNCIA: Nos dias 8 e 9 realiza-se na Quinta da Madre de Deus, em Vila Nova de Gaia, um torneio de tiro aos pratos com prémios no valor de 150 contos.

MONITORES DE GINASTICA: A Federação vai realizar, de 16 a 19 deste mês, no Centro de Estágio do Estádio Nacional, a 1.ª fase de um curso de formação para 20 candidatos.

VOLTA A PORTUGAL: Benfica e Louletano deram já indicação dos seus representantes na maior prova do ciclismo nacional. À semelhança do ano transacto, também a «Macieira» estará presente, com Jean-Claude Largeau, Joel Millard, Pierre Rinoy, Gerard Rochat, Mariano Martinez e mais três ciclistas a indicar oportunamente.

TORNEIO DE CAPTAÇÃO: O Clube Desportivo da Cova da Piedade realiza um torneio na segunda quinzena de Julho a fim de descobrir novos valores para as suas escolas, juvenis e juniores Podem concorrer equipas completas divididas em dois grupos (dos 12 aos 14 e dos 15 aos 17 anos).

EDUARDO CUNHA foi nomeado seleccionador e treinador da equipa de atletismo que se deslocará a Roma a fim de participar nos jogos masculinos da F.I.S.E.C.

NAVAL SETUBALENSE: Mais uma vez este clube organiza os seus cursos de vela em regime intensivo com internato (os únicos que se realizam em Portugal). Este ano, tais cursos decorrerão nas semanas de 19 a 26 de Agosto, de 2 a 8 e de 9 a 16 de Setembro.

FIÃES: O Clube Desportivo desta localidade está a comemorar os quinze anos da sua existência. Para tanto foram organizados várias cerimónias de índole cultural e desportiva. No sector de palestras deram a sua adesão o treinador Joaquim Meirim e o dr. Rui Osório.

LUANDA: Há fortes possibilidades de a capital angolana ter êxito na sua candidatura à organização do Campeonato Mundial de Hóquei em Patins de 1974, pretensão que será apreciada e definitivamente julgada ainda este mês na Corunha, durante a reunião do Congresso da Federação Internacional de Rink Hockey que decorrerá naquela cidade espanhola simultâneamente com a disputa do «Mundial» deste ano.

DL/DESPORTOS — TAÇA INDEPENDÊNCIA

NENÉ: Vai ficar fino meu contrato com o Benfica

BELO HORIZONTE — (do nosso enviado especial, Neves de Sousa, por gentileza da Varig). Entre os jogadores que ainda não renovaram os contratos com os respectivos clubes, avulta o caso do extremo-direito do Benfica, Tamagnini Nené. Ele, que é titular dos campeões nacionais, tem sido pràticamente só utilizado durante metade dos jogos, por questões tácticas, segundo o técnico, por outros motivos segundo o jogador. Num destes dias de convívio Nené deu-me conta das suas preocupações nos domínios de contratos e meios-jogos:

— **José Augusto enganou-se. Disse-me que eu jogaria sempre, não me levou a Chipre e agora anda a dizer que sou a sua «arma secreta». Mas o que eu penso verdadeiramente do caso é que ele não quer que eu valorize o meu futuro contrato com as boas exibições na selecção. E por isso coloca-me poucas vezes a jogar. Peço que o «Diário de Lisboa» diga aos sócios do Benfica, que o assunto não é nada com eles. São apenas questões de ordem profissional que cada um procura resolver o melhor possível de acordo com as suas conveniências e necessidades.**

Nené tem neste momento vinte e dois anos de idade, fez dois jogos na selecção de Esperanças e tem sido «habitué» das últimas selecções. Onde já efectuou dez jogos. Como se projectou nos três últimos anos do quase anonimato à condição de pedra fundamental do melhor «team» de língua portuguesa, julga-se com direito a melhores condições, daí demorando a renovação do contrato, que termina no fim do corrente mês. Nené explica estes pormenores detalhadamente:

— **Dos três anos do contrato agora a chegar ao fim, este foi o melhor e pagaram-me só quatro contos de ordenado mensal e 80 de luvas anuais. Quando see tratou das primeiras reuniões para a renovação, pedi 450 de luvas e nove de ordenado e o dirigente Fernando Neves andou uma semana sem me falar. Ora eu julgo que não cometi nenhum crime, pois sem querer comparar e sem pretender ser melhor do que o Artur Jorge, lembro que ele renevou o contrato há pouco tempo, recebendo 550 contos de luvas anuais. Quero-me casar com a Tina, em Setembro e é preciso de «massa graúda».** Os colegas não lhe dizem que talvez seja demais pedir esse dinheiro?

— **Sim, alguns colegas mais antigos no «team» estão aborrecidos comigo por eu pedir este dinheiro, dizendo-me que nos seus princípios no Benfica não cobraram tanto. Ora cada um sabe de si e eu até tenho convites do Porto e do Sporting...**

NÉNÉ, a «arma secreta» da segunda parte.

POSSO VIVER SEM O FUTEBOL

Como se sabe, Nené é um moço com uma certa preparação, mais ou menos adestrado para estudar e trabalhar, noutra actividade, sem grandes sobressaltos. Talvez por isso se sinta seguro para pedir as verbas que refere. Por isso também me garantiu:

— **Tenho o Curso Comercial e a minha vida organizada. O meu sócio, Agostinho Mota, sabe bem que eu posso viver só do restaurante que administramos. Por isso não me importo de estar três meses sem jogar e depois dar volta à vida. A primeira coisa que farei em Lisboa será falar com o dr. Silva Resende, advogado do Sindicato, pedindo conselho para tratar do assunto sem pressas e sem enganos. Uma coisa está assente e não vou mudar: a 31 de Julho esteja onde estiver páro os jogos e entro em férias de vinte dias. Também podem estar certos que o meu contrato com o Benfica vai ficar fino.**

Frisando bem aquilo que diz, Nené rematou com a afirmação:

— Estou no Benfica porque o dr. Borges Coutinho e Germano Campos são correctos.

Pelé marca o seu 1000.º golo pela equipa do Santos, na transformação de uma grande penalidade, durante um jogo particular no Canadá, contra os «Toronto Metros» (vitória brasileira de 4-2). Recorda-se que foi igualmente de penalty que Pelé marcou o seu milésimo golo no computo global de jogos no Santos e nas diversas selecções em que foi super-estrela.

INSÓLITOS DO FUTEBOL

Os jogadores do clube de futebol San Roque de Lugo (Espanha) ameaçam fazer greve, se a direcção não lhes fornecer equipamento lavado. Um representante dos futebolistas afirmou que, nos últimos três jogos, se viram obrigados a vestir camisola e calções sujos.

A polícia procura averiguar o paradeiro do jovem futebolista internacional soviético Vitali Shevchenko que desapareceu do hospital onde fora operado, por duas vezes, a um joelho.

Shevchenko, de 21 anos, um extremo-esquerdo convocado para a Selecção Nacional este ano, tem grande predilecção pelo vodka, que foi a causa de segunda operação. Um amigo conseguiu sub-repticiamente entregar-lhe uma garrafa da bebida e Shevchenko, etilizado até mais não, deu uma queda num corredor do hospital, desfazendo todo o trabalho dos cirurgiões na primeira intervenção.

Depois da segunda operação e exasperado com a demora da convalescença, o novo ídolo do futebol soviético voltou a embebedar-se e fugiu do hospital.

Seis futebolístas do club berlinense «Hertha» proíbidos de jogar devido ao papel que desempenharam no escândalo de corrupção do futebol oeste-alemão, receberam ontem bilhetes de avião para irem jogar provisòriamente, «alugados» aos clubes sul-africanos «Durban City» e «Hellenic Cape-Town».

Os jogadores ficarão instalados — a expensas dos clubes locais — em hotéis de luxo e receberão um salário mensal de 3.000 marcos (cerca de 25 contos). Deverão disputar todos os jogos da época, até Setembro.

DE BELO HORIZONTE: RECADOS PARA PORTUGAL

Os jogadores portugueses andam roídinhos de saudades. Com o aproximar do final do torneio e, consequentemente, do regresso a Portugal, mais se avolumam as recordações da vida que todos por lá deixaram. E fazendo eco dum desejo (pràticamente) colectivo, temos hoje oportunidade de enviar alguns recados dos futebolistas lusos para os seus familiares.

De **JAIME GRAÇA** para Celeste Graça: **«Estou bem. Espero regressar mais cedo do que pensava. Aproveito a oportunidade, para oferecer o golo que marquei contra o Uruguai a ti e aos pequenos, comemorando o oitavo aniversário do nosso casamento.»**

De **JOSÉ HENRIQUE** para Zita: **«Para ti e todos os familiares um abraço de saudade. Em breve regresso e espero vê-los a meu lado»:**

De **CHICO** para Iria Gonçalves na Venda Nova (Amadora) : **«Recebi carta. Tudo bem. Regresso dia 11 de manhã. Aguarda-me no aeroporto.»**

De **DINIS** para Pedro António Dinis: **«Estou ansioso por saber as tuas provas finais. Saudades.»**

De **MATINE** para Judite Matine: **«Estamos bem. Sabe do carro no José Patilhas. Obrigado»**

De **MOURINHO** para Maria Júlia Mourinho em Palmela: **«Após um mês longe de ti e dos miúdos e tendo já atingido o meu objectivo, é com alegria que vejo aproximar-se o final desta viagem. Amo-te.**

De **MURÇA** para Maria de Lurdes Murça em Santo António da Caparica: **«Estou óptimo. Espero que tudo esteja bem. Chego na terça-feira. Um abraço para todos.»**

De **ABEL** para sua mulher: **«Encontro-me bem, mas estou cheio de saudades. Espero que tudo corra normalmente»**

De **VÌTOR DAMAS** para a família: **«Querida mulher, filhos, pais e amigos: espero que passem bem o mês de Julho apesar da minha ausência. Adeus, até quando regressar.**

OLIMPÍADAS MODERNAS: uma história amável

Capítulo 16.º: de como, em Helsínquia, Zatopek subiu três vezes ao pódio, enquanto Brundage trepava à presidência do C. O. I.

Pelo brilho habitual das suas representações, a Finlândia já merecia a escolha. Assim, na reunião que o Comité Olímpico Imternacional realizou em Estocolmo, no ano de 1947, ficou logo determinado que Helsínquia serviria de cenário à edição número 16 das Olimpíadas modernas, em 1952.

Os finlandeses deram um exemplo de organização, observando escrupulosamente a unidade de tempo e de lugar, chave do êxito.

As provas decorreram num estádio de 70 000 lugares, rodeado de pistas, piscinas, recintos cobertos. E os 5867 atletas idos de 69 países, mobilizaram a atenção geral da população finlandesa, desde as primeiras provas eliminatórias até à maratona-apoteose.

Primeiro facto a salientar: pela primeira vez, desde a revolução de 1917, a Rússia esteve presente. A este propósito, convem clarificar certas posições «olímpicas». Desde Coubertin, se vem afirmando que o ideal olímpico está acima da política. Em Helsínquia, o que aconteceu? Apenas isto: foi traçada uma fronteira na aldeia onde se albergaram os atletas: de um lado, os do chamado mundo livre; do outro, os do lado de lá da chamada «cortina de ferro». Os dirigentes, pelos vistos, estavam muito atentos à dominante política da época: a guerra fria. Por aqui se prova que muitas vezes é difícil saber se há intrusão dos conflitos internacionais no desporto, ou se, por outro lado, são os próprios meios desportivos que se inspiram na política para regulamentarem os problemas que ao desporto dizem respeito. Inevitàvelmente, este ponto surgirá com frequência nas próximas «amabilidades».

Rezam as crónicas que o afastamento a que estiveram sujeitos os atletas do Ocidente e do Leste não surtiu qualquer efeito no terreno da verdade, ou seja nos estádios, nas piscinas e nos salões. Afirmam os cronistas que, aí, se assistiu ao «degelo». Degelo logo invocado pelos dirigentes olímpicos, para classificarem o convívio estabelecido de «reconfortante confraternização»...

Depois de salientarmos, ainda no campo político-desportivo (ou viceversa), o regresso da Alemanha e do Japão, os vencidos, passemos à maneira como decorreram as provas.

O facho olímpico foi transportado para Helsínquia por Nurmi, o famoso corredor finlandês do tempo entre guerras. Entretanto, a capital da Finlândia assistiu à consagração de outro fundista não menos famoso: o checo Zatopek, vencedor dos cinco e dos dez mil metros e da maratona (só!). Diz a lenda olímpica que ele entrou no estádio, para completar a última prova, no mesmo instante em que sua mulher, Zatopkova, ganhava a medalha de ouro do lançamento do dardo.

Os atletas russos não estiveram sensacionais: apenas satisfatórios, na opinião dos entendidos. Os americanos venceram a maior parte das provas de curta distência, com particular saliência para Bob Mathias, que renovou o seu título no decatlo, e dominaram nas provas de natação para homens. As nadadoras húngaras chamaram a si a evidência, nas provas femininas.

Um tal Ingmar Johanssen, ao que consta, fugiu do «ring» de boxe, tão furioso viu o seu adversário. Sim, é ele mesmo. É o Johanssen que chegaria a campeão (profissional de todas as categorias. Na prova de fundo de ciclismo, ficou em 12.º lugar um tal Jacques Anquetil, enquanto um tal Rik Van Looy foi desclassificado. Sim senhor, mais uma vez o leitor tem razão. São mesmo eles. O Anquetil haveria de ganhar quatro Voltas à França (como profissional, claro; já vimos como o ideal olímpico tem destas mutações...). O futebol húngaro começou a brilhar (brilho de medalha de ouro) e um brasileiro — Ademar — fez 16,22 metros no triplo salto.

Ainda a propósito de ideal olímpico, e para terminar, diga-se que ele passou, a partir de Helsínquia (1952), a ser definido, defendido, utilizado e aplicado pelo, ainda hoje, presidente do Comité Olímpico Internacional: o «businessman» americano Avery Brundage. Personalidade que alguns defendem e muitos atacam. A seu tempo se verá porquê.

TORRALTA UM LUGAR PARA SI UMA SOCIEDADE PARA TODOS

TAÇA INDEPENDÊNCIA

DL/DESPORTOS

PORTUGAL-1, RÚSSIA-0

A SORTE DE PORTUGAL AJUDA A BATER "RECORD"

BELO HORIZONTE (do nosso enviado especial Neves de Sousa, por gentileza da Varig). — Na pior exibição que nos foi dado ver nos últimos anos das nossas andanças com a selecção nacional, e com uma equívoca demonstração de quanto pode fazer, a equipa de Portugal bate todos os «records» de sempre da história do seu futebol e atinge já (invicto) o segundo posto da competição em que intervieram vinte países. Mas, chegou lá por mérito próprio? Sem dúvida. Dez jogos sem derrotas (nove sob as ordens de José Augusto) ficam como a melhor série na maior digressão até hoje feita pela turma das quinas.

Saturação, péssimo estado do relvado, abnegada, correcta e honesta luta dada pela Rússia, «ajudaram» aos nervos dos nossos jogadores. Minas Gerais viu, portanto, o pior espectáculo assinado por Portugal. Mas passámos adiante; fomos até ao máximo. E o Brasil da véspera também foi péssimo...

...De modo que as esperanças restam.

PRIMEIRA PARTE

O mal de Portugal começou nos defesas laterais, especialmente Artur que não ganhou um só lance. O resto da turma apareceu apática parece que tinham deixado os reflexos no Hotel, ninguém chutava, todos atrapalhavam. Era notório que faltava cabeça fria em tudo aquilo e que assim, dificilmente Portugal se poderia classificar para a final da Minicopa.

Sózinho, lançava o pânico na extrema defesa portuguesa. Para o travar, só recorrendo a irregularidade e os nossos jogadores mais recuados não se coibiram, uma vez por outra, de o anular com intervenções à margem da lei...

Até aos quarenta e cinco minutos o jogo assemelhava-se a uma pelada de terceira categoria. Os jogadores escorregavam no campo e na relva irregular, Jordão falha um golo certo, a Russia avançando cada vez mais pelo lado esquerdo, aproveitando-se do zero de Artur.

Ao intervalo falei com Messias, Adolfo e Dinis e todos punham as culpas na relva, alta e com muitas covas. Mas a verdade é que Portugal errou: Desde a segunda-feira e desde que chegou a Belo Horizonte nunca treinou de chuteiras, sempre de sapatilhas. Por isso não se adaptou ao relvado. Teria de usar pitons maiores, lógicamente, e o erro poderia ter sido fatal.

SEGUNDA PARTE

O segundo tempo abriu logo (ao minuto e meio, mais exactamente) com um falhanço de Juralev, defesa7esquerdo continuado num desencontro entre ele e o «keeper» Tkachenko, o que permitiu o golo a Jordão. Grande balão, grande «peru»...

Eusébio aleijado aos quatro minutos vem à lateral falar com o médio e o massagista é observado e tratado e volta a passo para o campo. Dinis, logo de seguida, falha um golo. A balisa estava completamente aberta. A Rússia é que não cede um palmo,
apesar do golo, apesar da oportunidade perdida por Dinis. Acentua, até, a sua pressão.

É então altura para se avaliar a «barraca» enorme que dava a nossa defesa. Messias vacila, Adolfo que começara bem, baixa de rendimento e ambos acompanham o nível de Artur. E uma lástima pegada.

Aos treze minutos, Nené substitui Dinis, mas tudo fica na mesma. Quanto à Rússia, vêm ao de cima as suas maiores qualidades: antecipação, força física. Um espectáculo de vigor e aplicação. Às tantas Bishovets atira Graça pela linha lateral, com uma finta espectacular: 8925 pessoas riem à gargalhada. Para descontrolar ainda mais os portugueses que assistem ao jogo, a bola vai à trave de José Henrique, na marcação de um livre. Eram decorridos dezóito minutos e se aquela entra, não sei o que seria... José Henrique faz nova asneira, em tudo semelhante à do primeiro tempo. Vem ao meio do campo pontapear a bola, descontrola-se, mete-se em correrias e acaba por a perder, colocando a equipa em apuros e José Augusto a reclamar contra a saída extemporânea.

Com o jogo a aproximar-se do fim, Artur Jorge substitui Eusébio. Tudo continua porém, igual. Sucessivos falhanços da defesa e meio kampo (excepto Humberto, o melhor português ainda que muito faltoso). Não havia remédio que valesse ao quadro luso na noite de ontem. Ainda tivemos outra bola na trave, despedida por Semenov. Para completar a miséria e a lástima. A esmola da vitória quase acabava ali.

A torcida envergonhada nem esperou a saída dos jogadores.

Na cabina, como é natural o ambiente era de festa. Um pouco limitada pela consciência da má exibição, mas suficientemente expansiva para comemorar o facto de Portugal se apresentar pela primeira vez numa finalíssima a nível mundial e entre selecções.

O que é muito bom. Apesar da péssima exibição e do nosso pior jogo.

Serenamente confiante, todo o grupo de profissionais portugueses que aguarda a final da «Taça Independencia».

Inclusivé, o próprio José Henrique andou no meio-campo a correr atrás da bola, sem saber o que fazer. Valeu-nos a lesão do melhor jogador soviéticos, o ponta Onishenko, substituido aos 31 minutos após ter sido tratado durante dez minutos junto à linha lateral, num desesperado esforço dos médicos e massagistas russos para o colocarem em condições de jogo. A sua influência era fundamental e foi por ai que nós ganhámos e eles perderam.

EQUIPAS E ÁRBITRO

PORTUGAL — José Henrique — Artur, Humberto, Messias e Adolfo, Toni, Jaime Graça e Peres, Jordão, Eusébio (Artur Jorge), Dinis (Nené).

RÚSSIA — Tkachento Farkosh) — Kuznetsov, Maligin, Zhuralev, Lovchev, Victor Kusnetsov, Kiksov, Vasenin, Semenov, Bishovets, Schenko (Eliseev).

Árbitro. Kurt Tschenscher, da Alemanha Ocidental.

Golo: Jordão.

Diário de Lisboa NA TAÇA INDEPENDÊNCIA

SALPICOS

Após o jogo com os russos e a péssima exibição da nossa selecção, os portugueses do Rio de Janeiro exigem para domingo um espectáculo de redenção. E bem o merecem, pelo apoio com que não têm faltado à equipa nacional.

Eusébio ficou com um grande buraco na canela direita: tem «apenas» quatro centímetros de diâmetro. É impossível prever se jogará contra o Brasil. Mesmo injectado. Mesmo só durante dez minutos. Se tal acontecer o moçambicano igualará as 60 presenças de Coluna na selecção portuguesa.

Não sei se a sério ou a brincar, continuam os jogadores a depositar o líquido para a análise «anti-doping». Desta feita foi a vez de Jordão e Nené.

Zagalo negou-se a qualquer declaração após a partida a que acabava de assistir. Mas saiu satisfeito. Vadinho (lembram-se dele?) que trabalha agora numa fábrica de doces, mandou cumprimentos para Maria José Valério e sobre o jogo comentou: «Fui uma pelada pura». Tele o treinador do Atlético Mineiro: «Chanchada dos dois lados».

Aquilo foi realmente tão mau, que o guarda-redes suplente da Rússia (o Mourinho de lá) entrou a um minuto do fim e nem sequer tocou na bola. Depois muito emocionado, desatou a chorar. Palhaçada absoluta.

No meio de tudo isto só uma coisa se safou: a arbitragem que foi simplesmente fabulosa. Dos jogadores portugueses pouco mais e pode acrescentar. Henrique olhava a Lua enquanto a bola esbarrava na trave. Messias, Toni, Jaime Graça e Adolfo pareciam ausentes. Artur desta vez foi o pior de todos. Peres andou atarantado. Jordão triste. Eusébio infeliz. Dinis melhor que Nené. Artur Jorge, zero absoluto. Em suma: Portugal teve uma sorte espantosa na qualificação, mas esse apuramento traduz (em absoluto) o mérito da excelente carreira da selecção nacional.

Delirantes todos, Martins Canaverde, Nunes dos Santos, Jorge Saraiva e os técnicos Peres Bandeira e Hamilton Marques da Pena. Os jogadores ao fim e ao cabo também, tinham fortes razões para estarem satisfeitos: chegaram à final da competição e só por esta vitória vão receber 22 contos. O prémio como de costume é igual para todos: efectivos e suplentes.

Toda a alegria da vitória sobre a Rússia se irá agora transformar na preocupação que o jogo com o Brasil vai forçosamente trazer. E para ajudar à festa lusa aí estão montes de telegramas de incentivo e parabéns. E troféus. Especialmente dos núcleos portugueses.

Silva Rocha põe muitas reticências à presença de Eusébio no Maracanã, onde o bilhete mais barato custa 125 escudos portugueses. Há convites para Portugal jogar em Paraguaia e São Paulo. Declinados, drs.Martins Canaverde e Nunes Santos ficam no Rio, um dia mais para fazer contas. Tem andado connosco João Jacinto ex-atleta do Sporting. Declaração sensacional do dr. Augusto agora na TV: «selecção joga o meu estilo, sempre atacante, não do estilo do inglês que treina o Benfica na fase da selecção. Assim sou o treinador-seleccionador mais feliz de sempre em Portugal».

Em jogo disputado debaixo de chuva, a Argentina venceu o Uruguai por 1-0, nas meias-finais da «Taça da Independência». O tento da vitória Argentina foi marcado por Más, aos trinta e sete minutos da segunda parte. Deste modo, a Argentina qualificou-se para defrontar a Jugoslávia, no domingo, em encontro que decidirá o terceiro e quarto lugares do torneio. No outro encontro, a Jugoslávia venceu a Checoslováquia por 2-1. Argentina e Jugoslávia disfrutam o terceiro e quarto lugares.

TORRALTA UM LUGAR PARA SI
UMA SOCIEDADE PARA TODOS

bolsa de LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 %	433$	433$	–
Cons. 3	475$	475$	–
Cons. 3 1/2	–	552$M	–
Centenários	1.263$	1.263$	–
Tes. 5 % 57	1.000$	–	–
Tes. 5 % 59	–	1.000$	–
Exter. 1.ª s.	610$	610$	–
Extern. 1.ª c.	–	615$	–
Extern. 3.ª s.	–	–	840$
Extern. 3.ª c.	–	–	820$
Caut. 3.ª s.	–	–	–

FUNDOS PÚBLICOS

A. Lx. 6 %	–	930$	–
C. M. L. 5 3/4 %	–	985$	990$
C. P. 5,5 % 67	–	950$	955$
C. P. 5,5 % — 68	930$	930$	935$
C. P. 5,5 % 69	–	–	960$
Corr. 5 3/4 %	915$	915$	920$
Metr. 5 3/4 %	–	955$	–
Tur. 5 3/4 %	–	985$	–
C. P. 6 3/4	1.008$	1.006$	1.010$

ELÉCTRICAS

G. 5 % — 58	–	830$	–
G. 5 % — 59	–	830$	–
G. 5 % — 62	–	920$	–
G. 5 % — 63	–	–	–
G. 5 % — 64	–	–	–
G. 5 % — 65	–	–	–
G. 6 % — 67	–	930$	–
G. 6 % — 69	950$	940$	950$
G. 7 % — 71	1.020$	1.015$	1.025$
H. E. C. 5 %	–	–	–
H. E. C. 6 %	–	900$	905$
H. E. D. 5 %	–	–	760$
H. E. D. 6 %	895$	895$	900$
H. E. N. P. 5 %	–	–	–
H. E. S. E. 5 %	–	–	–
H. E. S. E. 6 %	–	–	900$
H. E. Z. 5 % — 57	–	–	–
H. E. Zêz. 6 %	–	900$	910$
N. Elc. 5 %	–	–	–
N. Elec. 6 %	–	–	–
Termoel. 5 %	–	–	760$
U. E. P. 5 % — 60	–	–	–
U. E. P. 5 % — 63	–	–	–
U. E. P. 6 %	–	–	–

DIVERSAS

A. P. T. 5 % — 56	–	890$	–
A. P. T. 5 % — 58	–	890$	–
Lisnave 6 %	950$	950$	–
Nitratos — 60	–	–	820$
Pet. 2.ª e 3.ª %	–	–	880$
Sacor 7 %	1.025$	1.025$	–
Sacor 5 % — 54	–	935$	–
Sacor 5 % — 60	–	–	–
Sid 5 % — 2.ª	–	–	790$
Sid 5 % — 3.ª	–	780$	–
Sid 5 % — 4.ª	–	–	780$
Socel. 5 %	–	890$	–
U. Fabril 67	–	–	940$
U. Fabril 68	950$	945$	–

ULTRAMARINAS

Carbonil 5 %	–	–	–
Rev. 5 % 57	–	–	–
Rev. 5 % — 59/60	670$	–	–
Moçamb. 5 %	–	420$	500$
Sonefe 5 %	805$	–	805$

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	4.410$	4.410$	–
Alentejo	1.400$	1.400$	1.405$
Angola	–	3.500$	3.550$
Cred. Predial	6.150$	6.150$	6.170$
Esp. Santo	9.500$	9.490$	9.510$
Fomento	–	4.400$	4.500$
F. & Burnay	–	36.000$	–
N. Ultr. m.	–	5.600$	–
N. Ultr. c.	–	6.380$	6.450$
Portugal n.	–	4.300$	4.500$
Portugal p.	5.800$	5.750$	5.850$
P. Atlântico	10.600$	10.550$	10.650$
Totta & Açores	6.050$	6.040$	6.060$
Algarve	1.910$	1.900$	1.910$
Borges & Irmão	8.450$	8.420$	8.500$

Banco Borges & Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	30-6-72	6-7-72	7-7-72
GERAL	185,4	186,4	186,1
METROPOL	188,3	189,6	189,0
ULTRAM	164,2	162,8	164,6

De Seguros

Alentejo	143$	141$	144$
Bonança	–	–	–
Império	–	16.000$	19.000$
Mundial	1.340$	1.336$	1.345$
Soberana	–	–	1.850$
Tranquilidade	–	–	–

Eléctricas

C. P. E. p.	1.104$	1.103$	1.104$
C. P. E. n.	–	1.070$	1.080$
E. Beiras	–	–	1.800$
G. Elec. c.	332$	331$	332$5
H. E. A.A.	165$5	165$	165$5
H. E. N. P.	–	235$	240$
H. E. S. E.	–	–	1.650$
U. E. P.	199$	197$	199$

Ultramarinas

Ag. Cassequel	1.080$	1.080$	1.100$
Ag. Incomáti	–	2.150$	2.170$
Ag. S. T. e P.	–	–	190$
Aç. Angola	930$	920$	940$
Alg. Angola	–	–	–
Ang. Agric.	–	–	–
Boror	–	115$	–
Boror Com	–	60$	70$
Buzi	–	82$	85$
Cabinda	–	135$	–
Com. Lobito	750$	750$	760$
D. A. — T. 100	1.900$	1.900$	–
H. E. Revué	–	560$	–
I. do Princ.	–	–	450$
Moçambique	–	158$	–
Sonefe n.	–	385$	–
Sonefe p.	–	400$	405$
Zambézia	–	64$	65$

Diversas

Ag. Lx. ant.	440$	430$	440$
Ag. Lx. — 34	455$	450$	460$
Ag. Lx. — 36	–	405$	415$
Cel. Guadiana	–	5.100$	5.300$
C. Leiria p.	6.150$	6.150$	6.200$
C. Tejo p.	–	14.300$	14.400$
F. Ramada	–	1.280$	1.300$
Fornos Eléct.	139$	139$	140$
P. Celulose	4.050$	4.050$	4.100$
Siderurgia p.	4.550$	4.540$	4.570$
Siderurgia n.	2.960$	2.950$	2.970$
Socel	–	3.650$	–
Cidla	6.900$	6.850$	6.890$
C. U. F.	–	3.000$	3.030$
Intar	538$	537$	539$
Nitratos	–	1.000$	1.050$
Petroquímica	–	1.000$	1.010$
Sacor	–	3.050$	3.100$
Tab. Portugal	2.100$	2.050$	2.150$
Tabaqueira	7.300$	7.250$	–
U. F. Azoto	750$	745$	755$
Empor	–	200$	–
Ind. Aliança	–	600$	–
I. P. Colón.	885$	880$	890$
Nac. Naveg.	3.550$	3.550$	3.600$
Naveg. (Col.).	2.220$	2.210$	2.230$
P. Pesca	–	–	980$
Matur	–	960$	1.000$
R. Marconi	2.050$	2.040$	2.060$
TAP	1.310$	1.310$	–
Compal	–	–	–
Salvor	–	–	1.300$
Penina	–	1.150$	1.250$
Grão-Pará	–	–	–

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	–	–	–
F. I. D. E. S.	–	–	–

COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul — Rands	-$-	34$00
Alemanha — Marco	8$40	8$70
América		
Dollars de 1 a 2	26$20	26$90
Dollars de 5 a 20	26$50	27$30.
Dollars de 50 a 1000	26$60	27$40
Argentina — Peso Novo	-$-	-$-
Austria — Schiling	1$16	1$21
Bélgica — Franco	$60	$63
Brasil — Cruzeiro	3$50	4$50
Canadá — Dólar	27$00	27$70
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$41,5	$43,5
França — Franco	5$50	5$80
Holanda — Florim	8$30	8$60
Inglaterra — Libra	65$00	68$00
Itália — Lira	$04,4	$0475
Marrocos — Dhran	5$10	5$60
Noruega — Coroa	3$95	4$25
Suécia — Coroa	5$55	5$85
Suíça — Franco	7$08	7$33
Ouro		
Inglaterra — Libra Isabel	440$00	470$00
Inglaterra — 1/2 Libra	330$00	350$00
Ouro fino Barra	53$50	58$50

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

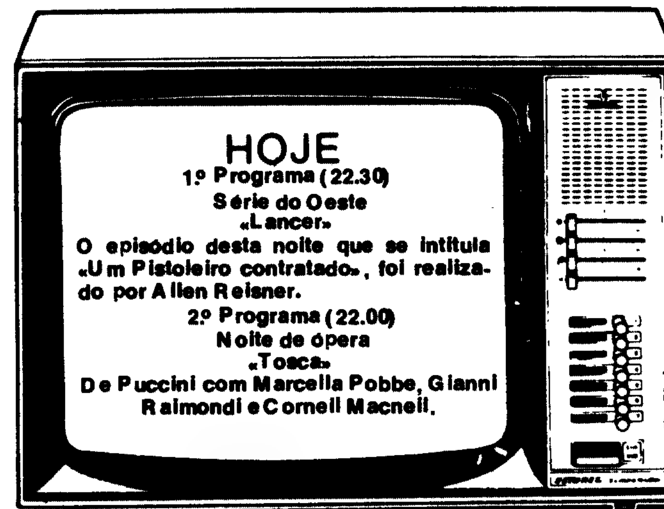
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

BANCO DO ALENTEJO

GESTAO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERACOES BANCARIAS

[illegible]

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLIMPICOS

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Filme de série — «Nanny e o Professor»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite
14.20 Fecho.

2.º Período

Telejornal — 2.ª edição
19.45 Um poeta...um livro...
20.10 Barcos antigos na foz do Rio Arade
20.35 Auditório Musical
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Frente a Frente
22.30 Série do Oeste — «Lancer»
23.30 Eurovisão — Volta a França em bicicleta
23.40 Telejornal — últimas notícias
23.45 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.40 Vária
21.00 Filme de série — «Nanny e o Professor».
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Noite de ópera «Tosca»
00.00 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 O caso da semana
13.15 Viver no campo
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Dó Lá Si
14.25 Hoje pode ver
14.40 Universidade na TV
15.35 Daniel Boone
16.30 Estúdio sem marcação
17.00 Barreira de sombra
17.25 Teledesporto
17.55 Lassie
18.20 T. V. - Juvenil
18.25 Programa Feminino
19.00 Presença do Brasil

19.45 Skippy
20.15 TV Mundo — A Taça Britânica de Futebol
21.05 Se bem me lembro
21.30 Telejornal
22.05 Os caminhos de Noel
22.30 Variedades — Tom Jones
23.30 Telejornal — 3.ª edição
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.40 O caso da semana
21.00 Viver no campo
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Século XXI
22.30 Dr. Marcus Welby
23.30 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6226

tempo

HOJE

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava em geral pouco nublado e o vento era fraco ou moderado prodominando de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	22.º
P. DOURADAS	12.º
COIMBRA	22.º
PORTALEGRE	22.º
LISBOA	19.º
FARO	21.º
FUNCHAL	17.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA

Máxima 27,5.º

PENHAS DA SAÚDE

Mínima 7,5.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar 14.º
Atmosfera 18,5.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
0.25	3.5 m	6.23	1.1. m
13.01	3.6 m	18.59	1.0 m
Dia 8			
1.33	3.6 m	7.21	1.0 m
14.02	3.8 m	19.57	0.9 m
Dia 9			
2.34	3.7 m	8.15	0.9 m
14.58	3.9 m	20.50	0.7 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado; vento fraco moderado de Norte soprando durante o fim da tarde em regime de nortada do Litoral Oeste; possibilidade de trovoadas.

AMANHÃ

Nascer às 6.19
Ocaso às 21.04

Dia 10 Dia 18 Dia 26 Dia 2

rádio

EMISSORA 1.º Programa
16.00 Noticiário
16.05 Melodias de cinema
16.30 Convívio — programa da juventude
18.05 Ao encontro da melodia — COM A ORQ: Robert Mann
18.30 Forças Armadas — programa produzido e realizado pelo Serviço de Informação Pública da Defesa Nacional
19.10 PAssatempo musical
19.30 Recordar é viver — por Maria Natália Bispo
20..0 Diário sonoro
20.20 O saxofonista Fausto Papetti
20.30 17.º episódio do folhetim «O Fantasma da Casa Lamprechet»
20.50 Solos de orgão
21.00 Momento 72
21.30 Língua portuguesa — pelo dr. António Dias Miguel
21.40 Ao sabor da fantasia
22.00 Música da Europa
23.05 De um dia para o outro — por Fernando Correia
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada — por Pedro Moutinho
02.00 Fecho

2.º Programa
16.00 Ciclo do barroco italiano
16.45 Música de vanguarda
17.00 Música de tecla
17.30 O compositor do mês: Händel — Israel no Egipto (Oratória)
19.00 Música portuguesa — obras de Francisco António de Almeida
20.00 Diário sonoro
20.20 O violinista Jacques Ghestem
20.30 Parte de um concerto realizado na igreja evangélica alemã de Lisboa
20.48 Serenata em mi menor op. 20 (Edward Elgar)
21.00 Concerto sinfónico — 1.ª parte
21.49 Um solo de harpa — por Nicanor Zabaleta
21.53 Concerto sinfónico — 2.ª parte
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

Estereofónica - MF 2
21.00 Música ligeira variada
22.00 As quatro estações (Darius Milhaud)
22.50 Música sinfónica
23.30 Coros russos «Os Cossacos do Don», dir. de Serge Jaroff
00.00 As sonatas para piano de Beethoven — pelo pianista Wilhemm Kempff
00.33 Sinfonia n.º 35 em ré maior k. 385 «Haffner» de Mozart
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE
16.04 C.D.C.
18.00/21.00 Programa Movimento
21.03 Portugal além da Europa
21.15 Música para meditar
21.32 Impacto
22.30 Qaundo o telefone toca
23.08 Rubrica pólicial do inspector Varatojo
23.18 Tempo de fado
23.30 P.B.X.
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

MF
16.04 C.D.C.
17.57 O nosso programa
19.04 Vertice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à gô-gô
00.02 Em órbita dois
01.02 Banda sonora
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Miramar
16.04 C.D.C.
18.00 Depois do chá
18.30 Ela e o seu mundo
18.45 Matinée teatral
19.17 Conjunto
19.30 Estúdio 64
20.07 Norte di a dia
21.05 Só-rádio
21.45 Mensageiro do Evangelho
22.02 Em destaque
22.15 Novas de alegria
22.30 Variedades
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA
16.00 Rádiorama
18.00 Rolling Stones
18.30 Terço e benção da Basílica dos Mástires
19.05 A vida é uma coisa maravilhosa
19.30 Página um
21.00 Meditando
21.03 Programa dos sócios
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Pentagrama
22.45 Keating — orq. e coros
23.00 A 23.ª hora

Emissores Associados de Lisboa

Rádio Graça
das 6 ás 10 e das 14.30 ás 17

Rádio Peninsular
das 10 ás 12 e das 19.30 ás 22

Clube Radiofónico de Portugal
das 12 ás 14.30

Rádio Voz de Lisboa
das 17 ás 19.30 e das 22 ás 2

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (Tel 638256).
Tapada, Calçada da Tapada 83-A (Tel. 634721)-

ALCÂNTARA
Ester Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (Tel 637563).

ALFAMA
Cruz de Malta, Largo do Chafariz de Dentro, 36 (tel 866126)

ALMIRANTE REIS
Lusa, Av Almirante Reis, 199-A (Tel 41269)

ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 7 (tel 843571)

AMOREIRAS
Amoreiras, Praça das Aguas Livres, 8-D (Tel 681515)

ALVALADE
Nova Iorque, Av. Estados Unidos da América, 140-B (Tel. 760658); **Líbia**, Av. da Igreja, 4-B (Tel. 711681); **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (Tel 710621); **Marbel**, Av. de Roma, 131-A (Tel. 776235)

ANJOS
Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D (Tel. 49479)

ARCO DO CEGO
Providência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (Tel. 770324)

AREEIRO
Lusitânia, Av. de Roma, 18-A (Tel. 725443); **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel. 710331).

AVENIDA DA LIBERDADE
Morais Sarmento, Rua de Santa Marta, 16-A/B (ao Tivoli) (Tel. 46490)

AVENIDAS NOVAS
Lungenit, Av. da República, 55 (Tel 772132) **Sá da Bandeira**, Rua Marquês Sá da Bandeira, 42 (Tel. 54672)

BAIRRO ACTORES
Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A (Tel 41269)

BAIRRO ALTO
Andrade, Rua do Alecrim, 125 (Tel 823446 - 370685)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Tel. 310172)

BAIRRO DA LIBERDADE
Zenal, Rua A. 182 (Tel. 651840)

BAIXA
Simões Pires, Rua da Prata, 115 (Tel. 362350)

BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (tel 638132)

BENFICA
Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C (Tel. 703697); **Benfiluz**, Estrada de Benfica, 444 (Tel. 782606)

CAMPOLIDE
Nova, R de Campolide, 297-C (Tel 687475); **Ronil**, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Tel 683438)

CAMPO DE OURIQUE
Findor, R D. Maria Pia, 514 (Tel. 687949); **Linaide**, R. Ferreira Borges, 30 (Tel. 660955)

CASTELO
Santa Luzia, R. da Saudade, 2-A (Tel. 869831)

CHIADO
Andrade, Rua do Alecrim, 125 (Tel 323446)

CONDE BARÃO
Marcos do Nascimento, Calçada Marquês de Abrantes, 36-A (Tel 664238)

ENTRECAMPOS
«Nova Iorque, Av Estados Unidos da América, 140-B (Tel. 760658)

ESTEFÂNIA
Morgado Lourenço, Largo de D. Estefânia, 4 (Tel. 54808); **Romano Baptista**, Rua Passos Manuel, 6-10 (Tel. 50593)

ESTRADA DA DAMAIA
Progresso, Estrada A-da-Maia, 64-C (Tel 702226)

ESTRELA
Linaide, Rua Ferreira Borges, 30 (Tel. 6609955)

GRAÇA
ALmeida Dias, Largo da Graça, 38-A (Tel. 862909); **Higiénica**, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Tel. 844361)

GRILO
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (Tel. 382470)

JUNQUEIRA
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Tel. 638132)

LAPA
Alb. R. da Santana, 156 (Tel. 663562); **E. Silva, Filhos**, R. S. João da Mata, 74 (Tel. 661010)

LUMIAR
Paluleia, Rua do Lumiar, 120 (Tel. 790332); **Douro**, Av. das Linhas de Torres, 93-A (Tel. 791131)

MADRE DE DEUS
Madre de Deus, R. da Margem, 15-B (Tel. 382470)

MOURARIA
Ferrão, R. da Mouraria, 12 (Tel. 860464)

OLIVAIS
Simão, R. Cidade de Cabinda, 16-A (junto à piscina) (Tel. 310581)

PEDROUÇOS
Higilux, Rua de Pedrouços, 52 (Tel 610280)

PENHA DE FRANÇA
Higiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20 - A (Tel. 844361)
Zema, R. General Justiano Padrel, 21-A (à Calçada dos Barbadinhos) (Tel. 832580)

PICHELEIRA
Mariuz, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 720703-728395)

SANTA MARTA
Morais Sarmento, Rua de Santa Marta, 16 A/B (ao Tivoli) (Tel. 46490)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Oliveira Viegas, R. do Viriato, 29-A (Tls. 48966-553601)

SETE RIOS
Canto, Estrada das Laranjeiras 202-B (Tel. 780841)

SOCORRO
Ferrão, R da Mouraria, 12 (Tel. 860464)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Tel. 934589); **Campos**, R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551)

DAMAIA
Confiança, Est. Militar, Lote D (Tel. 9710231)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123)

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salvado, 26 (Tel. 980832)

COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Tel. 212048)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)

OEIRAS
Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058)

PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Tel. 2471054)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Tel. 263052)

CASCAIS
Misericórdia, R. do Regimento 19, 41 (Tel. 280141); **Cascais**, R. Conde Monte Real - B.º Caixas (Tel. 282407)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)

ALMADA
Nuno Alvares, Av. D. Nuno Alvares Pereira, 39 (Tel. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)

BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel. 2273207)

COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121)

MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029)

MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 230156)

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Tel. 229471)

SETUBAL
Lisboa, R. Dr. Paulo Borba (Tel. 22248); **Saião**, Av. Portela (Tel. 22709)

SEIXAL
Soromenho, R Paiva Coelho, 38 (Tel. 2118560)

PORTO

Sub-TURNO A

Barreiros, Rua de Serpa Pinto, 8; **Martino, Sucr.** Praça Marq. Pombal, 122; **Pombeiro**, C. Márt da Pátria, 152; **Prelada (da)**, R. Central de Francos, 316; **S. Roque da Lameira**; S. Roque Lameira, 1111; **Sá da Bandeira**, Rua Sá da Bandeira, 236

SUB-TURNO B

Ameal, R. do Ameal, 1227; **Campo Alegre (do)**, R. do Campo Alegre, 723; **Ferreira da Silva**, Rua dos M. da Liberdade, 150; **Peninsular**, Rua Chã, 100-102; **S. Lázaro**, Av. Rod. de Freitas, 297

COIMBRA

Neves Morgado, Rua da Moeda, 106 - 108 (tel 23738). **Rodrigues da Silva**, R Ferreira Borges, 32 (tel. 24348), **S. José**, Arcos do Jardim, 41 (tel. 24697).

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.00 e 21.30
Grupo C - 14 anos
No écran gigante em 70 m/m «Camelô» com Richard Harris Vanessa Redgrave e Franco Nero

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos) 2.ª Semana «ENTRE O AMOR E A MORTE» um filme de John Huston com Angélica Huston e Assaf Dayan

ODEON (Tel 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
Grupo C (14 anos)
21.ª Semana de êxito
«NÃO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces

MUNDIAL (Tel. 538743)
21.45 (Grupo D - 18 anos)
Estreia - Eric Porter, Jane Merrow e Dora Bryan na mais tenebrosa das histórias «AS MÃOS DO ESTRIPADOR» Hora e meia de emoção e suspense
Às 15.15 e 18.30
(Grupo C - 14 anos) últimas de «AS QUATRO PENAS BRANCAS»

LONDRES (Tel 731313)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
(Grupo C - 14 anos) 3.ª Semana «MELODY»
Venha ver como começamos a amar com Mark Foster, Jack Wield e Tracy Hyde
CINEMA - SNACK BAR - PUB THE FLAG
(Faça 3 coisas num sítio só)
Hoje às 0.15 Adultos «PSICO PSYCO»

ROYAL (Tel. 855037)
15.00-21.00
(Grupo D - 18 anos)
«UM HOMEM E UMA MULHER» Com Anouk Aimée e Jean-Louis Tritignant e «UM TIRO ÀS ESCURAS»

S. JORGE (Tel. 54153/4)
15.15 - 18.15 - 21.30
A comédia inesquecível de Billy Wilder «ARIANE» com Gary Cooper, Audrey Hepburn e Maurice Chevalier
Às 15.15 e 18.30 últimas de «O VÍCIO DAS BEATAS»
(Grupo B - 10 anos)

CASINO ESTORIL
17.00 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«A MULHER E O DESEJO»

LYS (Tel. 48560)
15.00 e 21.00
(Grupo C - 14 anos)
«DA TERRA NASCEM OS HOMENS» com Gregory Peck e Jean Simmons e «ASPECTOS DA VIDA ETÍOPE»

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos)
24.ª Semana «TRINITÁ» (Cow-boy insolente) com Buel Spencer e Terence Hill

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30-18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
«O MUNDO A SEUS PÉS» O melhor filme de todos os tempos de Orgon Welles

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos
8.ª Semana «O AMANTE» com Bibi Anderssen e Elliot Gould num filme de Ingmar Bergman.

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos) 2.ª Semana CASAMENTO POR PROCURAÇÃO uma realização de Luigi Zampa, com Alberto Sordi e Cláudia Cardinale
Hoje às 18.30
(Grupo B - 10 anos)
«A GRANDE COMPETIÇÃO»

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 e 21.45
Grupo D (18 anos)
A NAVE DOS LOUCOS de novo com rumo ao sucesso em 2.ª Semana com Lee Marvin e Viviem Leigh

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
Às 15.30 - 18.30 - 21.45
Adultos - 2.ª Semana
Um filme de Damiano Damiani «A MULHER MAIS BELA», com Ornella Mull e Alessio Orano

BERNA (Tel. 776098)
15.15-18.30-21.45 (3.ª Semana)
Grupo D (18 anos)
Charles Bronson, Anthony Perkins e Jill Ireland DÍVIDA DE ÓDIO - 90 minutos de constante angústia

EDEN (Tel. 320768)
21.45 (Grupo A - 6 anos)
Estreia
«GOOFY E DONALD CAMPEÕES OLÍMPICOS». Uma golfada de bom humor em versão portuguesa.
Às 15.30 e 18.30
(Grupo C - 14 anos)
Últimas de «SARTANA DESAFIA SABATA»

EUROPA (Tel. 661016)
21.30 (Grupo B - 10 anos)
«ALAMO» com John Wayne e Richard Widmark

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
Grupo D (18 anos)
«VIDAS CRUZADAS» com Rod Taylor e Carol White e «SARILHOS CONJUGAIS»

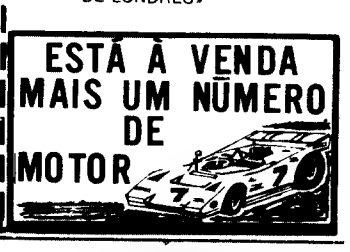
CONDES (Tel. 322523 e 326710)
(Grupo D - 18 anos)
14.15-16.30-18.45-21.45
«CINCO SELVAGENS» os mais crueis animais de duas pernas com Henry Silva, Keenan Wynn e Michael Carey

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D- 18 anos) 4.ª Semana «Reg Verney, Daris Hare e Stephen Lewis «CURVAS NA ZONA» um filme permanente gargalhada uma comédia colorida onde a malandrice anda à solta

APOLO 70 (Tel 763319)
14.30 - 16.45 - 19.00 - 21.45
Grupo C (14 anos) 2.ª Semana «UM DIA NA VIDA DE IVAN DENISOVICH» da obra de Alexander Solzhenitsyn com Tom Courtenay e Alfred Burke.
Hoje às 24.00
(Grupo D - 18 anos)
«A GRANDE PARÓDIA»

ROMA (Tel. 727778)
15.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«DOZE INDOMÁVEIS PATIFES». Os feitos de doze canalhos com Lee Marin, Ernest Bogovive e Charles Bronson.

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Audaciosa ficção científica «FUGA DO PLANETA DOS MACACOS» estranhos seres do futuro vivendo o mundo actual
Hoje às 0.30
(Grupo D - 18 anos)
«O MONSTRO DA CIDADE DE LONDRES»



espectáculos

LISBOA Teatros

MONUMENTAL
20 45 e 23.00 (18 anos)
«P'ra frente Lisboa»

VASCO SANTANA
21.45 - 18 anos
«A Outra Morte de Inês»

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente».

LISBOA/Cinemas

RESTELO
21.30 (18 anos)
«Bulevar do rum»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Bulevar do rum»

MAYER
21.00 (17 anos)
«Imoral»

OLYMPIA
21.00 (10 anos)
«A volta ao mundo em 80 dias» e «O obececado»

JARDIM
21.00 (18 anos)
«Vejo tudo nú»

PROMOTORA
21.15 (10 anos)
«Aventura de Gerard»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17.00 e ás 21.30
«A Mulher e o desejo» (18 anos

ESTORIL
Esplanada
21.30 (14 anos)
«Choque»

CASCAIS
S. José
21.30 (14 anos)
«Ivan o terrível»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (14 anos)
«O vento de Oeste»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Joe procura um sítio para morrer»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Morre monstro, morre»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«O Barão de Frankenstein»

PORTO Cinemas

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Os impostores»

ESTÚDIO
21.30 (14 anos)
«A Convidada»

OLÍMPIA
21.30 (14 anos)
«Frankenstein conquistador do Mundo»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (10 anos)
«Trinitá, cow-boy insolente»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O Pai de Família»

BATALHA
21.30 (10 anos)
«O Director descalço»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Mafia em Nova York»

PASSOS MANUEL
21.45 (14 anos)
«Ameaça do Andromeda».

COLISEU
21.30 (18 anos)
«A Valsa do medo»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«O cerco»

CINEMA DO TERÇO
21.30 (18 anos)
«Gente sem compaixão»

CARLOS ALBERTO
21.00 (18 anos)
«Selva, mulheres e macacos»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.45 (18 anos)
«Dr. Jivago»

AVENIDA
21.30 (14 anos)
«Os dois indomáveis»

LEIRIA/cinemas

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.30 (10 anos)
«Trinitá, Cow-Boy insolente»

BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Mauricio Fados de Coimbra por Loubet Bravo Os Arautos Tocam Liberto Conde, Rafael Marques e José Vilela Fandangos pelo Grupo Tipico de Vila Franca de Xira

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luís Tomar; fado de Coimbra e canções internacionais por Plínio Sérgio. Guitarradas por Jaime Santos e Fernando Alvim. **Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889.**
Aberto todos os dias.

ADEGA MESQUITA
Cantam Fernanda Pinto, Natalina Bizarro, Ana Hortense e Alcino de Carvalho Tocam António Luis Gomes e Antonio Proença Danças Regionais por conjunto privativo Consumo mínimo 60$00 Encerra ao domingo **Rua Diario de Noticias, 107. Telef. 32$307.**

FORCADO
Elenco Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal João Alberto, Manuel Martins, Folclore pelos 5 Tipicos de Vila Franca de Xira. Ar condicionado. Rua da Rosa 221 - Telefone: 368579

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana.
Tocam: Carvalhinho e Júlio Gomes. Os Arautos. Folclore pelos Cinco Tipicos de Vila Franca de Xira Encerra às 2.as feiras Rua da Barroca, 133. Tel 369760

ARREDA Fado amador, oiça e cante o fado no Arreda Elenco José Pracana José Manuel Osório. D Vicente da Câmara e eventuais clientes Tocam Carlos Gonçalves José Pracana e José Inácio Encerra as 3.as feiras Consumo mínimo 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

FRAGATA REAL — **Trav. de S. Miguel, n.º 22 - ALFAMA - Tel. 868552**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

FANTASMA
Dancing-Caveau com variedades — Filipe Dancers. Show todas as noites uma atracção surpresa. Rua Gomes Freire, 145-B. Aberto todos os dias até às 05.00 h.

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7 - 13 Tel. 34858/386197**

TOSCO — Dancing com Variedades. **Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531582)**

TAMILA Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

D. QUIXOTE — Com Carlos Villaret, Virgilio Neves. Aberto até às 5 H. da madrugada. **Rua da Trindade,9 Tel. 327109** Encerra aos domingos.

HIPOPOTAMO Com Helder Reis Encerra aos domingos **Av António Augusto de Aguiar, 5-A Telef 48384.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliver) **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

DL /ULTIMAS DO PAÍS E DO ESTRANGEIRO

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 º2,ºE 4 º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

MOVIMENTO MUNICIPAL

Portarias do Ministério do Interior, publicadas no «Diário do Governo» de hoje, assinalam o seguinte movimento na presidência de Câmaras Municipais: exonerado, a seu pedido e com louvor, o dr. António Afonso Amaral, do cargo de presidente da Câmara Municipal de Oliveira do Hospital; nomeado presidente da de Alcoutim o sr. José Cavaco; nomeado vice-presidente do Município de Alvaiázere o sr. José Caetano da Silva; e para o mesmo cargo, em Chaves e Monção, respectivamente, os srs. Emílio Fernando Macedo de Sousa e dr. José Francisco Amaral.

A seu pedido, foi também exonerado do cargo de presidente da Câmara Municipal de Gavião o sr. António Mouzinho Heitor da Silva Pimentel, a quem foi conferido louvor pelo zelo e dedicação postos no exercício daquela função. Para o substituir, foi, na mesma portaria, nomeado o sr. Manuel Alves de Jesus Carvalho.

Igualmente exonerado, a seu pedido, foi vice-presidente do Município de Agueda, dr. Gabriel Rodrigues Abranches. O ministro do Interior louvou pela dedicação com que trabalhou no exercício daquele cargo.

CENTRALIZAÇÃO DE SERVIÇOS

ENCERRADAS DEZENAS DE CADEIAS COMARCÃS

Um decreto-lei do Ministério da Justiça determina alterações no quadro dos estabelecimentos prisionais do País, iniciando um processo de centralização ao nível distrital e mandando encerrar dezenas de cadeias comarcãs.

Aquele diploma determina que:

a) Sejam criados estabelecimentos prisionais regionais em Coimbra, Bragança, Braga, Beja e Faro, que principiarão a funcionar no dia 1 de Outubro de 1972;

b) A Cadeia Comarcã de Lisboa e a Cadeia Cívil do Porto passem, nessa data, a denominar-se, respectivamente, Estabelecimentos Prisionais de Lisboa e do Porto, mantendo a actual organização e regime administrativo;

c) Sejam extintas, a partir do mesmo dia, as Cadeias Comarcãs de Sintra, Mafra, Vila Franca de Xira, Vila da Feira, Oliveira de Azemeis, Arouca, Baião, Marco de Canaveses, Penafiel, Paredes, Paços de Ferreira, Santo Tirso, Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Vila Nova de Famalicão, Coimbra, Montemor-o-Velho, Figueira da Foz, Cantanhede, Oliveira do Hospital, Arganil, Lousã, Figueiró dos Vinhos, Ansião Soure, Bragança, Vinhais, Mirandela, Macedo de Cavaleiros, Vila Flor, Mogadouro, Miranda do Douro, Vimioso, Braga, Amares, Lousada, Barcelos, Esposende, Vila Verde, Póvoa de Lanhoso, Vieira do Minho, Fafe Celorico de Basto, Cabeceiras de Basto, Amarante, Felgueiras, Beja, Mértola, Ourique, Serpa, Moura, Cuba, Faro, Lagos, Portimão, Silves, Olhão e Tavira.

PROJECTO PARA CRIAR TERCEIRA CLASSE NOS AVIÕES

PARIS, 7 (F.P.) — Um projecto de criação de uma "terceira classe" para os aviões gigantes das linhas regulares foi tornado público pelo director das relações públicas da IATA.

O estudo do projecto começará no próximo ano. A terceira classe nos aviões gigantes obrigará a modificações nos aparelhos para lhes aumentar o número de lugares.

As companhias regulares procuram democratizar as viagens aéreas e resolver as suas dificuldades financeiras a concorrencia dos "Charters".

AUMENTO

COLONIA (ALEMANHA OCIDENTAL),7(ANI)—Ospassageiros de voos internacionais que comprem as suas passagens com dólares ou com libras terão de pagar um excesso de três por cento — declarou em Colónia um informador da Lufthansa, da Alemanha Ocidental.

Acrescentou que este regulamento, que entra em vigor à uma da madrugada de hoje, será igualmente aplicado em relação a outras moedas estrangeiras usadas na compra de passagens em aeroportos nacionais.

Companhias norte-americanas que operam voos a partir da Alemanha Federal declararam que também tencióna aplicar a medida.

Segundo o informador, o regulamento foi decretado pela Associação Internacional dos Transportes Aéreos (IATA).

O objectivo é ajudar as companhias a evitarem os prejuízos causados pela descida de valor do dólar e da Libra.

E provável — disse — que companhias de outros países fora dos Estados Unidos e da Inglaterra apliquem o mesmo imposto aos passageiros que paguem os seus bilhetes com moedas que não sejam as nacionais.

Todas as tabelas de bilhetes internacionais estão baseadas no dólar e na libra e os regulamentos da IATA autorizam a que as companhias suas filiadas ajustem os seus preços sempre que qualquer das duas moedas seja posta a flutuar, ou desça até certos limites, durante mais de cinco dias.

O Governo britânico decretou a flutuação da libra no dia 23 de Junho, libertando-a da sua cotação de câmbio oficialmente estabelecida por acordo. Desde essa data, o valor da moeda inglesa baixou em mais de oito por cento na Alemanha Ocidental.

INTEGRAÇÃO

BRUXELAS, 7 (ANI) — Chegou a altura de, gradualmente, se preparar a integração dos transportes aéreos no Mercado Comum Europeu — anunciou a comissão executiva, segundo a qual a integração é necessária pela evolução técnica e económica dos transportes aéreos nos últimos anos e pelas prespectivas para o futuro.

Um dos pontos a que se deve dar prioridade — diz a comissão é o de melhorar a estrutura dos serviços aéreos dentro da Comunidaae.

VEJA OS NOVOS MODELOS DE MÁQUINAS DE LAVAR E FRIGORÍFICOS
CASTOR
QUALIDADE
PRESTIGIO
GARANTIA

5 NOVOS MODELOS DE MÁQUINAS DE LAVAR
9 NOVOS MODELOS DE FRIGORÍFICOS
SÃO REALMENTE SENSACIONAIS !
A VENDA NOS AGENTES OFICIAIS
REPRESENTANTES E ARMAZENISTAS
RAFAEL BURGUETE, LDA.
Lisboa - Porto

ESTA SEMANA O
CAMPIÃO
(A CASA DE LOTARIAS MAIS ANTIGA DO MUNDO)
VENDEU
2 PRÉMIOS GRANDES
15284—840 000$00
34730—240 000$00

A MORTE DE ATHENAGORAS: PERDA PARA O ECUMENISMO

ATENAS, 7 — (R e FP) — O Patriarca Athenagoras de Constantinopla, chefe espiritual de 350 milhões de cristãos ortodoxos, faleceu hoje num hospital de Istambul, com 86 anos.

Athenagoras, que desempenhava as actuais funções desde 1948, encontrava-se no hospital desde que, no mês passado, deu uma queda,fracturando um osso da bacia. Devia seguir hoje de avião para Viena, a fim de ser operado, mas faleceu pouco depois da meia-noite.

O médico assistente tinha dito ontem que, embora o estado geral do doente fosse satisfatório, a intervenção cirúrgica impunha-se urgentemente.

O Patriarca Athenagoras era um forte defensor da unidade cristã e fez diligências para eliminar a separação que dura há nove séculos entre católicos e ortodoxos, pelo que a sua morte representa uma perda, para o ecumenismo.

Após um histórico encontro com o Papa Paulo VI, em Jerusalém, em 1964, e novo encontro no ano seguinte, em Istambul, Athenágoras foi, em 1967, o primeiro patriarca de Constantinopla que visitou Roma, desde 1451.

Os chefes da Igreja Católica e da Igreja Ortodoxa rezaram juntos na Basílica de São Pedro e trocaram o beijo simbólico da reconciliação, prometendo desenvolver esforços no sentido da união entre os 550 milhões de católicos e os 350 milhões de ortodoxos.

Em Novembro desse ano, o Patriarca de Constantinopla visitou também a Inglaterra, para se avistar com o Primaz da Igreja Anglicanarcebispo de Cantuária, dr. Michael Ramsey.

Nascido em 1886 em Janina, no Epiro, então província grega do Império Otomano, Athenagoras foi noemado em 1923 para metropolita de Corfu. Em 1930, partiu para os Estados Unidos, como arcebispo de Nova Iorque e Primaz da América para as populações gregas residentes naquele continente.

Eleito Patriarca ecuménico em 1 de Novembro de 1948, foi para Istambul, residindo no palácio do Phanar, sede do patriarcado.

Um porta-voz do Santo Sínodo da Igreja Ortodoxa Grega declarou que esta sentia profundamente a morte do Patriarca Athenagoras, Embora o chefe da comunidade ortodoxa tenha sido abertamente criticado em Atenas, pela sua aproximação como Vaticano, a igreja nacional grega (autocéfala) mantinha uma ligação permanente com o Patriarca, considerado, não só um dos chefes espirituais da cristandade ortodoxa, como o protector da minoria grega na Turquia.

O secretário-geral das Nações Unidas (à esquerda), de visita a Varsóvia, avistou-se com o dirigente do Partido Comunista Polaco Edward Gierek. Entre ambos, na fotografia, o interprete. Na capital da Polónia, Kurt Waldheim referiu-se à impossibilidade de intervenção da ONU, no conflito vietnamita (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

CENTRO AUDITIVO
A MAIS MODERNA ORGANIZAÇÃO EM APARELHOS AUDITIVOS
AO SERVIÇO DE QUANTOS SOFREM DA FALTA DE AUDIÇÃO
LISBOA — RUA AQUILES MONTEVERDE, 32, 1.º — Telefones 59597 - 560943
(à Estefânia — frente ao Jardim Constantino)
Modelos de uso cómodo e discreto.
A excelente qualidade dos nossos aparelhos garantem a melhor audição
CENTRO AUDITIVO
Somos uma equipa de técnicos com longa prática e completos conhecimentos da especialidade
Vendemos todos os tipos de pilhas, fios, pilhas carregáveis e outros acessórios para aparelhos auditivos
Direcção técnica: FRANCISCO MARCÃO — 24 anos de especialidade

QUE TURISMO PARA PORTUGAL?

Ler nas páginas centrais

Uma entrevista com o arquitecto

Conceição Silva

mesa redonda

TRAVAR A INFLAÇÃO

O Decreto-Lei n.º 196/72, contendo algumas providências legislativas para travar a alta de preços, mereceu desenvolvidos comentários à secção da Indústria Química do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa. De «Informações» N.º 10 da referida Secção de Actividade transcrevemos o seguinte:

Num diploma que reune algumas providências legislativas destinadas a «travar a alta dos preços», fixa-se a vigência das convenções colectivas de trabalho em quatro anos, passando as remunerações a poderem ser revistas apenas de dois em dois anos. Deixa, ainda, de ser permitida a estipulação de cláusulas de actualização automática de remunerações. A determinação da vigência das convenções era até aqui da competência das partes (sindicatos e grémios) sendo normalmente, de um ou dois anos. As cláusulas de actualização automática de remunerações eram o único meio de que os trabalhadores dispunham para, de alguma forma, os ordenados e salários acompanharem a evolução dos índices de preços.

A adopção de tão graves disposições, que não tem contrapartida nem nos lucros, nem nos preços, só se poderia justificar por uma contribuição marcante da contratação colectiva para a situação inflacionista que se atravessa

Mas será que isso se tem verificado?

Referiremos alguns dados que permitem concluir que não.

O economista Armando de Castro, em livro recente (1) demonstra, com forte apoio de documentação, que não é a elevação dos salários nominais (e esta só em pequena parte resultou da contratação) que está na origem da alta dos preços que se atravessa. Remetemos o Colega para a sua leitura.

As razões têm, pois, que encontrar-se fora do contexto do decreto em causa

E redução importante, também desta vez, sabendo-se quanto ao nosso contexto a contratação colectiva é decisiva no chamamento dos trabalhadores aos sindicatos.

O próprio secretário de Estado do Trabalho afirmou numa altura em que o patronato muito especulava com a contratação: «Estamos convencidos no Ministério das Corporações que a evolução dos salários reais e muito menos ainda dos convencionais, não tem tido influência marcante no desenhar das tendências altistas dos preços (...)». (3).

Citemos por fim e, por todas, uma outra fonte, a cujas análises é dada toda a autoridade: **o Banco de Portugal**. Diz-se no seu relatório relativo a **1971**: «Confrontando as variações dos índices de preços e dos salários, designadamente os de preços no consumidor e de salários profissionais das indústrias e dos transportes em Lisboa e Porto, parece de concluir que se **não manteve no ano transacto o sentido da alta dos salários reais observados nos anos anteriores**». (4).

Mas se a influência da contratação não foi até agora significativa no aumento de preços, será que o movimento de convenções previsto para os próximos meses pode, pela sua intensidade, contribuir para legitimar a adopção de tais medidas?

Também aqui a resposta é negativa. Deu-a, recentemente, entidade habilitada a fazê-lo.

Vale a pena a transcrição, apesar de longa. «Aliás, à fase de intensa actualização dos salários convencionais que temos conhecido — saímos em 1970 de uma espécie de estagnação salarial — outra se começa a seguir, mais tranquila: a da gradual revisão dos textos postos em vigor dois anos antes. Processo que decorrerá durante alguns meses para se concretizar numa gradual beneficiação dos trabalhadores, partindo de bases próximas e que por isso mesmo permitirão o correcto funcionamento dos **recomendáveis mecanismos de actualização salarial**, designadamente a cobertura do acréscimo do custo de vida e a correspondência com os aumentos de produtividade verificados desde a última convenção homologada. O grande quadro que enche toda uma parede do meu gabinete e que já foi visto e tantas vezes consultado por centenas de direcções corporativas e onde consta a fase de cada convenção colectiva de trabalho em negociações, **confirma indesmentivelmente** o que disse pelo menor número de indicativos de fase final de negociação, conciliação ou arbitragem» (4) (3).

Parece que não é necessário alongar-mo-nos mais e que podemos concluir desde já que não é nas razões invocadas no Decreto que se legitimarão tão drásticas disposições

Aliás, quem acompanhe algo de perto a vida sindical e a acção real da contratação colectiva, nem outra hipótese podia admitir, conhecendo-se a força de que os Sindicatos efectivamente dispõem. A legislação de 1969 sobre contratação colectiva, aproxima-se,

Continua na página quatro

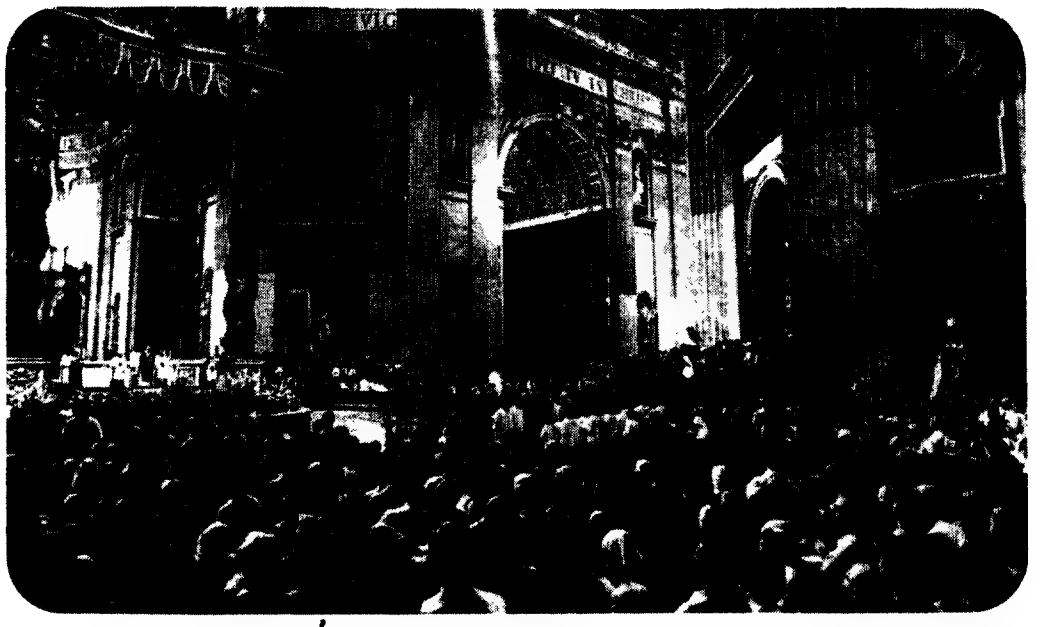
E OS VELHOS?

E os velhos? Que direitos conquistaram as pessoas idosas na sociedade moderna? Que pensam as pessoas de hoje sobre este problema? Realmente, o desenvolvimento das sociedades tem contribuido, através da modificação do nível de vida e dos progressos médicos e sanitários, para a baixa da mortalidade e para o aumento da esperança de vida. Ao mesmo tempo tem-se verificado uma baixa da taxa de natalidade.

Estes factores, entre outros, quer permanentes quer ocasionais (terramotos, guerras, emigração, etc.), estão na base do envelhecimento da estrutura demográfica de alguns países. Nas sociedades habitualmente conhecidas como sociedades industrializadas, de consumo de massa, da abundância, desenvolvidas, a percentagem da população dita «idosa», quer em

Continua da página três

assim vai o mundo



S. PEDRO . **Imagem magnificente de S. Pedro durante a missa de pontifical em que o Papa Paulo VI, assinalando a festividade litúrgica de S. Pedro e o aniversário da sua coroação declarou que «Satanás veio minar os frutos do Concílio», acrescentando: «Dir-se-ia que uma brecha permitiu a entrada de Satanás no templo de Deus. Campeiam a dúvida, a incerteza, a insatisfação a contradição. Já se não confia na Igreja, dando-se antes crédito a qualquer profeta doutrinando da trubuna de algum jornal e de qualquer assembleia».**

De acordo com o relatório da Comissão Económica das Nações Unidas para a América Latina (CEPAL), relativo ao ano de 1971, que foi publicado no dia 1 de Maio, a taxa de crescimento da economia latino-americana em 1971 foi, em valores reais, de 6 por cento, ou seja, ligeiramente inferior à do ano passado (6,8 por cento).

Na opinião dos técnicos da CEPAL; esta taxa é essencialmente um reflexo dos resultados excepcionais atingidos pelo Brasil (11,3 por cento), a tal ponto que se excluíssemos este país, o crescimento da economia do subcontinente, não teria ultrapassado os 4,3 por cento. Os sectores de actividade que mais contribuiram para a expansão do produto interno bruto foram a indústria e amanufactura. O desenvolvimento da agricultura manteve-se simultâneamente no mesmo plano em que se encontrava em 1970; a produção mineira estagnou devido à descida da produção venezuelana de petróleo; quanto à construção, novo retrocesso se verificou.

Estes resultados globais dissimulam diferenças enormes entre os países. O ritmo de desenvolvimento da agricultura por exemplo (com exclusão do Brasil) foi quando muito de 1,5 por cento.

EXPANSÃO

Entre os principais factores de expansão dos países da América Latina, impoê-se assinalar a procura de investimentos (10,9 por cento). Em contrapartida, as exportações (1,2 por cento) foram afectadas pela ínfima procura nos principais mercados, instabilidade de existência de matérias primas e uma sensível rigidez de oferta quanto a certos produtos latino-americanos. A procura de consumo foi moderada (5,8 por cento).

A subida dos preços de consumo atingiu um grau considerável em certos países (entre 20 e 40 por cento na Argentina, Uruguai, Chile e no Brasil).

Lado a lado com a total falta de dinamismo das exportações (1,2 por cento) a procura de importações aumentou em 9,5 por cento, provocando o agravamento do desequilíbrio da balança comercial do continente. O «déficit» das permutas (1400 milhões de dólares), juntamente com os desembolsos feitos devido ao débito externo (2830 milhões de dólares em 1971), sobrecarregaram o «déficit» da conta corrente da América Latina: 4190 milhões de dólares, ou seja um aumento de 52 por cento em relação a 1970.

Apesar desta carga representada pelo passivo, a balanço de pagamentos globais foi saldada por um excedente de 400 milhões de dólares (1145 milhões em 1970). As entradas de capital (4505 milhões de dólares), permitiram, na verdade, financiar o «déficit» da conta corrente e até mesmo acrescer as reservas internacionais do continente.

EUROPA

Na sua 27.ª sessão que se realizou em Génova, de 17 a 28 de Abril, a Comissão Económica das Nações Unidas para a Europa (CEE.-ONU) examinou uma ordem do dia constituída por nove questões entre as quais: a situação económica da Europa, as actividades da Comissão e o programa das actividades futuras. Adoptaram-se sete decisões e seis resoluções quanto à cooperação científica e técnica, as tendências a longo prazo na região da CEE.-ONU, o problema da energia na Europa, etc. Por ocasião do 25º aniversário da Comissão, celebrado em 17 de Abril a CEE.-ONU publicou um conjunto de dados estatísticos especial contendo diversos pormenores sobre a evolução económica dos países da região depois de ter surgido a Comissão. Esta obra encontra-se publicada sob o título: «A Região da CEE.-ONU em números» (em inglés, francês e russo).

SEGURANÇA SOCIAL

A Associação Internacional da Segurança Social, cujos objectivos consistem em cooperar, no plano internacional, na promoção e desenvolvimento da segurança social no Mundo inteiro, empreendeu em 1972 a realização de um importante programa de trabalho: organização de reuniões regulares ou especiais, estudos, inquéritos e publicações.

Os membros da Associação incluem serviços governamentais, instituições centrais e uniões nacionais de instituições de gestão do conjunto ou de um dos ramos da segurança social ou da mutualidade. A Associação conta actualmente, em 101 países, com 225 membros filiados e 78 membros associados, representando cerca de 700 milhões de segurados.

Dentro do plano previsto, efectuar-se-á em Viena, de 2 a 4 de Novembro deste ano, uma conferência destinada a estudar o problema das mulheres e a segurança social. Com efeito, a revolução do papel das mulheres na sociedade, a proporção sempre crescente dos efectivos da mão-de-obra feminina nos países industrializados, os factores sociais e psicológicos do emprego da mulher, tudo isto põe em evidência a necessidade de dedicar uma atenção crescente às necessidades particulares das mulheres no que se refere à segurança social.

BORRACHA

Os peritos vindos de países que se interessam directamente pela indústria da borracha natural ou sintética, reuniram-se de 27 a 30 de Março em Viena e estudaram durante quatro dias, as tendências que se verificam nesta indústria bem como a concorrência entre a borracha sintética e a natural. A reunião, preparada pela Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (ONUDI) foi inaugurada no dia 27 de Março.

No termo deste encontro, formularam-se princípios destinados a combater a diminuição activa actual devida a uma superprodução. Segundo os peritos, seriam estas as medidas a tomar:

— Auxiliar activamente a criação de indústrias de transformação da borracha, nos países em vias de desenvolvimento;

— Estudar as possibilidades de utilização da borracha que ainda não se encontram suficientemente exploradas e propôr medidas destinadas a uma maior exploração;

— Procurar novas possibilidades de utilização da borracha e promové-las, a fim de aumentar consideràvelmente a procura de borracha natural e sintética;

— Fornecer todo o auxílio possível aos organismos especializados, melhorando e completando as informações estatísticas que lhes são comunicadas relativas a todos os aspectos da indústria da borracha, especialmente no que se refere a países de economia planificada; e

— Assegurar-se de que as realidades da conjuntura mundial constituem objecto de exame crítico, no plano de avaliações de projectos, nos países em que as circunstâncias locais são favoráveis à montagem de fábricas para produção de borracha sintética.

CARTAGO

A pedido do Governo da Tunísia, o director-geral da UNESCO lançou em 19 de Maio um apelo, convidando as universidades, fundações e instituições científicas de todos os países a participar na salvaguarda e valorização da riqueza arqueológica de Cartago.

Há mais de dois anos que a UNESCO se encontra encarregada de realizar, com a ajuda do Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento, um projecto visando a valorização do património monumental de Tunes e Cartago. O director-geral determinou que os peritos internacionais que colaboram neste empreendimento, ajudarão as autoridades da Tunísia na organização da campanha arqueológica, nela participando depois activamente.

LIECHTENSTEIN

O corpo eleitoral do Liechtenstein recusou, por 1430 «Não» contra 1360 «Sim» a nova disposição da Constituição que faria passar de 15 para 21 o número de parlamentares. O projecto submetido ao referendo previa que os deputados de futuro só pudessem ser eleitos tendo oito por cento o número de votos do corpo eleitoral.

DESTINOS — **Os destinos da candidatura à presidência dos Estados Unidos da América do senador George McGovern vão ser decididos na Convenção do Partido Democrático, que dentro de dias se inicia em Miami. Os destinos da própria América também de certo modo, dependerão do que ali for decidido.**

assim vamos nós

Comentava o boletim «Viragem», dos sindicatos de Seguros de Lisboa e Porto:

«Pelo Decreto-Lei n.º 409/71, de 27 de Setembro de 1971, foi promulgado, para valer como lei, o Novo Regime Jurídico da Duração do Trabalho que, por força do seu art.º 56.º entrou em vigor noventa dias após a sua publicação, isto é: em 26 de Dezembro do mesmo ano.

Porém, e isso causa espanto a quem se habituou à ideia de que as leis — como as ordens — «cumprem-se primeiro e discutem-se depois», não tem sido o mesmo cumprido, muito em especial no que se refere ao pagamento do suplemento de 25 por cento sobre o vencimento diurno, aos trabalhadores que laboram em turnos nocturnos.

E, das mais variadas profissões, chegam-nos os clamores de protesto contra mais esta manobra patronal de fazer «letra morta» daquilo que, legalmente, pertence aos trabalhadores. Os motoristas de táxis, os profissionais de artes gráficas, e tantos outros misteres vêem-se defraudados nos seus direitos por esta inconcebível situação.

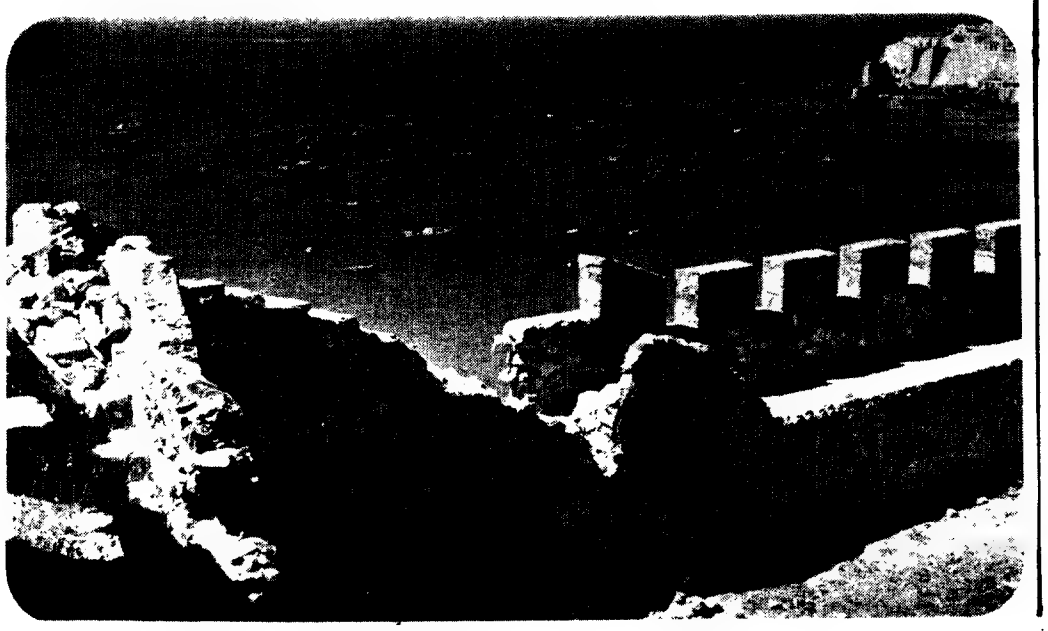
Para quando a intervenção enérgica das autoridades que têm a obrigação de fazer cumprir e respeitar a Lei?»

SINES

O Gabinete da Area de Sines informa que abriu a inscrição de empresas ou agrupamentos que se candidatem à construção civil da 1.ª fase do porto de Sines, segundo anúncio publicado no Diário do Governo. Entra-se assim noutra fase dos trabalhos de estudo e projecto preparatórios de uma obra «que seguramente apresentará numerosas facetas inéditas», como se lê na documentação que o Gabinete distribui aos candidatos.

Ainda segundo aquela documentação, «espera-se que a primeira fase abranja, por virtude de decisões definitivas já tomadas, o terminal petrolífero, o porto de pesca e as instalações de carga geral necessárias para servir as primeiras fases de construção e desenvolvimento do complexo industrial». Respondendo, por outro lado, a infundadas inquietações recentemente demonstradas por alguns sectores, aqueles documentos estabelecem que as instalações portuárias provisórias que venham a ser utilizadas na construção do molhe, deverão também poder servir à descarga de materiais pesados com destino ás primeiras unidades industriais a instalar na área.

Podem inscrever-se como candidatos à pré-qualificação, empresas nacionais ou estrangeiras, isoladas ou agrupadas, que tenham executado trabalhos nos domínios a abranger pelas obras de engenharia civil do porto de Sines.

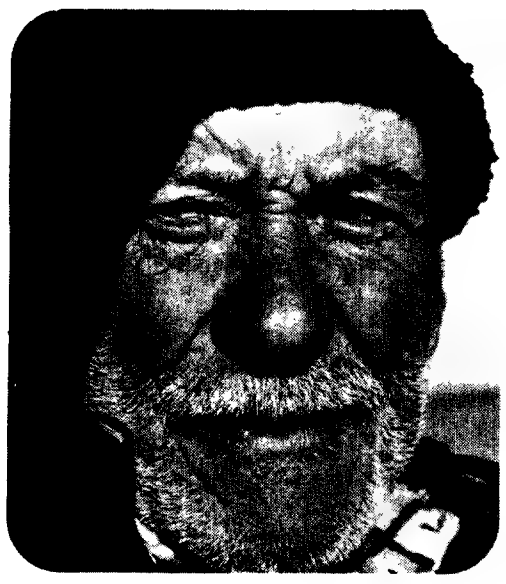


SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.990$00	VENDAS
Frigoríficos	1.900$00	A
Trituradores	260$00	PRAZO
Secadores de cabelo	140$00	
Cassetes	35$00	
Relógios de cozinha	300$00	

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555



E OS VELHOS?

O PROBLEMA DOS IDOSOS EM PORTUGAL

Continuação da página um

relação ao total, quer em relação à população activa, não tem deixado de crescer.

Nas sociedades «desenvolvidas», a partir de determinado momento da vida, o indivíduo quase que deixa de ter funções para desempenhar. Quem já não produz tão intensamente e de acordo com os requisitos exigidos pela economia vigente é retirado ou reformado. E numa sociedade onde o estatuto de cada indivíduo é fortemente marcado pela sua posição adentro dessa economia, pelo prestígio da sua profissão e pelo seu nível de rendimento, o abandono compulsivo ou involuntáriamente voluntário da actividade profissional contribui decisivamente para a sua transformação num marginalizado.

O sociólogo Guy Rocher (1) referindo-se aos efeitos das transformações sociais no estatuto dos idosos afirma: «As pessoas idosas são quem sofre uma degradação do estatuto social mais marcada. Já não beneficiam do pretígio e da autoridade que lhes dava importância na sociedade tradicional, são mesmo identificadas a um passado mais ou menos depreciado e forçadas a viver num mundo a que já não conseguem adaptar-se.O conflito das gerações (opondo três gerações) pode tornar-se muito agudo na família e no conjunto da sociedade».

OS IDOSOS EM PORTUGAL

Num estudo de M. L. Sequeira dis-se que o envelhecimento progressivo da população portuguesa começa a acentuar-se em 1950-60, prevendo-se que atinja em 1980 cerca de dez por cento.

Segundo os dados de 1960, cerca de metade da população com 65 anos e mais era dependente económicamente (38 por cento viviam a cargo do chefe de família), 31 por cento trabalhavam, e 11 por cento viviam de rendimentos próprios, 5 por cento de pensões de reforma e 2 por cento recebiam outras pensões. Repare-se ainda que os idosos com profissão 67 por cento o eram no sector primário, 14 por cento no secundário e 18 por cento no terciário, o que nos pode dar uma ideia do nível de rendimento e das condições de trabalho dessa população.

A situação de carência em que vivem os idosos é notória. A formação social portuguesa entrou já hoje a marginalizar uma boa parte dos seus cidadãos. Marginalização que não se repercute apenas num aspecto da vida do «idoso», como por exemplo na sua vida profissional, mas afecta a sua totalidade, a sua integração psico-afectiva, social, cultural, económica, etc.

Em Portugal a «terceira idade» também já é problema. Um tema que merece decerto interesse da população, tanto nos seus aspectos mais globais como nos mais específicos, e sobre o qual ela começará a formar uma opinião.

Em colaboração com o Gabinete de Estudos Sociais do Ministério da Saúde e Assistencia, o IPOPE (Instituto Português de Opinião Pública e Estudos de Mercado), realizou uma sondagem sobre alguns aspectos da questão. Tendo o GES fornecido algumas perguntas, foram estas inseridas num questionário dum estudo de mercado de âmbito nacional, tendo sido interrogadas duas mil e quinhentas pessoas. É do resultado deste inquérito que extraímos o resumo que se segue.

(1) Guy Rocher, Sociologia Geral, v0l. Editorial Presença Lisboa, 1971.

(2) Maria Luisa Sequeira, «Condições de existência da população idosa», n.º11 -série B, GES Direcção Geral de Assistência, Lisboa.

RESULTADOS DE UM INQUÉRITO A 2500 PESSOAS

A maioria da população portuguesa vive na preocupação de vir a precisar na velhice, de ajuda externa para vencer dificuldades de ordem económica e de natureza afectiva. Do Estado espera-se o apoio económico e da família a resolução da carência de afecto-companhia. A acção do Estado deveria incidir prioritáriamente nos campos da reforma (pensões), doença e invalidez.

Estas são as conclusões gerais de uma sondagem de opinião sobre os idosos conduzida pelo Instituto Português de Opinião Pública (IPOPE) com a colaboração do Gabinete de Estudos Sociais do Ministério da Saúde e Assistência e que incidiu sobre uma amostra de 2500 pessoas. Dado que todas as pessoas interrogadas eram donas de casa ou responsáveis pelo governo doméstico do lar — adverte o IPOPE — os resultados não podem extrapolar-se para o conjunto da população do país, senão na medida em que a opinião da dona de casa pode reflectir com variantes difíceis de precisar, as opiniões dominantes do agregado.

Os inquiridos foram seleccionados a partir de conjuntos homogéneos de sete regiões geográficas e de onze categorias de agregados familiares.

Neste trabalho que abrangeu estratos e regiões de Norte a Sul do país, o IPOPE movimentou 31 entrevistadores, durante 21 dias, orientados por uma equipa de supervisores que aferiram a correcção do trabalho de campo. As fichas foram depois trabalhadas em ordenador IBM 1130, admitindo-se uma margem de erro de 2 por cento para um coeficiente de confiança de 95 por cento.

À primeira pergunta — «de que espécie de ajuda acha que viria a precisar na sua velhice: ajuda económica ou afecto e companhia?» — enquanto 73 por cento declarou necessitar mais de ajuda económica, 52 por cento apontou a necessidade de afecto e companhia (35 por cento respondem que precisam simultâneamente dos dois tipos de ajuda).

O estudo dos quadros de respostas revela que a expectativa de carência de afecto cresce à medida que se sobe no estrato social atinge 70 por cento nas povoações com mais de 500 mil habitantes, situando-se em 40 por cento nas povoações com menos de dois mil. Por outro lado, a perspectiva de carência económica atinge 75 por cento dos inquiridos de agregados populacionais com menos de 2500 habitantes (77 por cento em Trás-os-Montes) e apenas 44 por cento no Alentejo, ao passo que nas povoações de cem a quinhentos mil, a carência económica é referida apenas por 59 por cento (Lisboa 66 por cento, Porto 58 por cento). O IPOPE conclui que, no geral do País, a densidade populacional não influi grandemente na preocupação de carência económica, mas afecta o índice de carência psico-afectiva com excepção para Trás-os-Montes onde o último aspecto sobreleva o primeiro. Tão pouco se notam variações significativas, nas respostas de pessoas de idades diferentes: a carência oscila apenas de 73 por cento para 70 por cento entre as donas de casa com menos de 34 anos e as de idade superior a 55; a carência de afecto prevista pelas inquiridas das mesmas idades varia apenas de 49 por cento para 54 por cento respectivamente. Põe-se depois a questão de saber quem deve assumir a responsabilidade de ajudar os idosos. Neste capítulo as respostas são algo diferentes quando se atende á velhice em geral ou se tem em conta a velhice da inquirida.

Quanto aos encargos económicos da velhice em geral, a maioria da população inquirida responsabiliza conjuntamente o Estado e a família, 30 por cento, só o Estado e 11 por cento só a família. Mas quando se pergunta sobre quem devem recair os encargos económicos da velhice da inquirida, 26 por cento responsabilizam a família, 47 por cento o Estado e 12 por cento outras instituições para-estatais (Previdência, Assistência) ou as empresas em que trabalham. Nota-se ainda que as camadas sociais mais favorecidas preferem a ajuda estatal. Mas no estrato económico mais baixo 40 por cento desejariam a ajuda económica do Estado para a velhice em geral e 55 por cento para a sua velhice. No mesmo estrato a família é responsabilizada por 4 por cento quando se trata dos idosos em geral e por 16 por cento quanto se trata dos inquiridos.

No geral pode concluir-se que ao tratar-se da velhice dos outros a maioria desejaria apoiar-se no Estado e na família conjuntamente e quando se trata da própria velhice a maioria prefere a ajuda do Estado.

Mas os resultados são muito diferentes quando se pergunta quem deve apoiar os velhos nos seus problemas psico-afectivos. Para a velhice em geral, 4 por cento responsabilizam o Estado; para a sua própria velhice 10 por cento. Ao mesmo tempo a família é apontada por 75 por cento (em geral) e por 48 por cento ao considerar-se o seu caso pessoal.

Conclui o IPOPE: para a sua integração psico-afectiva a maioria das pessoas desejaria contar com a família e quanto mais elevada é a idade das inquiridas mais se acentua a expectativa em relação ao Estado e menos se espera da família.

Uma última pergunta procurava investigar quais os campos propostos pelas inquiridas para a intervenção do Estado. As pensões de reforma e a assistência na doença e invalidez são indicadas por 60 por cento. A habitação é considerada prioritária por 32 por cento, a previdência por 25 por cento e a criação de ocupações próprias por 13 por cento.

TRAVAR A INFLAÇÃO

Continuação da primeira página

da respectiva convenção da O. I. T. (Organização Internacional do Trabalho), que o nosso País ratificou e que se baseia na total liberdade, na matéria, entre as partes. Mas logo no ano seguinte, se operou importante retrocesso, possibilitando-se uma ampla intervenção do Ministério das Corporações no processo, nomeadamente chamando a si a nomeação dos árbitros presidentes das comissões arbitrais, que até aí eram escolhidos pelas partes («Temos, pois, de insistir junto dos árbitros presidentes — **e essa uma das razões para terem passado a ser designados pelo Governo** — para que as decisões (...)», afirmava pùblicamente o responsável pelo sector governativo) (5). Tenha-se, também, em conta, que dos 326 Sindicatos existentes no nosso País não poderia ser elevada a percentagem daqueles onde foi possível aos trabalhadores colocarem ou manterem direcções descomprometidas em relação ao estilo tradicional entre nós (6), o que em parte explica que só pequena percentagem das convenções concluídas tenha chegado à arbitragem. É óbvio que com a maior parte das convenções acordadas entre as partes (e não é de admitir a hipótese de os Grémios, voluntàriamente, darem mais do que lhes convém...) e apenas as restantes decididas em arbitragem, a que preside uma pessoa nomeada pelo Ministério que a contratação não poderia ser razão de preocupações governamentais, que justificassem a tomada de decisões tão drásticas.

E ter em conta que «o problema (a inflação) não consiste na análise da elevação das remunerações, evitar-se a inflação — embora esse seja o argumento-pretexto — mas em, **tendo-se a inflação como certa, ver quem há-de suportar os seus custos.** Este aspecto, porém, não deve deixar esquecer o problema contrário, que é saber quem colhe os frutos da inflação, já que este fenómeno, que normalmente é denunciado apenas através dos seus senãos, também tem as suas vantagens, que hàbitualmente não são referidas. (...) Dever-se-iam discutir poderes de compra e não remunerações, isto é, dever-se-iam discutir remunerações em escudos constantes e, sendo embora isto o que na generalidade se pretende, não é o que, na generalidade, se consegue.

A taxa da Contribuição Industrial é aumentada de 3 por cento mas só sobre a parte da matéria colectável **que exceda a do ano anterior, DESDE QUE** aquela matéria seja superior a 100 000$00. Aumenta-se uma das taxas do Imposto de Capitais, **mas só relativamente à parte dos lucros que exceda 10 por cento do capital social.**

Cria-se um adicional para o Imposto Complementar, mas **só para colectas superiores a 60 000$00** (para quem pague de imposto mais de 60 contos).

No que respeita aos preços, não se foi para o tabelamento (remédio habitual usado nestas situações, como se reconhece no preâmbulo), mas para uma **«modalidade mais flexível»**, A DA SIMPLES HOMOLOGAÇÃO DE PREÇOS PROPOSTOS PELOS INTERESSADOS, onde não há imposição da autoridade, de que não resulta um preço rígido com tendências para a imobilidade, onde **«pode haver diálogo com os interessados,** a participação destes na acção administrativa, a **ADAPTAÇÃO** discreta em cada período às condições do mercado...»

(1) «O que é a inflação (Porque sobem os preços), Edições 70

(2) Pág. 132

(3) Dr. Silva Pinto — discurso de 18.3.72 — Boletim do I.N.T.P. de 8.4.72

(4) Comparam-se estas afirmações, feitas há 3 meses, com a justificação dada no preâmbulo do Decreto-Lei (emanado dos Ministérios das Finanças, da Economia e das Corporações e Previdência Social) para alargamento do prazo das revisões: «Finalmente, parece razoável estabelecer o prazo de dois anos para a revisão convencional das tabelas de salários, evitando o **sobressalto de constantes reivindicações e alterações».** Apesar da fase mais tranquila que se afirmava ir seguir-se, indesmentìvelmente...

(5) Dr. Silva Pinto, discurso de 22.1.72, Boletim do INTP de 8.2.72

(6) «A grande maioria dos Sindicatos o compreendem (necessidade de delinear uma política salarial a médio prazo) e sabemos que nos apoiam nesse sentido. Há, é certo, meia dúzia de vozes que permanentemente resmungam (...)» — Dr. Silva Pinto, discurso de 18.3.72 já citado.

O FUTURO DOS JOVENS

CALVET MAGALHÃES

A aproximação do fim do ano escolar levanta todos os anos um problema delicado em muitas famílias: para que caminho orientar o jovem chegado ao termo dos seus estudos obrigatórios?

Ao terminar o ciclo preparatório, que constitui um primeiro nível, o ensino secundário abre-se aos jovens, com doze e mais anos, deixando-lhes a escolha entre o ensino liceal e o ensino técnico em vários ramos industrial, artístico e comercial). Para além destes situa-se o terceiro nível (ensino médio) e finalmente o quarto nível que compreende o ensino superior e universitário.

Durante muito tempo, duas censuras fundamentais foram feitas à nossa organização escolar: de exigir dos jovens uma opção demasiado precoce a respeito dos estudos que queriam empreender e a de impor às famílias encargos financeiros relativamente elevados depois de passado o período de escolaridade obrigatória (que o nosso país é na escola um dos últimos a restringir à idade dos doze anos).

Sòmente agora se vislumbram cuidados a ter numa orientação mais judiciosa das crianças para a forma de ensino e de profissão que mais lhes convém.

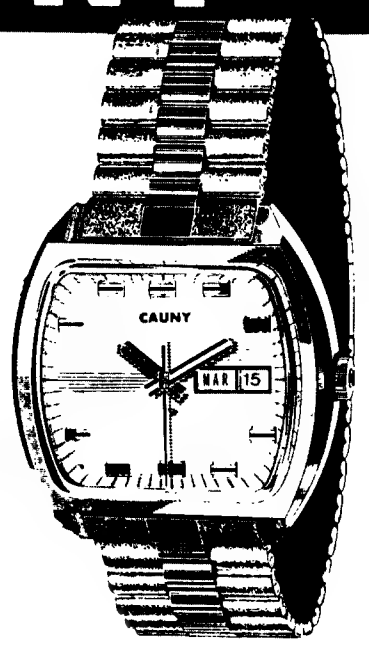
Prevê-se, nos projectos divulgados, que os ciclos de estudos passarão a ser organizados de maneira a conter maior flexibilidade e de permitirem melhor a reorientação eventual dos alunos que se tivessem enganado no caminho.

Parece que nos próximos anos é possível, no ensino secundário, passar do ensino liceal ao ensino técnico ou artístico e vice-versa sem prejuízo para o prosseguimento de estudos e sem comprometer a obtenção do certificado final.

Por outro lado, um esboço de democratização, de igualdade de oportunidades, a operar pela multiplicação dos subsídios e bolsas de estudo e ainda pela extensão da obrigatoriedade escolar a parte do ciclo secundário, poderá desfazer algumas barreiras sociais e económicas que afectam o aproveitamento dos estudantes pois nem todas as portas se abrem ao jovem português.

De qualquer modo a parte mais sombria do futuro dos jovens diz respeito à inadaptação do ensino, aos malogros escolares e à necessidade duma verdadeira democratização. Democratizar o ensino é garantir a todos a possibilidade de prosseguirem estudos, estabelecer a igualdade de oportunidades, mas esta para ser autêntica não pode ser concedida em circunstâncias idênticas entre os menos dotados materialmente e os que têm os seus problemas económicos resolvidos sem preocupações. É necessário ir mais fundo e reformar as condições sócio-económicas dos mais débeis de recursos materiais para que a igualdade de oportunidades se venha a verificar. Ela não se realizará só pelo facto de pagarmos os estudos a quem não os pode fazer, é necessário compensar as desvantagens do meio familiar, cultural e cívico do estudante útil em confronto dos que estão verdadeiramente integrados materialmente e socialmente.

CAUNY



AUTOMATICO
CALENDARIO
DIA E DATA
ANTICHOC

EXIJA A MARCA CAUNY GRAVADA NA COROA E NA PARTE EXTERIOR DA CAIXA

Garantido 1 ano

ALMOFADAS DE AR
AUTO (BALL-ANS)

NÃO DEIXE O SEU CARRO SENTAR-SE... POR CAUSA DUMA SIMPLES CARAVANA.

O AUXILIAR DE SUSPENSÃO ESPECIALMENTE DESTINADO A AUTOMÓVEIS CARREGADOS, A REBOQUES DE CARAVANAS E BARCOS, ETC. A SUA APLICAÇÃO É SIMPLES.

MELHORA A SUSPENSÃO DO SEU AUTÓMOVEL

AUTO BALL - ANS

- UM COMPLEMENTO DOS AMORTECEDORES
- UM SISTEMA ESTUDADO PARA CADA MODELO DE CARRO
- MELHOR SUSPENSÃO
- MAIOR SEGURANÇA

REPRESENTANTE: SOGERIM
AV. ANTÓNIO A. DE AGUIAR, 23-A-B-C — TEL.: 560156-7-8 PPC
LISBOA

J.M.M

PROBLEMAS DA EDUCAÇÃO MUNDIAL

A comissão internacional sobre o desenvolvimento da educação entregou no dia 18 de Maio a René Maheu, director-geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), o relatório que fora encarregada de elaborar, seguidamente a uma decisão da conferência geral da UNESCO.

Predidida por Edgar Faure (França), a comissão era constituída por sete membros de nacionalidade diferente. Durante quinze meses, examinou os problemas da educação mundial e as estratégias susceptíveis de proporcionar a adaptação dos sistemas de ensino às novas necessidades, que se manifestam. Ocupou-se igualmente do reforço da cooperação internacional e da assistência mundial no campo da educação em todos os seus aspectos.

Sob o título de **«Aprender a existir»**, este relatório deverá ser publicado em francês e inglês, nos fins de Agosto. No fim do ano, é muito possível que também apareça publicado noutras línguas.

A conferência geral da UNESCO tomará a seu cargo, quando da sua próxima sessão no mês de Outubro, o assumir de uma acção concreta, por parte dos Estados associados e da própria organização.

LUSTRES
de requinte antigo e moderno para o seu lar. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Tel. 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

ENCONTROS E RECONTROS

Leituras e colagens de Sérgio Ribeiro.

Na última «Mesa-Redonda», em «assim vai o mundo», dá-se conta de que, em Paris, se estão a efectuar os encontros internacionais sobre «Economia e Sociedade Humana», com o patrocínio e no âmbito da UNESCO e do Ministério das Finanças e da Economia de França, isto é, V. Giscard d'Estaing.

Se «assim vai o mundo», assim vamos sabendo como vão algumas pessoas pelo mundo. A começar por Giscard d'Estaing, passando por outras e importantes personalidades que participam no reclamado «rencontre».

Anotemos, para abrir, algumas coisas que a «Mesa-Redonda» nos relata.

V. Giscard da Estaing: «Trabalhamos para o progresso e o bem dos homens ou agimos apenas por agir?»

— «Será necessário parar com o crescimento?»

J.K. Gailbraith: «É, pois, ilusório pensar que as grandes sociedades queiram satisfazer os desejos dos consumidores. O que procuram é servir, acima de tudo, os interesses dos accionistas.»

S. Mansholt. «O crescimento, como o conhecemos, leva-nos ao desatre.»

Roger Garaudy. «É ao nível da democracia na empresa que se põe a questão crucial de saber se a participação do operário consiste em discutir meios a utilizar para atingir os objectivos, ou se deverá ter a latitude de pôr esses objectivos em causa. É o problema da finalidade do trabalho.»

Ao ler isto, fica assim como que numa certa perplexidade.

Que se estará a passar? Estar-se-ão a equacionar os dados de uma situação? Este problema do crescimento sempre a aparecer, porque estará sempre a aparecer? É a qualidade de vida?

Mas, como diríamos em crítica de cinema, há outras leituras a fazer. É, de alguma delas, nasceu esta vontade de aproveitar um título que, se bem me lembro, dizia, «a discussão sobre o crescimento e a fuga a chamar gato ao gato».

Estes temas andam pelo ar há algum tempo. «Crescimento» e «qualidade de vida» fazem parte das palavras insistentemente levadas ao ouvido.

Tudo teria começado, talvez com a força que se começa a notar, quando Mansholt descobriu o seu caminho na leitura dos trabalhos do famoso M.I.T. (Massachusetts Institute of Technology), e escreveu cartas e levantou problemas. Em Abril deste ano outro grande empurrão foi dado na reunião que foram duas jornadas de estudos, organizadas pelo Centro de Estudos dos Chefes de Empresa, em Veneza e sob a égide da comissão do Mercado Comum a que preside Mansholt. Agora, são os «rencontres» do Ministro da Economia e Finanças. Lá para Outubro, promovido pelo C.N.P.F. (patronato francês), teremos «o crescimento, a empresa e os homens».

Não é preciso ver muito longe para descobrir que existe uma intenção de levantar estes problemas e encontrar a origem do seu empolamento.

A crise que se atravessa cada vez menos se pode esconder — a manta é escassa, o corpo cresce e daí resulta um verdadeiro estímulo para a imaginação dos ideólogos. Porque, não hesitamos muito em afirmar, é de uma verdadeira ofensiva ideológica que se trata.

Há uma procura quase frenética de temas ideológicos susceptíveis de travar um pouco o rumo da História na impossibilidade de a fazer parar ou andar para trás.

Nesse esforço procuram-se, com menor ou maior clareza, duas coisas.

Por um lado, fazer crer que os desequilíbrios evidentes da nossa sociedade, tanto nos planos económicos como nos sociais, como o ambiente e a poluição, resultam não do modo como estamos organizados socialmente, de qual o tipo de relações e sistema, mas do desenvolvimento económico como tal, em si, como qualquer coisa neutra e absoluta. Dito de uma outra maneira: em vez de apontar para relações de produção, o dedo acusador fica-se a anatemizar as zonas das forças produtivas a desenvolverem-se.

Por outro lado, pondo-se em causa o desenvolvimento economico, e insistindo-se nos aspectos dramáticos e catastróficos de um próximo futuro — com a sobrepopulação, a poluição, a fome — podemos encontrar-nos no começo de uma nova etapa de uma nova etapa de novas formas de explo-exploração. Pelos negócios que a necessidade **antipoluidora** faz vislumbrar, por exemplo... Aliás, a proposta de dràsticamente parar o crescimento e limitar o consumo popular, que Mansholt faz no seu documento em nome da qualidade de vida, indica esse caminho.

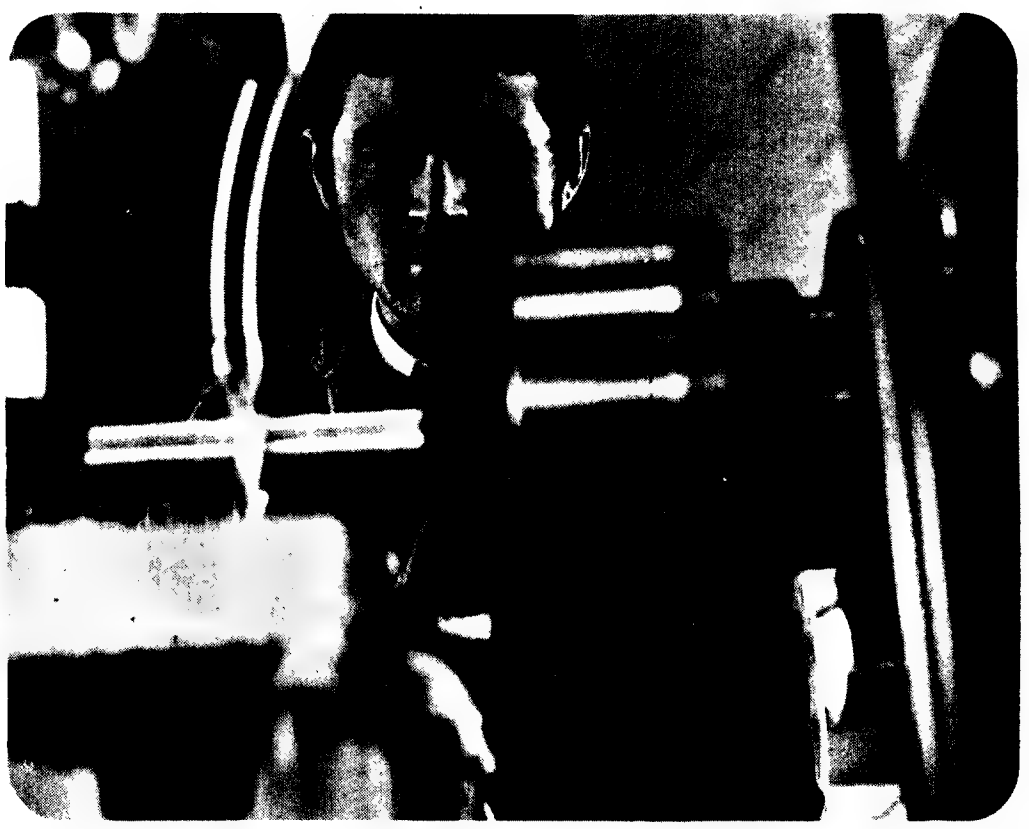
Mas teria o presidente da Comissão do Mercado Comum exagerado? Não será o caso de ter ido longe de mais, como parece ser permanente risco por vocação pessoal?

Pelo menos, foi muito mal recebido pelas organizações de trabalhadores que se encontram mobilizadas para atingir níveis que nem por parecerem «demasiado» quantitativos são menos sentidos como indispensáveis pelos próprios trabalhadores.

Não se trata de recusa de considerar a aspiração a uma melhor qualidade de vida da parte dos trabalhadores, neste caso bem real e não arma ideológica. O que parece difícil é ver os trabalhadores a adoptarem subtilezas entre «quantidades» e «qualidades». Como nos recorda uma imagem, a qualidade do vinho não faz esquecer que uma boa garrafa é uma garrafa cheia...

É difícil cantar loas ao qualitativo sem, ao mesmo tempo, melhorar condições de trabalho, diminuir a duração do trabalho, conseguir o desenvolvimento dos equipamentos colectivos indispensáveis, e etc., e etc.

Lemos a propósito: «Á força de se querer contornar um obstáculo, muitas vezes encontramo-nos no ponto de partida».



GISCARD D'ESTAING (á direita) ministro das Finanças e da Economia da França, promoveu os «rencontres» internacionais sobre «Economia e Sociedade Humana». Para abrir, fez perguntas um pouco anti-Mansholt. Por exemplo: «será necessário parar com o crescimento?». GALBRAITH (á esquerda) o conhecido economista-sociólogo americano, parece preocupado com as respostas que o sistema pode dar. O que é que Galbraith conseguirá tirar da sua cabeça?

Quanto paga de renda de casa ?

O problema do chamado «direito à habitação». O problema das rendas de casa, que envolve os interesses dos inquilinos e dos senhorios. A hipótese da actualização das rendas em Lisboa e Porto, levantado pelo projecto de lei apresentado na Assembleia Nacional por dois deputados...

Um assunto escaldante, de vastas repercussões. Que representa para a economia familiar a renda de casa? Um inquérito breve, ao acaso da rua, permitiu-nos fazer uma ligeira amostragem de alguns aspectos deste conjunto de problemas.

Armando da Costa Pinto de 43 anos, motorista particular: «Não ganhamos mais de quatro contos por mês, a minha mulher e eu. Pagamos 80$00 de renda por uma habitação alugada à Casa Pia. Há mais de 50 anos, o meu sogro alugou-a por 2$50 mensais. A renda é baixa, e não interessa tanto como as obras que temos pedido ao senhorio. Aquilo anda tudo a cair. A casa de banho é uma pia no quintal. O senhorio já tentou várias vezes pôr-me na rua. Com uma renda assim não quer fazer obras. Mas se eu mudo vou pagar dois contos para alojar a mulher, o filho e a minha cunhada. O que é que me fica para comer? Sobre a actualização das rendas não sei nada».

José Carlos Coelho Serra de 31 anos, funcionário público: «Ganho 3 200$00. Com o que a minha mulher consegue, chegamos aos cinco contos. Pago 2 750$00 de renda de casa, porque não posso ir viver para uma barraca. A renda leva mais de metade do que ganhamos, mas temos de viver. O esquema de actualização só se deve aplicar às rendas inferiores a mil escudos. Concordo com a lei, se ela sair nestes termos».

Manuel Pereira de 38 anos, vendedor de materiais de construção: «Pago 2 200$00 por três assoalhadas em Paço de Arcos. É um terço do que ganho por mês, em média. Venho no meu carro para Lisboa, onde trabalho. Não creio que corra o risco de a renda ser aumentada».

José António Figueira Guerra de 25 anos, mecânico de automóveis: «Um terço do que ganho vai para a renda de casa. Moro no Barreiro, sòzinho numa casa com três assoalhadas. Aluguei-a há um ano. Uma habitação assim custava-me hoje um conto e duzentos, pois aquilo por lá anda tudo relaxado e cada um pede o que quer pelas casas. De facto, não sei se está em vigor algum processo de actualização das rendas».

Engº António Coimbra de 28 anos, casado mas sem filhos: «Os 2 400$00 escudos que pago de renda são apenas 12 por cento do meu rendimento mensal. O meu caso não é típico nem representativo. Vivo sem dificuldades. A renda não foi actualizada quando a aluguei, há dois anos, nem me preocupo que venha a ser actualizada».

João Fernandes Teixeira de 50 anos, serralheiro da C.R.G.E., casado e um filho: «Uma casa, sim, uma casa abarracada, com uma retrete numa cabanita fora, para servir sete ou oito famílias. Tem de vir da Quinta do Correia (Venda Nova — Amadora) para o trabalho em Lisboa, de camioneta e eléctrico. Pago 80$00 de renda ao sr. Alvaro Ribeiro, que é o dono da quinta. A casita é de tijolo e só tem um quarto e uma cozinha. Aluguei-a vai já para vinte anos. Aquilo vai ser demolido e já fui avisado de que tinha de sair. Para onde vou não sei. Já fiz um requerimento ao Governo Civil a ver o que conseguia. Estou há três meses à espera de resposta».

António Martinho Franco Jones — de 32 anos, agente técnico de engenharia: «Aluguei há dois anos uma casa de três assoalhadas no Campo Pequeno. Pago 2 500$00, mas a minha mulher e eu ganhamos 16 000$00 por mês. Concordo com a actualização das rendas, se as mais altas descerem e as mais baixas subirem. Na zona em que vivo, uma casa de três assoalhadas custa hoje entre 3 500$00 e quatro contos».

QUE TURISMO PARA PORTUGAL?

Transforma para turist é política s

«Mesa-Redonda» está interessada em discutir os problemas mais importantes para o nosso País e tem do turismo nacional, quer como responsável pelo plano do Sector IV-Algarve quer como participante na qualidade de arquitecto nalgumas das mais importantes realizações turísticas de iniciativa privada no Algarve e noutras zonas que estão em franco desen volvimento, uma das pessoas que nos poderia dar opiniões válidas que gostaríamos fossem a abertura do debate entre vários sectores da vida nacional, incluindo o governamental.

A nossa primeira pergunta: *Qual é a sua opinião sobre o problema turistico que Portugal enfrenta depois de vários anos experimentais, em que uma política geral do turismo não tem sido estabelecida de forma rigorosa?*

C S. — O aspecto que considero mais importante em relação a qualquer intervenção turística, e não só turística mas de qualquer actividade — é a definição de uma política de intervenção. Quando digo política de intervenção refiro-me à política de desenvolvimento de um sector na sua relação com todos os sectores económicos do País, refiro-me portanto a uma política geral de fomento, chamemos-lhe assim, do nosso espaço económico, que enfrente e se integre no quadro económico internacional concorrendo com ele.

Hoje, tal como não se pode pensar na implantação de qualquer actividade industrial sem se fazer uma previsão da sua viabilidade económica, também não se pode pensar nessa actividade fora de todas as actividades que com ela se relacionem directamente ou que por ela possam ser indirectamente influenciadas. Quero com isto dizer que não se pode pensar numa política de turismo sem a pensar no contexto das várias indústrias que com ele se relacionam.

Ora, quando é duvidoso que tenha sido definida qualquer política turística, muito menos se definiu essa malha de relações.

Não se conhece qualquer plano de desenvolvimento turístico que defina as intervenções, que estabeleça as perspectivas do País em função do que pode oferecer para se manter competitivo no mercado turístico que, como sabemos, tem uma procura cada vez maior.

Claro que existe uma realidade turística que antecede qualquer plano, uma solicitação que, se começou por ser quase exclusivamente externa, hoje também é interna. Mas essas solicitações devem servir para nos alertar sobre as potencialidades turísticas do nosso País. É uma etapa inicial que deve ser ràpidamente ultrapassada pela seguinte, a do estabelecimento de um plano geral onde se encontrassem escalonadas as solicitações com que o País deve atrair os turistas.

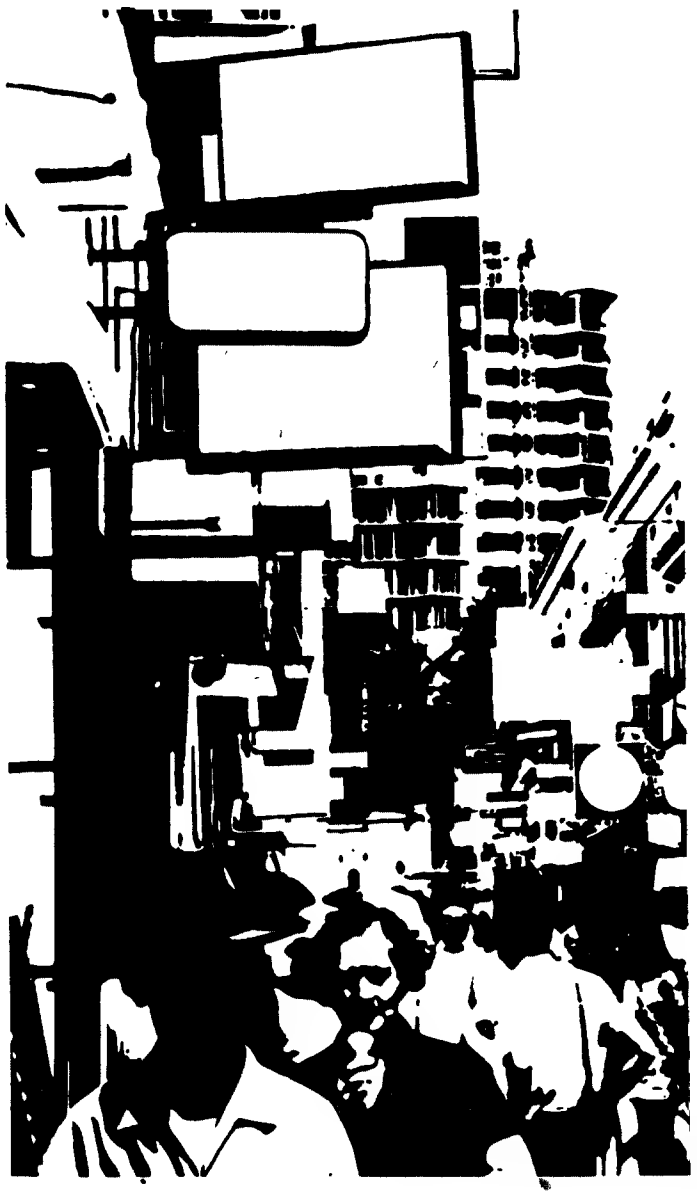
É o salto qualitativo, e esse salto qualitativo ainda não foi dado.

Vamos pôr a hipótese de se fabricarem aviões em Portugal. Claro que era preciso conhecer o mercado por onde se iria escoar a produção, que se estudaria a concorrência dos produtos estrangeiros, que se procuraria planear o seu desenvolvimento etc., etc. Quer dizer, programar-se-ia essa actividade em todas as suas relações verticais e horizontais.

É isso que se deveria fazer em relação ao Turismo, sector onde tal como já disse é cada vez mais urgente estabelecer uma política de intervenção.

Fala-se claro da existência de uma política de turismo. Todos nós já ouvimos falar dela. Simplesmente, e apesar de tão famosa e com tantos anos de idade, essa política continua a parecer-me muito confusa e nebulosa sobretudo para quem tem de intervir. É desde o empresário, grande ou pequeno, ao projectista há um desconhecimento total de uma política de actuação que, aliás, nunca foi bem expressa ou definida oficialmente. Fala-se portanto, e fala-se muito, de um turismo de qualidade.

É é através de uma palavra tão pouco definidora, qualidade, que se pretende estar a definir um tipo de turismo. Mas este é outro e grave problema: o que é um turismo de qualidade e o que é que se entende por um turismo de qualidade. Para mim o turismo de qualidade define-se pelo que oferece e não pela capacidade económica do turista dito de qualidade.



POR UM TURISMO VIVO

M R. — Embora esse seja outro problema, ou melhor, um derivado do mesmo problema, e a ele voltaremos, não considera o arquitecto Conceição Silva, e insistindo no problema da política do turismo, que sendo o País considerado um país turístico por excelência, dadas as suas condições geográficas, clima ameno, paisagem, etc, o País deve atrair turistas por mais alguma coisa e não só por essas suas capacidades naturais?

C S. — É mais que evidente ter de existir mais alguma coisa ou mais muita coisa que atraia o fluxo turístico. Note, todos os países são os mais bonitos. Por isto ou por aquilo mas todos são bonitos. E se todos são bonitos o ser bonito deixa de chegar. Digo propositadamente esta «palissade» porque é um facto que a muitos níveis parece ainda não ter sido entendido. Num país que se quer turístico por excelência, num país que tem capacidades naturais para desenvolver uma industria turística esta não se pode reduzir a vender o sol, a água ou a paisagem, tem de aprofundar as suas potencialidades, tem de se apropria da sua natureza pela mediação de obras que a tornem cultural, no sentido antropológico da palavra.

A atracção do turista deve ser gerada por situações completamente diferentes das que estão a ser utilizadas. Não é só a paisagem e o folclore que devem atrair o turista. São actuações culturais muito mais profundas e de uma actualidade constante que podem prender o turista ao país, prendendo-o por razões mais válidas e portanto mais persistentes. O folclore e a paisagem, se quiser o exotismo, são ràpidamente consumíveis, enquanto a permanência de uma actividade cultural, em toda a sua extensão torna o turismo um organismo vivo e inesgotável. É aqui tem um ponto essencial a considerar numa política turística que se queira actuante.

MR. — Julgamos que se tem feito exactamente o contrário. O exemplo do Algarve parece ser flagrante. Mete-se o turista numa ilha de luxo que o retira do contacto com o que o rodeia e nada ou pouco se faz que o atraia.

C S. Assim acontece porque se confunde luxo com qualidade e o turismo de luxo não é turismo de qualidade. Mas ainda não será o momento de analisarmos o que é um turismo de qualidade. Para já é mais importante referirmos que foi exactamente no Algarve, e o Algarve é um mundo de conversa, que pela primeira vez houve um esforço oficial para se estabelecer um programa. De facto o Algarve foi o primeiro território a ser considerado oficialmente com vocação turística e de tal modo que a Direcção Geral de Urbanização promoveu, pela primeira vez em Portugal, um estudo de urbanização ao âmbito regional.

Fui um dos responsáveis por uma das zonas mais importantes do Algarve, a zona localizada entre a Praia da Rocha e Portimão e posso considerar que esse trabalho, embora não tenha sido totalmente inútil foi em grande parte inutilizado, por carência de outros departamentos que em paralelo deviam assegurar a efectividade de um trabalho que tinha por objectivo ordenar o território. Como se sabe os investimentos não acertam com os planos, e não acertam por razões estruturais. Desintegra-se desse modo o interesse de um grupo, já para não dizer de um país, em favor de uma individualidade ou várias individualidades.

Possibilita-se o expediente económico, que neste caso se traduz pela implantação de unidades que permitam um lucro imediato, nada tendo a ver com o verdadeiro enriquecimento de uma região.

Resulta que, existindo a nível oficial a intenção de ordenar um território e tendo-se feito esse esforço, a todos os títulos louvável, não surgiu paralelamente legislação que protegesse a aplicação desse ordenamento. Porque, quando se faz um plano prevê-se o desenvolvimento das instalações existentes ou das futuras em relação ao ordenamento regional. O que acontece na prática é que, na sua maioria as razões de investimento são totalmente diversas das que interessam a uma comunidade e surgem ou porque já se dispõe do terreno, ou porque foi possível comprá-lo a baixo custo, ou porque não está previsto no plano e se subvalorizou e portanto se tornou num possível bom negócio etc, o que apenas as perspectivas. Não havendo um ordenamento disciplinado ele reflecte-se imediatamente no desenvolvimento local. Atente-se que Portimão, como qualquer outro centro urbano, cidade importante e pólo, de desenvilvimento turístico, só pode beneficiar do afluxo turístico se fizer evoluir as suas estruturas urbanas. É fácil perceber que se em Portimão não existe um centro abastecedor, não existem zonas de recepção para o afluxo turístico, e se o que existe é reduzido e artificial e não visa promover objectivamente a cidade e os seus habitantes, é porque o desenvolvimento lhe é marginal.

O problema é antigo mas continua o mesmo. De uma maneira geral, a construção não cumpre o plano de base porque existe um loteamento que lhe é anterior, o da propriedade, o que condiciona os empreendimentos destruíndo zonas consideradas pelo plano importantes para o seu correcto desenvolvimento. Cumprem-se duas destruições: a formal e a da estrutura urbana e das infra-estruturas económicas, que necessàriamente se ressentem.

O SUBDESENVOLVIMENTO NÃO É DEFENSÁVEL

M A. — Parece-nos que um plano lógico do desenvolvimento regional deveria procurar dar a cada zona a sua autonomia económica e a ocupação da sua população activa. E, pelo menos nos últimos anos, a Imprensa tem referido as dificuldades de abastecimento do Algarve.

-afirma-nos o

C S. — Dou-lhes um exemplo: nem Portimão nem todo o Algarve possuem um centro abastecedor. As populações turísticas, naturalmente mais evoluídas, que acorrem a essa província continuam a ser obrigadas a abastecer-se nos antigos mercados, muitos deles mercados de levante, reminiscências medievais sem quaisquer condições, o que é sintomático por ser um exemplo entre muitos outros.

A proveito o ter-me referido a esses mercados para apontar outro problema que já aflorei, o da atracção que se julga

exercer sobre o turista com a manutenção de intervenções subdesenvolvidas.

É sabido que isso atrai turistas. Mas se essa atracção existe, embora não tão decisiva como se julga, não é de modo nenhum de promover a continuidade dessa situação. São os casos das lotas ao ar livre, é o caso dos mercados com falta de higiene, é o caso do burro para as burricadas, e são numerosos os exemplos, não só em Portugal. Sabemos que a Grécia é explorada turisticamente nesses aspectos que, não provocam uma evolução válida do turismo.

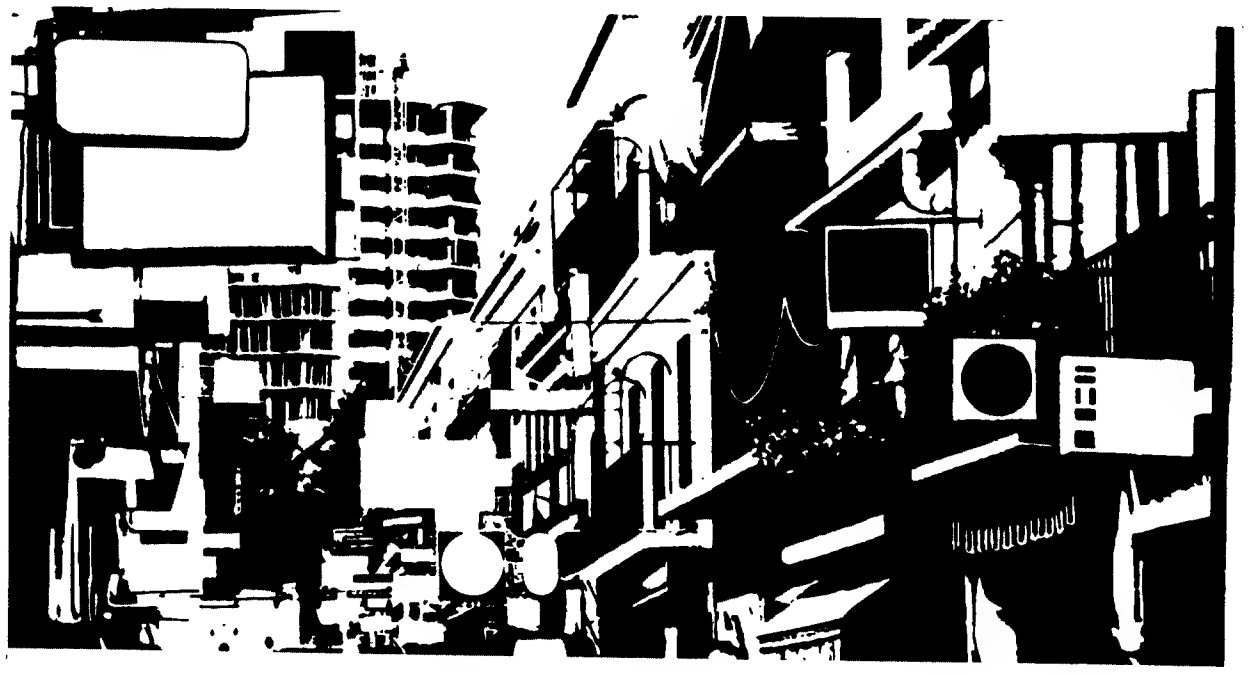
Não é o exotismo do subdesenvolvimento a fazer evoluir o turismo de qualquer país que não se queira Zoo a ser visitado por turistas de luxo.

UMA TREMENDA DESUMANIDADE

M R. — Em sua opinião quais seriam os factos mais salientes a pôr numa política geral de Turismo?

C S. — Para me facilitar dou-lhe outro exemplo: todos nós conhecemos a povoação de Alvor. Alvor foi considerada um polo de interesse turistico.

ar o país num zoo a ver em futuro



arquitecto Conceição Silva

é uma vila que se diz ainda ser uma vila de pescadores, e digo que se diz porque já o não é, embora tenha essas características.

Num inquérito que o meu gabinete fez nessa povoação nenhum pai deseja que o filho seja pescador. Mais, grande parte da população deseja abandonar a sua terra porque reconhece que ali já não tem qualquer hipótese e não a têm porque o aldeamento foi protegido pela sua beleza natural e por se considerar ser caracterizadamente importante para o turismo e de tão protegido

orrerrá.

Na Nazaré, há uns anos trás a população descobriu m negócio, um negócio simes que todos os empresários, esmo os menos evoluídos, escobrem. O negócio é o Tusmo e o turista vem para habir. Durante o Verão, aliás o esmo acontece em todas as onas turísticas, o habitante ia para alugar a sua casa. om o dinheiro que obtinha onstruia mais um andar e asm sucessivamente e confore o êxito. É essa vila de pesadores, ia crescendo na vertial dos seus fracos alicerces é que a atenção oficial foi ertada, decidindo-se planear zona. Perante estes dois caos gravissimos põe-se o proema que será lógico? (Condionar) uma evolução por mais ctual que seja, permitir essa volução por mais estranho ue pareça ou coordenar e proramar a possibilidade de inervenção?

A Nazaré e Alvor foram mors pelo turismo por via de uma roibição que pretendia perervar o seu interesse turistico. errível contradição. A não alração da sua estrutura urbaa asfixiou esses aglomerados ue mortos poderão ser visitados como relíquias. Tremenda desumanidade.

Não há nenhuma cidade por mais histórica que seja, por mais a preservar que seja que possa estagnar.

É sabemos que as cidades evoluem permanentemente mesmo que a evolução que sofram seja controversia.

O centro de Londres transforma-se, Paris transforma-se, a sua própria vida implica um perpétuo movimento de adaptação. Em contrapartida Veneza tem problemas de resistência por estar tão protegida, enquanto que a pequena distância Mestre prospera com a população que foge da cidade parada no temppo..

Estes problemas têm de ser previstos a um âmbito de planos regionais integrados em planos nacionais. É anti-social matar uma povoação só porque se considerou de interesse turistico, tornando-a num depósito de pessoas para serem vistas, retirando-lhes a possibilidade de aí viverem. É no Algarve, por ter sido considerada a nossa região turistica principal, estes problemas estão a atingir uma acuidade crescente.

SUPER-OCUPAÇÃO E DESEMPREGO

M. R. — Parece-nos que agora poderemos abordar o problema do país e portanto de uma política turística aplicável a Portugal.

C.S. — Todos ouvimos dizer que Portugal é um país de vocação turistica, diz-se que as suas gentes são acolhedoras e de brandos costumes, que o seu clima é ameno, que o seu mar é tépido. De facto tem potencialidades turísticas inegáveis.

É um país bonito mas como já afirmei ser bonito não chega e o que me surpreende é que não se encarem vários problemas como o da poluição turística. É sabe-se que Veneza em Agosto é insuportável para os seus habitantes. Que Palma nos meses de afluxo se descaracteriza na sua estrutura de cidade, que todas as cidades ou regiões invadidas descontroladamente se vão lentamente suicidando.

Ora não é defendendo um Turismo de luxo, que hipotéticamente seria capaz de conter as massas turísticas, que se vence essa situação mas sim pelo controle dessas massas. No nosso caso e pelo que de ano para ano se torna mais visível, considero urgente fazer-se uma previsão englobando todo o país.

O que actualmente sucede é o Algarve ficar ocupado durante seis meses, dois com maior insistência, já com sintomas de poluição turística dando-se no país uma emigração de mão-de-obra que abandona a sua actividade por outra (sazonalmente) mais rentável, o que provoca graves desajustamentos. Por seu lado os profissionais de turismo ficam ocupados durante seis meses permanecendo os outros seis numa quase inactividade.

Nas outras zonas do país, salvo algumas raríssimas excepções, o turismo é inexistente, e o desemprego persistente. Isto significa que nem o país está aproveitado para o turismo, nem o turismo foi integrado ao âmbito do desenvolvimento nacional.

Considero que o turismo deveria ser escalonado aó longo de Portugal e não só mas até considerando regiões de Africa ou mesmo de países relacionados como o Brasil, o que possibilitaria uma permanente circulação de turistas. Com uma perspectiva deste tipo o país dever-se-ia equipar com uma infra-estruturas que desse cobertura a uma intervenção turística ao longo do ano, uma infra-estrutura viva que atraísse pela oferta de maneiras diferentes de viver.

O Turismo já não é a descoberta de um determinado local mas sim o que oferece para o turista viver. É uma situação inversa do que ainda se julga possível.

O turista é solicitado não como um elemento estático que fica imóvel num ponto, mas como um elemento extremamente móvel ao longo de um percurso que lhe é proposto.

Provoca desequilíbrios no país e é artificial o fazer pender sobre uma região toda a capacidade turística do país. Mas este é um problema mìnimamente considerado, excepto talvez por alguns empresários mais clarividentes. Repare-se que quando se cria uma zona de jogo no Algarve se está a atrair ainda mais turistas para mento, que Cascais e Estoril saturados, poluídos pelo Turismo não se repitam? É no entanto a linha de Cascais tem perto uma zona extensíssima que ainda não foi desenvolvida ordenadamente: Caparica, Troia e Arrábida. Não existe de facto uma política de desenvolvimento turístico pensada para o país e disso todo o país se ressente.

Na realidade o que poderíamos esperar quando mesmo no Algarve, a nossa excelentíssima região turística, a estreiteza dos quadros sociais em que nos movemos inutilizou um esforço mínimo que poderia introduzir algum rigor no seu desenvolvimento?

A POLUIÇÃO

M.R. — Já que falou em poluição, tivemos a informação de que nos dois últimos fins de semana houve um tráfego anormal na ponte sobre o Tejo, dadas as notícias alarmantes sobre o nível de perigo que as praias da linha do Estoril ofereciam, por estarem poluídas.

O turista de domingo fugiu às praias da margem direita do Tejo, preferindo as da margem esquerda. Não acha que este aspecto deve ser encarado, para defender futuramente as praias da poluição, evitando consequentemente o pânico?

C.S. — Não querendo minimizar o problema, ainda mè lembro que quando tinha quinze anos e ia para a praia de Carcavelos acontecia sempre um caso que provocava a debandada geral. Sobre a poluição das praias da Costa do Sol, o que de momento me parece ser mais inquietante são as notícias contraditórias e ambíguas que não esclarecem devidamente o caso. Trata-se de outro tipo de poluição...

Mas voltando ao problema da poluição no seu significado mais vulgar. Evidentemente que começa a ser grave. É um problema de todos os países industrializados e que afecta os que se vão industrializando. Contudo parece-me ser sobretudo um problema de ordenação do território, e é afinal o problema que abordei de início quando referi a necessidade de um plano geral de desenvolvimento do país, que introduzisse normas nos planos sectoriais estabelecendo-lhes as interrelações.

No momento actual, e se por uma série de circunstâncias as indústrias são causadoras de poluição e continuarão infelizmente a sê-lo durante algum tempo, digo algum tempo porque acredito que as industrias vão ser obrigadas a tornarem-se limpas, que se definam para já as zonas de modo a permitir o desenvolvimento do turismo.

De qualquer modo há indústrias que já são capazes de evitare a poluição. Li há pouco tempo que o governo francês premiou uma determinada fábrica de cimentos que deixou de poluir uma zona turística, e em Setúbal, como sabe, uma fábrica de cimento continua a expelir as suas poeiras prejudicando uma zona de grande interesse turístico. É uma situação que não deveria ser permitida. A partir do momento em que uma fábrica fosse capaz de evitar a poluição que causa, todas as fábricas desse sector fá-lo-iam imediatamente.

Mas o que tem de existir, volto a repetir, é um plano geral que não possibilite a pulverização das concessões por vários ministérios, o que possibilita a implantação de uma fábrica numa determinada região sem se atender às suas capacidades de outra ordem mesmo que não as exclusivamente turísticas.

Têm de se colocar em paralelo as diversas opções possíveis e optar pelo que de facto mais beneficie a região ou a zona em questão.

M.R. — Julgamos que o arquitecto Conceição Silva poderá fazer uma primeira síntese do que tem vindo a afirmar, para debatermos um problema já levantado mas que nos interessa particularmente e que é: Turismo de massas ou Turismo de qualidade?

C.S. — Vou tentar resumir ràpidamente o que considero poder-se desde já concluir. É necessário um plano geral que vise a coexistência harmónica de todos os sectores activos do país para que o progresso seja uma realidade contínua sem os fossos que caracterizam as sociedades subdesenvolvidas.

No caso particular do Turismo, importantíssimo sector no contexto económico de Portugal, é urgente definir-se uma política geral de intervenção que enfrente um futuro dinâmico para que o turismo nacional seja cada vez mais competitivo, tanto no mercado externo como no interno. Quero com isto reafirmar a necessidade de se programar uma política de Turismo de qualidade, e uso intencionalmente a palavra porque será o que seguidamente tentarei definir.

espelho da imprensa

A PROCISSÃO DE ALMADA

«Notas» do colaborador do «Jornal de Almada», Joaquim Duarte, acerca da Procissão de S. João Baptista,

— À hora marcada para a saída do cortejo da igreja de Santiago estava cêrca de uma centena de pessoas (sobretudo senhoras). Havia dificuldade em encontrar gente para ajudar. Para levar as lanternas teve de lançar-se mão de três rapàzes que se divertiam no adro (um deles muito miúdo).

— Um carro de nove lugares transportava senhoras e três jovens; equipado com dois altifalantes, produzia o som religioso do cortejo, rezava o terço, cantava, dizia preces.

— O andor do «São Joãozinho», como lhe chamavam, era quase encoberto pelo carro de som que ia junto.

— Na Praça Luís de Camões, junto da Câmara Municipal, incorporaram-se atrás do pálio o senhor presidente da Câmara e outras individualidades.

— Entretanto, na mesma rua, ia-se juntando uma bicha de onze autocarros da Transul com passageiros.

— Ia aumentamdo o número de participantes no cortejo. Aumentava também o barulho da multidão de curiosos que assistiam e também dos que seguiam no cortejo. As próprias autoridades conversavam animadamente entre si.

— No Pragal, o sacerdote que acompanhava o presidente da procissão abandonava o pálio e paramentado de alva entrava num café com manifesta admiração e troça dos circunstantes.

— Do Pragal para a Ramalha, por um caminho impróprio, estreito, irregular e cheio de pó o cortejo chegava finalmente ao fim. Aí, o serviço sonoro anunciava para o outro dia, ùnicamente, nova procissão às dezoito horas.

DIA 24

— No recinto da Ramalha, aguardando o recomeço da procissão, estavam três/quatro centenas de pessoas na quase totalidade populares, em ambiente de feira. Barulho, pó, total ausência de respeito religioso. Vários homens embriagados, comentários de descontentamento contra a falta da banda de música e foguetes. Dificilmente o serviço sonoro, com um cântico religioso, numa irritante competição, conseguia abafar o barulho.

— Ao cimo da Rua Oliveira Salazar, sessenta e dois veículos (dos quais nove autocarros dos transportes públicos) eram forçados a esperar, com visível indignação dos seus ocupantes. Na Avenida Nuno Álvares novamente cercà de quatro dezenas de veículos (dez autocarros da Transul) se viam impossibilitados de transitar.

— Era mais numeroso do que na véspera o número de pessoas que se incorporava no cortejo processional. Na Praça da Renovação são quatrocentas e quarenta pessoas em duas filas à frente do pálio e cerca de cem atrás.

— Apenas umas duas dezenas de pessoas junto ao pálio participavam nos cânticos e nas orações. A indiferença religiosa da quase totalidade das pessoas é manifesta. Barulho, risos, conversa. Como na véspera, as próprias individualidades junto ao pálio não fazem excepção ao ambiente de passeio e conversa em que se desenrolava a procissão.

— Às dezoito e trinta, como habitualmente na igreja nova, em concorrência com a procissão, celebrava-se a missa dominical antecipada com assistência não inferior à dos outros sábados.

— Finalmente, no adro da igreja de Santiago, o pároco, presidente da procissão, vencendo com dificuldade o barulho, pronunciou palavras de apelo à conversão cristã, como se tudo na procissão tivesse sido uma caminhada preparatória para receber essas palavras.

INTERROGAÇÕES QUE SE LEVANTAM

1) Tendo o pároco de Almada afirmado que a totalidade dos padres da zona de Almada está em desacordo com esta procissão, porquê ela ainda se faz?

2) Se a procissão ainda se faz para não escandalizar os que a querem, porque não se olha para aqueles que se escandalizam por ela se fazer?

3) Tendo sido afirmado, em reunião de leigos da paróquia, que tal procissão é um «contra-sinal» de cristianismo, como ficam os mesmos leigos cristãos indiferentes e inactivos frente a esta triste imagem que a Igreja dá de si mesma?

4) Em quê, com esta procissão, se abre caminho de Fé verdadeira à juventude e aos homens válidos deste imenso aglomerado humano, onde não faltam pessoas de cultura com preocupações espirituais?

5) Em que conta são tidos os cidadãos não crentes (ou alheios à Igreja) que se deparam com as ruas ocupadas por uma manifestação religiosa que assim lhes é imposta?

6) Porquê, na quase totalidade, esta procissão só é querida e alimentada pelas pessoas sem formação religiosa e sem empenho na Comunidade Cristã?

7) Por outro lado, que significa o ostensivo afastamento dos leigos cristãos de melhor formação destas formas de pretensa religiosidade?

8) Quem irá pôr termo a este insulto público à Religião autêntica, proclamada e desejada pelo Concílio Vaticano II?»

(Jornal de Almada)

E se os consumidores um dia também se unem?

A chave é a pessoa do consumidor...

«Esta pergunta simplória é plena de lógica. Emerge de onde?

Talvez da observação das concentrações, das fusões e dos agrupamentos que hoje se apresentam na ordem do dia como imperativo de defesa económica e barragem à independência individual dos produtores e comerciantes.

A velocidade sem precedentes a que nos lançamos num futuro em que a chave é a pessoa do consumidor, aconselha a meditar: e se uma associação de consumidores vier a informar, a esclarecer, a educar e disciplinar o subdesenvolvimento que ainda impera entre os compradores de bens de consumo?

Esta pergunta tem tanta razão de ser no nosso País como em muitos outros...

Os quatro países escandinavos, os cinco do Mercado Comum (por exclusão da Itália, mercê do ponto fraco da sua metade Sul) mais a Suíça e a Inglaterra, assim como o Japão que respondeu ao desafio americano colocando-o entre os três ou quatro mais poderosos países do mundo, estão dando resposta adequada ao desejo do consumidor de se sentir devidamente informado e protegido contra os abusos de poder económico das grandes empresas.

O facto de os Governos acarinharem a actividade das associações voluntárias que visam a informação honesta e a protecção eficiente do consumidor, e de até fomentarem as associações deste tipo, contribuindo para elas com oferta de apreciáveis valores materiais aplicados na investigação do mercado e na informação do público, estimula a concorrência da qualidade dos produtos e a melhoria dos serviços.

E concorre também para o alargamento das zonas de protecção ao consumidor, em áreas onde os organismos oficiais muitas vezes não actuam com a cadência exigida pela época.

Os próprios países comunistas anulando inicialmente a concorrência e o luxo, com a alegação que aquela e este devoravam as economias dos países capitalistas, vieram a transigir, ao reconhecer que as massas consumidoras, esmorecidas no consumo, entorpeciam o desenvolvimento da produção.

A missão de informar o consumidor sem a mira do lucro, assenta no propósito de defender os interesses do público através de uma divulgação inteligente sobre onde está não apenas o aroma que se confunde como o do café, mas o café puro com mais aroma; onde está não apenas um rótulo vistoso, mas o bom produto e mais barato; qual é a bisnaga de aspecto atraente com recheio parcial de vácuo e qual é a bisnaga de dentífico com conteúdo de tantas gramas reais, de produto autêntico, sem ar comprimido lá dentro!

Fiscalizar particularmente, ou semi-particularmente, a aparente transparência do mercado através de Associações de Defesa dos Interesses dos Consumidores, é cruzada que por todos os lados vai alicianando os adeptos de mais justiça económica e social e muitos dos que se preocupam com a melhoria das condições de vida de uma humanidade sujeita a tão subreptícias solicitações, que nem os mais arrojados ensaistas de ficção alguma vez imaginaram».

(JOSÉ ALVES, IN «O MERCADOR»)

OS MAUS EXEMPLOS SÃO OS MAIS FÁCEIS DE SEGUIR

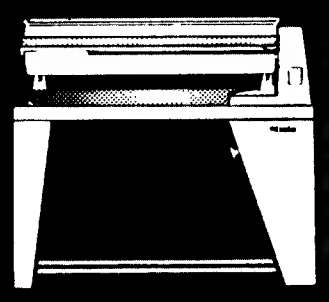
«Daqui temos lavrado urgentes apelos a favor de realizações dignas sob o ponto de vista artístico e cultural na nossa Província; daqui erguemos inúmeros protestos contra a falta de nível e o desinteresse de que algumas dessas manifestações se revestiram; daqui reafirmámos a necessidade urgente de uma planificação feita com tempo sobre um «Festival do Algarve» que pela sua categoria atraísse e prendesse nas nossas paragens aqueles turistas de qualidade que se pretendem, etc., etc.

No entanto, uma ou outra realização de maior nível não teve continuidade e perdeu-se no desinteresse das entidades responsáveis. Mas logo parece que está a ganhar importância e a vincular-se já como tradição, recebendo o apoio de várias entidades. Trata-se do «Concurso de Miss Algarve».

Os maus exemplos proliferam. Depois da «Miss Portugal» a nível nacional, parece que passamos a ter anualmente as sub-miss de várias localidades e províncias e que o Algarve estará presente. Porquê? Porque, infelizmente, em toda a parte há mulheres que se prestam a estes espectáculos de pura vaidade e exibição, onde são enaltecidos apenas os valores físicos, mulheres esquecidas do seu verdadeiro lugar na sociedade e dos preceitos de igualdade e emancipação que noutras circunstâncias proclamam.

É triste que a rapariga algarvia se deixe também embalar pela fácil sedução deste tipo de iniciativas, que em nada a prestigiam, e que se demita pura e simplesmente da sua posição. O «Concurso de Miss Algarve» é mais um exemplo dos tempos que vão correndo e do género de iniciativas que são defendidas, protegidas e apoiadas por determinadas entidades». («Jornal do Algarve»).

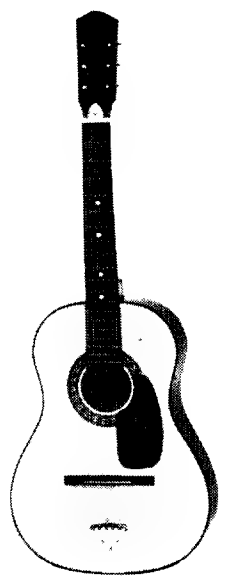
Máquina de passar a ferro B 850



Com o rolo ideal para peças grandes, e ainda uma das extremidades livres adequada à passagem de camisas e saias.

Miele

Agente Oficial:
J. F. S. ROMEIRAS PALMA
Rua da Escola Politécnica, 27
Telf. 370806 LISBOA



VIOLAS

Acabamos de receber grande remessa para os preços a partir de Esc. 520$00.

Violas eléctricas, baterias de jazz, amplificadores, órgãos electrónicos das melhores marcas e ainda instrumentos de iniciação musical.

CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.ª SUCRS.

9 — Rua do Carmo — 13

LISBOA

O TERCEIRO MANDATO

Por Torquato da Luz

«Sinto-me no dever de esclarecer que muito hesitei em candidatar-me a novo mandato presidencial. Foi sempre minha intenção retirar-me após os sete anos que hoje precisamente findaram» — afirmou o almirante Américo Thomaz, em 9 de Agosto de 1965, perante a Assembleia Nacional e a Câmara Corporativa, ao tomar posse, pela segunda vez consecutiva, da chefia do Estado.

«Só as razões derivadas das circunstâncias especiais de guerra em que o País vive me convenceram» — disse, mais adiante o Presidente, que antes afirmara ter já completado setenta anos de vida e **«poucos períodos de ócio»** ter conhecido durante ela.

Foram certamente tão ponderosas razões que levaram o almirante, agora com 78 anos, a aceitar a sua candidatura (proposta pela A. N. P.) para um terceiro mandato.

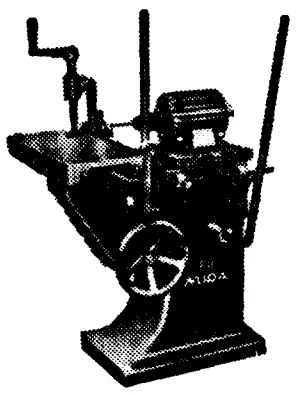
«Habituei-me ao trabalho árduo e, na chefia do Estado, continuei seguindo a mesma linha de conduta, coerente com o meu passado» — afirmou Américo Thomaz, noutro passo do citado discurso, acrescentando: **«E se em tão alto cargo tive a suprema consolação de conquistar a geral simpatia popular, é igualmente certo não me ter eximido a qualquer esforço, por maior que fosse a violência. Onde foi pedida a minha presença e ela se justificava, não deixei de estar presente e muitas foram as terras que em mim viram o primeiro Chefe do Estado que as visitava».**

Efectivamente, o almirante Américo Thomaz (cuja candidatura para um terceiro mandato não constituiu qualquer surpresa, por persistirem, como dissemos acima, as razões que o levaram à aceitação da segunda) tem sido incansável a percorrer todo o País — incluindo os territórios ultramarinos. E as mais diversas manifestações têm contado com a sua presença numa constância verdadeiramente surpreendente.

«Não se afiguram fáceis os sete anos que hoje começam. Durante eles poderão surgir problemas da maior gravidade, a exigirem decisões prontas e firmes, mas que terão de ser consentâneas com os reais interesses da grei portuguesa» — dizia ainda o almirante Américo Thomaz. E, neste passo, as suas afirmações constituiram como que uma previsão (que se confirmou) do que viria a acontecer durante os sete anos do mandato. Efectivamente, foi espaço de tempo que se verificou a mudança na chefia do Governo, por motivo da morte política (que antecedeu de largos meses a morte real) do presidente Salazar. E foi também durante estes 7 anos que as guerrilhas nos territórios de África conheceram novos aspectos, nomeadamente no que respeita à incompreensão internacional da política seguida pelo Governo português.

Novas dificuldades surgirão, certamente, nos próximos sete anos que constituem o terceiro mandato consecutivo do almirante Thomaz na chefia do Estado (visto não se oferecerem dúvidas a quem quer que seja de que a candidatura pela A. N. P. lhe garante a reeleição). E certamente, o Presidente da República terá oportunidade de afirmar, como em 1965: **«A luta terá de continuar até à nossa vitória final, que uma compreensão mais realista do Ocidente pode apressar. Mas tal determinação da nossa parte não obsta a que manifestemos sempre o nosso espírito e o nosso desejo de colaboração com todos os países, especialmente os que sendo vizinhos em África, mais necessitam, no nosso entendimento, de auxílio e apoio e não de lutas».**

«MIDA»



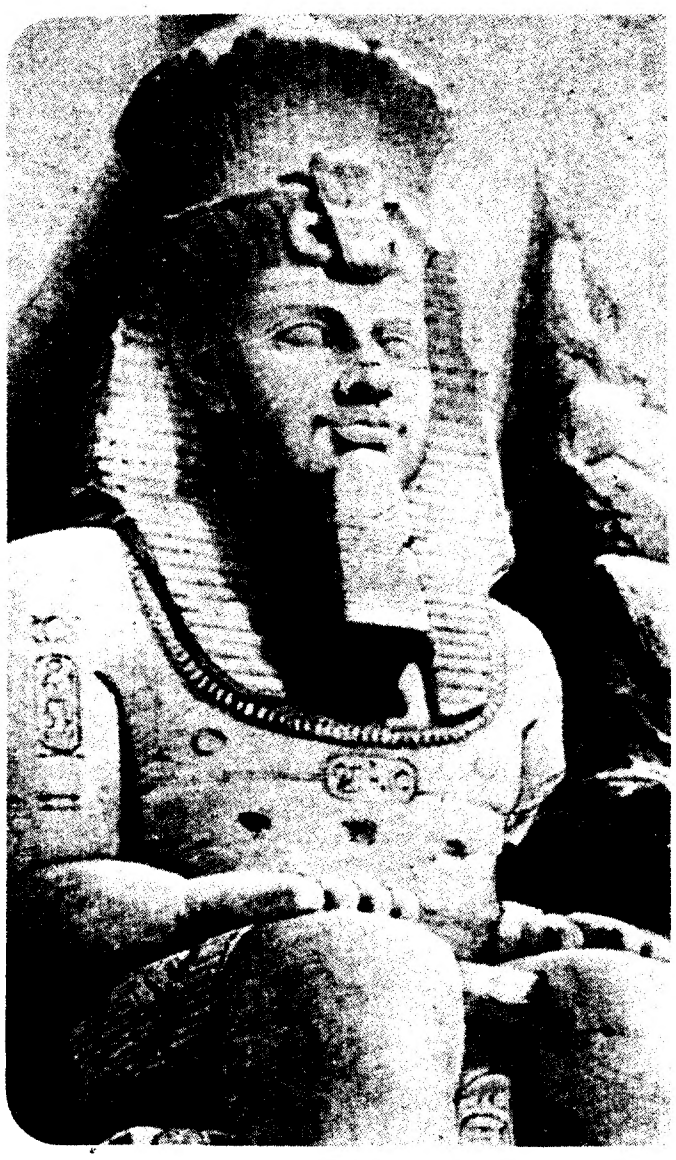
UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

Furador por Broca
Modelo - FU

Fábrica: TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)



O salvamento dos monumentos da Núbia

51 000 TONELADAS DE TEMPLOS AINDA A REMOVER

ASSQUAN Dezoito séculos passados, os deuses e faraós esculpidos nos templos de Philae, continuam um diálogo mudo. Em toda a sua solidão, emergem hoje das águas do Nilo, acalmadas desde o princípio do século pela velha barragem de Assouan, os dois pórticos do templo de Isis e o cume do Trajan. A 500 metros de distância, a ilha rochosa de Agilkia cobre-se de um rolo de nuvens de um tom bege que se desfazem, antes mesmo de serem arrastadas pelo vento. Mais perto, um lanchão deixa cair na água, várias dezenas de metros cúbicos de areia: iniciaram-se no começo do ano, os trabalhos de salvamento do monumental conjunto arquitectónico de Philae. Durarão cinco anos.

A construção da Alta Barragem suscitou uma vasta campanha internacional, lançada em 1960 pela UNESCO. Permitiu que se salvassem completa ou parcialmente vinte e um monumentos — dezassete egípcios e quatro sudaneses — que marginavam a Núbia, para lá da nova barragem de Assouan. Depois de demontados, mudados e reconstruídos, estes templos foram para sempre salvos das águas. Mas nada, no entanto, se tinha ainda feito, relativamente ao conjunto arquitectónico de Philae. O caso desta ilha é, na verdade, muito especial. A ilha de Isis encontra-se no âmbito da Alta Barragem, mas situada 1500 m à frente da velha barragem de Assouan; desde o princípio do século que a existência desta primeira edificação, vinha a fazer desaparecer, dez meses em cada ano, conjuntos de colunas e templos, submergindo-os a 20 ou 30 m de água. No inverno apenas se tornava visível o cume do primeiro pórtico, assemelhando-se a uma dupla jangada imóvel. Para se continuar a fazer funcionar a central hidro-eléctrica da velha barragem, tornava-se necessário, manter com água o lago compreendido entre os dois diques, fazendo-se variar bruscamente o nível de água. Os monumentos que tinham aguentado a prolongada submersão anual, teriam então sofrido danos importantes. Por outro lado, a ilha do Philae — a «pérola do Egipto» — é toda ela um conjunto arquitectónico harmonioso que se impunha conservar em bloco.

Foram apresentados vários projectos de salvamento. Poder-se-ia isolar por intermédio de três diques apoiados nas margens do rio e nas ilhas de Biga e Agilkia, uma parte do lago que fica a meio da ilha de Philae ou mais simplesmente construir uma barragem em volta da Ilha. Apesar, no entanto, das potentes instalações de bombagem que estavam previstas, poderiam ter-se assim produzido infiltrações catastróficas na ilha de Isis. Estas soluções teriam destruido definitivamente a célebre perspectiva dos monumentos envoltos em verdura flutuando sobre as águas do Nilo, entre as suas altas margens desérticas. Em 1850, escrevia Maxime du Camp: **«O que mais me impressionou em Philae, não foram as ruínas nem a sua magnificência, mas a paisagem»**. Trinta e cinco anos mais tarde, o egiptólogo Georges Benédite, comparava a aparência da Ilha com as suas palmeiras, as mimosas, os cais e os pórticos ao encantamento que ofereceria a visão do Paraíso a um viajante saindo do Inferno.

Em toda esta descrição de maravilha, sòmente Flaubert, companheiro de viagem de du Camp, se mostrou de opinião contrária ao escrever: **«Passei, Sábado, Domingo e Segunda na Ilha. Não dou um passo e aborreço-me»**.

MUDANÇA PARA AGILKIA

Foi, pois, adoptada a solução proposta por engenheiros egípcios referente à mudança dos monumentos da ilha de Philae para a ilha vizinha de Agilkia, procedendo-se aí à sua reconstrução. Agilkia proporciona inúmeras vantagens: fica próximo de Philae; é mais elevada, tem uma orientação aproximada da de Philae e a superfície (51.000 m2) que se elevará 116 m acima do nível das águas, pode-se comparar a da ilha originária. A operação de mudança, será extraordinàriamente difícil: para construir o dique provisório que se destinará a isolar a ilha de Philae enquanto se desmontarem os monumentos, serão necessárias 75 000 toneladas de estacaria em aço e 770 000 m3 de areia e rocha. Proceder-se-á à remodelação de Agilkia mediante o emprego de 250 000 m3 de granito e 170 000 m3 de areia e rocha acrescidos de 4500 m3 de betão. Os monumentos representarão um volume de 18 000 m3 de pedra pesando 40 000 toneladas (com exclusão das 11 000 toneladas para calcetamento). A fim de diminuir os encargos, as 225 toneladas do templo de Augusto que fica no extremo norte da ilha, serão salvos por mergulhadores.

O estudo de toda esta deslocação dos monumentos, esteve a cargo de um grupo de engenheiros e arquitectos de várias nacionalidades. E, mediante contrato, assinado em 3 de Junho de 1971, o governo da República Arabe Egípcia, encarregou a administração da Alta Barragem de edificar o dique que isolará a ilha de Philae e preparar a ilha de Agilkia. Duas sociedades italianas, a Condotte d'Acqua et Mazzi, ficarão encarregadas de desmontar, transportar e reconstruir os monumentos. O custo total do salvamento de Philae (13,7 milhões de dólares, ou seja 68,5 milhões de francos), será pago na base de um terço pelo Egipto. Outro terço será pago pelos vinte países que responderam ao apelo da UNESCO. Há que encontrar o pagamento para o restante terço, antes do términus dos trabalhos.

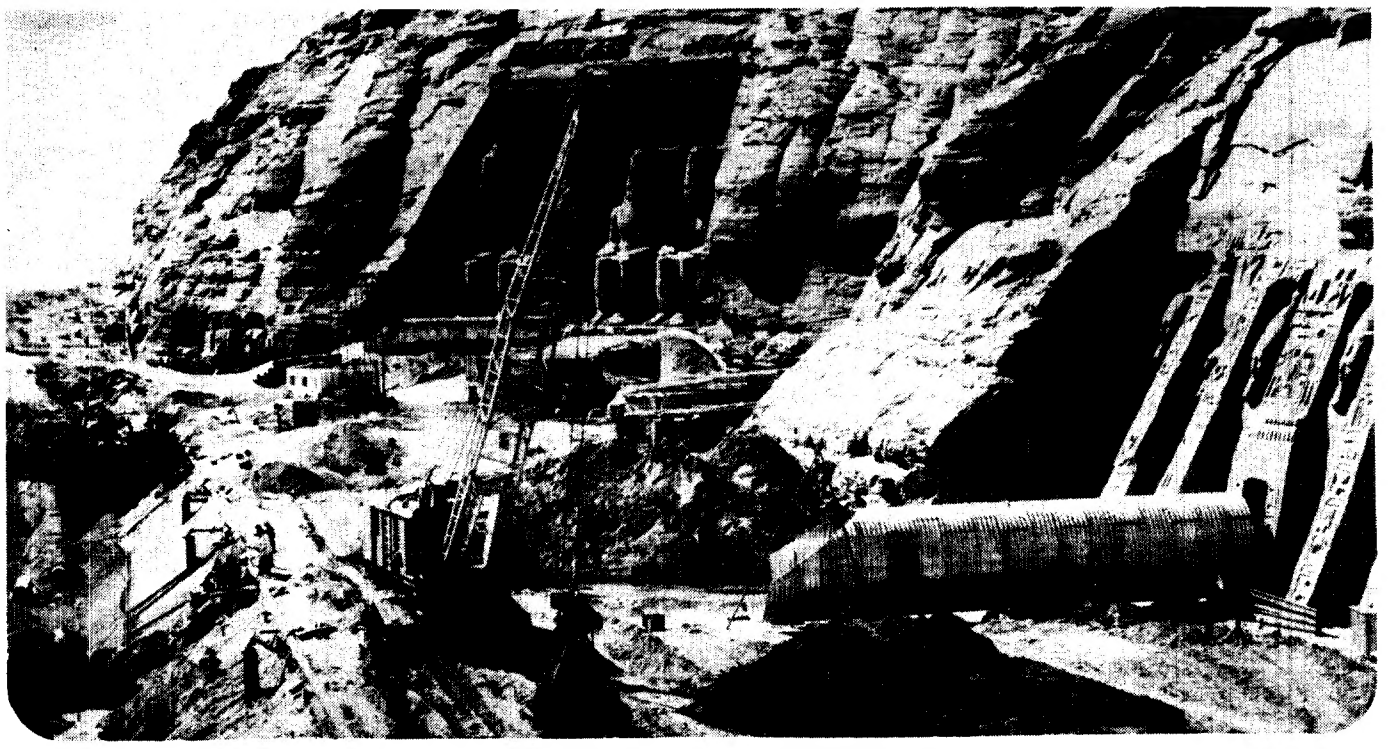
O material começa já a amontoar-se em Assouan e em Scellal, na margem do Nilo. O transporte entre as margens escarpadas e as ilhas de Philae e Agilkia, é feito por lanchões. Já vai longe o tempo em que Flaubert e Maxime du Camp, tinham que se armar até aos dentes **«com medo das hienas»** a fim de percorrer os 10 km que separam Assouan de Philae. No meio de toda esta actividade, os templos de Isis e Trajan, com os seus reis e deuses, ainda constituem um oásis constante. Um velho Núbio, que também já faz parte do passado, vestido com um comprido **galabiech** e com um turbante em redor da cabeça, conduz o seu barco entre os pórticos e as colunas.

UM CONJUNTO ARQUITECTÓNICO RECENTE

O conjunto monumental arquitectónico de Philae, é de uma data recente se o compararmos com os trinta e dois séculos que contam os templos de About-Simbel construídos por Ramsés II. Nectanebo I, a que se deve o mais antigo santuário da ilha de Isis, reinou, na verdade, de 380 a 362 a. C. Os soberanos ptolemaicos bem como os imperadores romanos «faraonizados», segundo a tradição egípcia nas paredes dos templos que mandaram construir, são evidentemente posteriores a Nectanebo I.

Só no tempo do imperador Justiniano, em 551 foi proibido o culto de Isis. O templo da deusa torna-se então a igreja Saint-Etienne e instalou-se um convento cristão nos monumentos construídos para divindades pagãs.

YVONNE REBEYROL



VIAGENS ACOMPANHADAS

DE LISBOA A LISBOA

UTILIZANDO AVIÃO E AUTOCARRO

EXCURSÕES EM GRUPO A PREÇOS REDUZIDOS

10 DIAS — A ÁUSTRIA ..... **Esc. 7.440$00**
Lisboa, Zurique, Salzburgo, Viena, Spittal, Cortina d'Ampezzo, Innsbruck, Zurique, Lisboa.

14 DIAS — TRIANGULO TURISTICO ESCANDINAVO ..... **Esc. 17.600$00**
Lisboa, Copenhague, Jonkoping, Nykoping, Estocolmo, Karlstad, Oslo, Gotenburgo, Lisboa.

8 DIAS — INGLATERRA, ESCÓCIA E OS LAGOS ..... **Esc. 7.470$00**
Lisboa, Londres, Chesser, Windermere, Carlisle, Edimburgo, Trossachs, Lago Lomond e outros lagos da Escócia, Newcastle, York, Londres, Lisboa.

25 DIAS — FASCINANTE ORIENTE ... **Esc. 37.150$00**
Lisboa, Banguecoque, Manila, Tokio, Kamakura, Hakone, Atami, Nagoya, Toba, Ilha das Pérolas, Kyoto, Nara, Hong-Kong, Macau, Teerão, Lisboa.

8 DIAS — MARROCOS ..... **Esc. 8.100$00**
Lisboa, Casablanca, Rabat, Meeknes, Fez, Marrakech, Casablanca, Lisboa.

15 DIAS — BRASIL E ARGENTINA ..... **Esc. 24.770$00**
Lisboa, Rio de Janeiro, Brasília, S. Paulo, Buenos Aires, Lisboa.

16 DIAS — ESTADOS UNIDOS E CANADA ..... **Esc. 17.500$00**
Lisboa, New York, Filadélfia, Washington, Detroit, Cataratas do Niagara, Toronto, Montreal, Lisboa.

25 DIAS — O CONTINENTE AMERICANO ..... **Esc. 45.300$00**
Lisboa, Rio de Janeiro, Brasília, S. Paulo, Montevideu, Buenos Aires, Santiago do Chile, Lima, México, New York, Lisboa.

13 DIAS — GRÉCIA E MÉDIO ORIENTE **Esc. 17.740$00**
Lisboa, Istambul, Beirute, Cairo, Atenas, Lisboa.

28 DIAS — VOLTA AO MUNDO ..... **Esc. 48.155$00**
Lisboa, Beirute, Teerão, Banguecoque, Hong-Kong, Taipé, Osaka, Kyoto, Tokyo, Honolulu, S. Francisco, Washington, New York, Lisboa.

Peça-nos o programa detalhado e reserve desde já o seu lugar pois a respectiva lotação é limitada

Informações e reservas em:

Belos Turismo Setúbal-Av. 5 de Outubro- Tel. 23291
Évora-Rua da República-Tel. 24254

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em preços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.

Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

VOCAÇÃO EUROPEIA

No mesmo dia (30 de Junho) três acontecimentos terão chamado a atenção do português comum: na TV, à hora do jantar, um dos programas (aliás com interesse) dedicados aos primeiros 50 anos de história do nosso século, mostravam-nos, em documentos do tempo, crianças e velhos rebuscando nos caixotes do lixo hipóteses de comida no que restava da Europa devastada pela guerra; pouco mais de uma hora depois, o ministro de Estado, dr. Mota Campos, fazia-se ver e ouvir, através do mesmo écran, elaborando comparações sobre a evolução da economia nacional nas últimas décadas e erguendo esperanças para o futuro; e, mais coisa menos coisa, no Grémio Literário a «finesse» da burguesia lisboeta jantava lautamente a mil escudos por cabeça, fora o que os subsídios camarários e oficiais pagaram.

Estes os ingredientes, muito menos ricos do que os utilizados nas ricas cozinhas do Grémio, menos subvencionados e tratados com arte bem menor do que a dos onze requintados cozinheiros franceses, com que pretendemos confeccionar esta crónica, menos feliz e conformista.

AS COMPARAÇÕES

Primeiro objecto das nossas observações: aquelas crianças que em 1945 rebuscavam migalhas nos caixotes do lixo, construiram a Europa opulenta dos nossos dias, refizeram países, reconquistaram a alegria de viver o seu orgulho nacional, lutaram contìnuamente contra ideologias opressoras (os resultados atingidos não serão famosos, vistos à luz de hoje, mas isso é outra história), renasceram das cinzas para a riqueza económica e para uma bem maior justiça social; elas têm sindicatos fortes, indústriais fortes, partidos políticos fortes, liberdade de imprensa, tempos de fazer, capacidade económica, previdência social concreta e efectiva, capacidade de luta, instrução elevada e capacidade de criação de trabalho.

Entre nós, proclamou-se com orgulho a não entrada na guerra e a nossa posição «neutral» no conflito. Mas recearam-se ao máximo as consequências políticas e sociais que lhe sucederam.

Apertaram-se as malhas do país, que se dobrou sobre si mesmo. E, conforme o ministro Mota Campos afirmou, a situação em 1960 era lamentável: cerca de 7.5000$00 de rendimento «per capita», teor alimentar dos mais baixos, elevada percentagem de analfabetismo, quase metade da população vegetando numa agricultura improdutiva, indústria receosa e ineficaz. E nenhuma das autênticas regalias sociais atrás citadas.

E DEPOIS?

É evidente que as coisas tinham de mudar, na medida em que a desproporção assumia aspectos dramáticos. Foram precipitadas por iniciativa do povo, que começou a debandar Partiram centenas de milhar de portugueses, dos mais humildes e macerados, à procura da Europa reconstruida. Ajudar a cimentar as suas economias em expansão. Beneficiar, um pouco, das regalias conquistadas. Começou a entrar no país muito dinheiro, vindo da Europa. Quase simultâneamente, o turismo também ajudou: as condições naturais, a vida muito barata (para os novos ricos do mundo), a intencionalidade em aproveitar a conjuntura, uma certa curiosidade sociopolítica pelo país, ajudaram a desemperrar a máquina do turismo. Face a tudo isto, a máquina administrativa teve de proceder a adaptação, aliás pressionadas, igualmente, pela ocorrência da guerra em África.

O produto nacional bruto aumentou, portanto, pressionado pelas circunstâncias. O rendimento «per capita» também; diminui a enorme percentagem de gente ocupada na agricultura, não porque o sector secundário tenha aumentado substancialmente de importância mas porque a emigração levou grande parte dos trabalhadores activos no sector primário. O próprio esquema da educação foi subvertido pelas pressões sociais esquema de um povo decidamente voltado para o progresso. Vinte anos depois da guerra mundial, o povo português descobriu, em situação dramática, a sua vocação europeia — aquela de que no dia 30 voltou a falar, á nação, o ministro Mota de Campos.

CONTUDO...

Estamos, no fundo, a contradizer em parte as intenções do ministro de Estado, ao dizer como disse, que interessa mais olharmos o caso nacional do que fazer comparações com os países da Europa. Mas, quais são os nossos pontos de referência? Como ignorar a realidade e as conquistas dos outros? Como ignorar que o dr. Mota Campos citou números sobre progressos no campo da rendabilidade global e por cabeça, mas se esqueceu de os citar no que respeita ás percentagens de aumento do custo de vida correspondentes ao mesmo período? Como esquecer a enorme sobrecarga de impostos directos e indirectos a que estamos sujeitos, e ainda por cima desactualizados e desequilibrados socialmente?

De qualquer modo, não poderemos esquecer um facto: o ministro de Estado reconheceu situações, de maneira clara, tão clara que, anos atrás, nem elementos menos comprometidos com o regime a poderiam utilizar. E levantou esperanças com vista ao IV Plano de Fomento (apesar de o III Plano ainda não estar realizado nem, possìvelmente, o estar até 1973, limite da sua validade). Falou na preocupação de desenvolver as regiões para um mais equilibrado desenvolvimento; disse ser necessário vencer a batalha, em curso, da educação; e quase a concluir, afirmou: «Temos ainda e finalmente, como pano de fundo de tudo isto, que reconhecer e proclamar a nossa vocação europeia, traduzindo esta opção em comportamentos irreversíveis — e designadamente na aceitação do carácter francamente evolutivo do nosso acordo com a Comunidade Europeia, em termos que nos permitam um dia, superados os impedimentos actuais, ocupar o lugar que nos é devido entre os povos da Europa e do Ocidente.»

Como resumo de tudo isto, uma última pergunta para a qual todos nós, os não peritos na matéria, a imensa maioria dos cidadãos e contribuintes portugueses, gostaríamos de obter resposta: quais são esses impedimentos?

A. PEREIRA DA SILVA

Gemma Cruz Araneta, de 27 anos, foi misse internacional de beleza em 1965, em representação das Filipinas. A jovem beldade filipina devia fazer parte de um concurso de beleza que se realizou em Manila no dia 1 do corrente. Mas ela chegou inesperadamente, encabeçando uma manifestação do movimento «Novas Mulheres», contra «A comercialização da mulher».

SITUAÇÃO DE ALARME NO COMÉRCIO RETALHISTA E ARMAZENISTA

São efectivamente muitos os ajustes a suportar pelos empresários das várias modalidades do comércio, mas julgo que se os esforços de todos se conjugarem no bom sentido duma colaboração, as dificuldades resultantes desses ajustamentos poderão ser reduzidas e até vencidas. Esta afirmação do presidente da Corporação do Comércio, proferida há dias durante uma sessão solene realizada em Famalicão no Dia do Comerciante, confirma aquilo que já por mais duma vez serviu de tema nas páginas deste jornal: a dramática situação do comerciante português, quer seja por grosso — armazenista —, quer seja a retalho — retalhista. De resto, um outro parágrafo do discurso então proferido pelo sr. Manuel Andrade e Sousa, dá-nos uma ideia mais concludente de tal situação: **Observando friamente** — diz o presidente da Corporação do Comércio — **a posição actual dos armazenistas, se é de aconselhar aos retalhistas que se concentrem para a sua natural defesa, não se pode deixar de chamar a atenção dos armazenistas para que também pensem em se agrupar nas várias formas que a nova técnica oferece, para que, formando unidades de maior dimensão e poder, possam continuar a sua missão de servidores da produção e da indústria, bem como do comércio classificado como retalhista.**

Para que estas afirmações se produzam, tem de haver, forçosamente, um largo motivo de alarme nas hostes dos que ao comércio da nossa terra se encontram ligados. O apelo à concentração, porém, não é só por si bastante para que essa concentração — única fórmula real capaz de valer à, hoje, tão penosa sobrevivência do comerciante — se realize. Todos nós sabemos — e o próprio comerciante o reconhece — que o individualismo tem sido, até há pouco tempo, defendido com unhas e dentes pela grande maioria dos elementos desta laboriosa classe. Não admira, portanto, que todos quantos aderem à ideia da conjugação de esforços sugiram a elaboração dum plano que vise, sobretudo, oferecer aos vacilantes uma perspectiva que os leve à colaboração: 1) reorganização da actividade comercial através de condições específicas e que transmitam ao comerciante a consciência de unidade que até agora lhe tem faltado — e não só por culpa própria; 2) investigação do mercado interno, correlativa à proposição do volume de investimentos, para que não se criem situações (falsas) de gigantismos desproporcionados à nossa medida e que conduzirão, infalìvelmente, ao monopólio ou ao desastre; 3) criação de zonas cooperativistas, em que os próprios comerciantes seriam os zeladores dos seus interesses comuns; 4) **reciclagem sobre o número e montante de impostos: na situação em que se encontra o comércio, os comerciantes acham que haveria que rever as respectivas leis de impostos, as quais, segundo eles, não parecem estar de acordo com as disponibilidades actuais de cada comerciante ou grupo de comerciantes; 5) tudo o que sobre isto pudesse transformar este plano numa plataforma de onde o comércio português respirasse livremente,** será de agradecer. (Sic, da boca de um comerciante de Lisboa).

Escreve um outro comerciante de Tavira, o sr. Bernardino M. Mateus: **Pensemos só que desde há 30 anos ou mais as margens de lucro não foram alteradas e, em contrapartida os aumentos nas despesas situam-se hoje à volta dos 400 por cento. Estamos positivamente à beira da derrocada.**

O alarme chegou a este ponto. Entretanto, há quem afirme que a situação não é assim tão caótica, e que, afinal, os **panos quentes** bem podem, ao menos remediá-la. Contudo, na opinião de retalhistas e armazenistas **remediar é, na situação em que nos encontramos, o mesmo que nos condenar definitivamente.** Atentando um pouco no esboço do plano atrás sugerido — pelos comerciantes, naturalménte — verifica-se uma coisa: eles continuam a pensar que podem e devem contar com as entidades de que em certa medida dependem. Sem o auxìlio dessas entidades e o poder de coordenação que deles imana, nenhum plano será viável. E eles, os comerciantes, retalhistas ou armazenistas, são decerto merecedores da atenção que viria justificar estas palavras do presidente da Corporação de Comércio: **No vencer dos anos, verifica-se que muitas têm sido as variantes da vida dos que se dedicaram às actividades comerciais, provocadas ora pela mudança de métodos por eles empregados, ora pelo sentido das leis decretadas pelos governantes. Entretanto, sempre se pôde verificar que aqueles cumpriram a sua missão, muitas vezes até meritòriamente, quando o rumo tomado foi a expressão exacta do seu significado ou quando a administração dos Estados os chamaram para com elas colaborarem nas resoluções dos problemas basilares das suas economias.**

Belas palavras que são um público reconhecimento da generosa actividade do comerciante da nossa terra. Mas a palavra brilha ainda mais quando envolve um dinamismo que nem sempre tem sido apanágio das agremiações que defendem os interesses do comércio. A hora das meditações foi, há muito, ultrapassada pelos conhecimentos. Se queremos salvar o comércio nacional, teremos de deitar mãos a uma extraordinária obra de planeamento, reconversão e até de generosa comparticipação.

FOTOGRAFIA ?

de 1 a 9 de Julho
das 15 às 23 horas

NA CASA DO ALENTEJO
R. DAS PORTAS DE STO. ANTÃO, 58
(frente ao S.L. Benfica)

profoto 72
exposição

TUDO SOBRE ESTA ACTIVIDADE
PARA PROFISSIONAIS os dias 2, 3 e 5 de Julho
entrada livre

METROPOLITANO NO ROSSIO E RESTAURADORES
PARQUE DE ESTACIONAMENTO NO MARTIN MONIZ

ÚLCERAS
DO ESTÔMAGO E DO DUODENO
DE-NOL
Sem dieta — Sem alcalinos — Sem repouso obrigatório
Sem abandono da vida profissional
PEDIDO DE LITERATURA:
PESTANA & FERNANDES, LDA.
R. da Prata, 153-2.º, Lisboa—R. do Almada, 82-2.º F., Porto

Ribatejo, Sol e Touros

Dia 9 de Julho: Formidável FESTA CAMPERA

Verifique as suas qualidades de «diestro». Delicie-se com a boa cozinha regional fornecida pelo HOTEL ABIDIS de Santarém. Passe um dia maravilhoso onde estiveram as «Misses», no LEZIRÃO - Casa Branca da

CASA AGRÍCOLA FRANCISCO RIBEIRO

INFORMAÇÕES E RESERVAS

WASTEELS EXPRESSO

Av. António Augusto de Aguiar, 88-C—42185
Rua dos Caminhos de Ferro, 62-C—868588
ou na sua habitual AGÊNCIA DE VIAGENS

CASAS PARA TODA A GENTE - 3

RENDAS LIMITADAS, POR QUE NÃO?

Mais importante que falar do direito à Habitação é o esforço a empreender para que as pessoas tenham casas habitáveis. Porque de nada valem os direitos quando não podem ser exercidos. Sendo assim, enquanto se mentalizam as pessoas para serem capazes de reivindicar os direitos perante a comunidade e se exige uma autêntica política de habitação que não pode limitar-se a reformas sectoriais, é preciso estimular todas as iniciativas e recursos sobretudo os resultantes de sectores não lucrativos ou não especulativos. Não se trata, é claro, de procurar as famosas «soluções transitórias»: tudo o que se fizer deve atender à necessidade e ao direito de «habitação integrada», que não se limita às paredes onde a família se aloja mas implica todo o conjunto de equipamentos e serviços sociais indispensáveis e ainda a possibilidade de as famílias poderem exercer o direito de habitar sem arriscarem a sua subsistência ou a melhoria do seu nível de vida.

Sem perder de vista este pano de fundo, vale a pena examinar algumas das soluções ensaiadas sem intuitos lucrativos, nomeadamente as casas de renda limitada e as cooperativas de construção.

Sabe-se que no decénio de 1950-1960 foram construídos 7.800 fogos de renda limitada, todos na cidade de Lisboa. Este número, em si mesmo interessante, acaba por significar apenas 4 por cento da construção total do país, a qual por sua vez, só cobriu a terça parte das necessidades.

O interesse social das casas económicas era de facto grande: mercê das facilidades burocráticas e sobretudo da isenção de sisas e de contribuição predial por seis anos, os senhorios podiam praticar rendas mais baratas que não podiam ultrapassar as tabelas. Assim, no princípio da década de 60, uma casa de três quartos era alugada por 1.110$00. O Decreto n.º 36 212 de 17-4-47 que criou as casas de renda limitada, abriu perspectivas que entusiasmaram muita gente, e não sem razão. As isenções fiscais em benefício deste tipo de construções compensavam suficientemente os construtores, que nos primeiros anos levantaram alguns milhares de casas.

Casas de renda económica nos Olivais

Um complexo das Caixas de Previdência em Santa António dos Cavaleiros

Por AVELINO RODRIGUES

O SISTEMA FALIU...

Cedo porém o sistema foi subvertido: os construtores passaram a exigir o «pagamento da chave» (umas «luvas» que atingiam 50 ou mais contos) e, como se isto não bastasse, puderam vender por andares, a senhorios ou a particulares com poder de compra, os prédios que, em razão do seu benefício social, haviam sido isentados de vários encargos fiscais. Além disso, ao construtor foi permitido seleccionar os inquilinos de acordo com os seus critérios de conveniência pessoal, quando esta tarefa devia ter sido cometida aos serviços públicos, talvez às câmaras municipais, como chegou a ser decretado em vão.

O que é certo é que, a pretexto de não prejudicar as finanças públicas em benefício do construtor, os municípios — nomeadamente o de Lisboa — ignoraram soberamente o srt.º 12º do Decreto-Lei n.º 41532, de 18-2-1958, segundo o qual deveriam reservar-se a construções de renda limitada 50 por cento dos lotes de terreno colocados em hasta pública.

E quais as razões da falência de uma lei tão bem orientada? De acordo com algumas intervenções do Colóquio da Habitação, donde fomos repescar alguns dos mais importantes dados referidos, factores distintos mas convergentes explicam a falência da especulação gananciosa, interesses financeiros dos municípios, desistência dos objectivos legislados.

Por todos estes motivos que põem em causa a eficiência da administração central, o sistema de renda limitada ficou mesmo muito limitado, quando poderia constituir, devidamente alargado e planificado, o primeiro passo importante para a solução do problema habitacional.

Apetece perguntar por que razão caiu no esquecimento o Decreto-Lei 36 212 em que o Governo anunciava a firme decisão de encarar o problema «pela forma mais enérgica», prevendo mesmo uma actuação radical que poderia levar as autoridades a «proibir expressamente a construção de prédios de renda livre»... «se a modalidade das casas de renda limitada não obtiver o êxito que merece». Que a experiência não teve o êxito esperado — é evidente. O que não se entende é que as medidas cominadas pela lei nunca tivessem aparecido.

Em vez do esforço pelo cumprimento da lei, preferiu-se deixar que ela fosse esquecida. Hoje é melhor não falar de casas económicas, porque as construídas já ultrapassaram o prazo dos seis anos de renda limitada, não se verificando, por outro lado, qualquer interesse por parte dos construtores, que afinal ficaram com o campo aberto para construções de luxo onde as possibilidades de lucro são infinitamente maiores.

Nem sequer é de esperar grandes resultados de privilégio concedido recentemente, pelo Ministério das Obras Públicas, aos promotores privados de casas de renda limitada, relativamente à aquisição de terrenos, que de resto, figura em sexto e último lugar na tabela de prioridades. É que os construtores têm outras ambições.

Algo de novo poderá surgir no entanto do citado decreto no capítulo da construção cooperativa, que trataremos no próximo número.

Falemos de hospitais

Enquanto me servia o café o empregado perguntou-me se eu conhecia o hospital do Rêgo.

— Por fora, apenas. Porquê?

Estivera lá a ver um colega doente e ficara muito impressionado com o mau aspecto daquilo tudo. As portas, sem vidros, tinham umas redes esburacadas, tudo com ar de ruína. As visitas não eram autorizadas a entrar no edifício hospitalar, mas os doentes vinham cá fora a um terreno com algumas árvores. Nem bancos, nem cuidados higiénicos. O homem estava muito preocupado.

— Não pode escrever nada sobre o assunto lá no jornal? Aquilo está mesmo com mau aspecto. Ainda por cima um hospital de doenças contagiosas...

— Mas já esteve noutro hospital? — quisemos saber.

— No de S. José. Tive que esperar tempos infinitos para fazer um curativo. Mas este ainda é pior...

Esta conversa tê-la-ia esquecido (a gente ouve tanta coisa desagradável!...) se, dias depois, me não chegasse ao conhecimento a notícia da formação do Grémio Nacional das Casas de Saúde. Para onde vamos nós? Para a solução das coisas, ou para o negócio das coisas?

Por essa mesma altura vimos na televisão um membro do Governo a falar do presente e do futuro do País. E lá disse que «tinhamos de travar, também, a batalha da saúde». Ficamos mais descansados, mas não inteiramente tranquilos. Realmente temos ouvido falar muito no «direito à saúde», na reforma do ensino médico e na necessidade de mais Faculdades de Medicina. Nas cadeiras do Poder, na Assembleia Nacional, a médicos, a simples cidadãos.

Também se fala, claro, da necessidade de uma conveniente cobertura hospitalar do País. Mas se Lisboa tem ainda casos como o do Rêgo e de S. José, que dizer de outras cidades? Falar de hospitais? Sem dúvida, sobretudo das suas carências e da sua ausência na maior parte do território português.

Travemos, pois, «a batalha da saúde», que já não é sem tempo. E sobretudo tomemos bem consciência da enorme dimensão do problema e de que não é com «cortejos de oferendas» que ele se resolve efectivamente!

MANUEL DE AZEVEDO

tem a palavra o leitor

ESTADO SOCIAL OU ESTADO DE DIREITO?

Para o Inquérito «estado Social ou Estado de Direito?», aberto nas nossas colunas, recebemos do nosso leitor sr. José Cansado dos Anjos, de Lisboa, a seguinte resposta:

«Fakando claro: Muitos jurisconsultos dizem, e muito bem, que «Os indivíduos que parecem comandar são os governantes; os indivíduos que eles parecem comandar são os governados» «A autoridade política é sempre um facto social da mesma ordem. Há uma diferença de grau, não há diferença de natureza». «Deve considerar-se o Estado sujeito de Direito e deve ser obrigado á lei, tanto como os governados».

Isto é claríssimo. De outro modo ficaria o Estado á margem do direito.

TRANPORTES COLECTIVOS

De um nosso leitor de Lisboa: «Aplausos ao sr. M. A. pelo seu artigo de 23 do corrente na «Mesa Redonda». Como se supõe que o sr. M. A. tem carro, é de apreciar a isenção com que fala. A maioria dos que escrevem sobre assuntos de trânsito e estacionamento de automóveis mistifica, ocultando a verdade do seu caso e exigindo espaços para satisfazer o seu comodismo pessoal, quando sabe que os 400 carros que diáriamente entram em circulação dentro da cidade tornam impossível resolver um problema que todos os dias apresenta novos números. O problema de circulação para **todos**, peões e carros, não está em arranjar um espaço **impossível** dentro da cidade. Está em afastar da cidade, sobretudo dos lugares de maior actividade, o carro particular.

Para isso é fundamental que os particulares abandonem o seu comodismo burguês, que cada dia se vai tornando mais difícil de satisfazer, para dar lugar aos transportes públicos, que ocupam consideravelmente menos espaço de **todos**, para que esse espaço seja entregue a todos e a vida de todos não seja monopolizada por alguns, em termos de verdadeiro nazismo automobilístico».

EM DEFESA DOS SENHORIOS

Ainda a propósito do artigo do nosso colaborador, sr. dr. M. Roque Laia, sobre o problema da actualização das rendas de casa em Lisboa e no Porto, recebemos uma longa carta da srª. D. Maria Lucília N. Albuquerque, de que reproduzimos a síntese do seu pensamento:

«Ninguém lhe nega o direito incontestável de defender os interesses dos seus representados — os inquilinos — servindo-se de todos os argumentos válidos e concretos, mas não se compreende nem admite, que para conseguir os seus desígnios, lance sobre os senhorios uma avalanche de calúnias e insultos que provocam a mais veemente repulsa.

Efectivamente, em vez de apresentar motivos plausíveis e convincentes, ataca deliberadamente os senhorios, acusando-os de «especuladores» de quem trabalha, «oportunistas» e «parasitas auferindo rendimento mensal sem trabalho próprio» etc. etc., o que constitui uma ignomínia inadmissível, dirigida a uma prestimosa classe que não é composta apenas de salteadores, como parece insinuar.

Há entre os senhorios, como entre os inquilinos, indivíduos de irrepreensível dignidade e formação moral, que nada têm a ver com alguns casos de especulação que eventualmente existam, e não podem tolerar que públicamente e insistentemente sejam vilipendiados e apontados como «exploradores de quem trabalha» quando na realidade, para cúmulo de injustiça, são muitos deles vítimas de uma exploração que nem se compreende nem se justifica.»

mesa redonda